

JUAN PABLO ESCOBAR

# PABLO ESCORAR

**EM FLAGRANTE**

O QUE MEU PAI NUNCA ME CONTOU

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**PABLO  
ESCOBAR**  
*EM FLAGRANTE*

JUAN PABLO ESCOBAR

**PABLO  
ESCOBAR  
EM FLAGRANTE**

O QUE MEU PAI NUNCA ME CONTOU

TRADUÇÃO  
BRUNO MATTOS

 Planeta

Copyright © Juan Sebastián Marroquín Santos, 2016

Copyright © Editorial Planeta Colombiana, 2016

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017

Título original: *Pablo Escobar in fraganti: lo que mi padre nunca me contó*

Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Thais Rimkus

*Revisão:* Juliana Rodrigues e Nina Rizzo

*Diagramação:* Vivian Oliveira

*Capa:* adaptada do projeto original

*Adaptação para eBook:* [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E73p

Escobar, Juan Pablo

Pablo Escobar em flagrante / Juan Pablo Escobar ; [tradução Bruno Mattos].

-- 1.ed. -- São Paulo : Planeta, 2017.

Tradução de: Pablo Escobar in fraganti

ISBN 978-85-422-0941-9

1. Escobar, Pablo, 1949-1993. 2. Fugitivos da justiça - Colômbia - Biografia. 3. Narcotraficantes - Colômbia - Biografia. 4. Estados Unidos - Relações exteriores - Colômbia. 5. Colômbia - Relações exteriores - Estados Unidos. 6. Tráfico de drogas - Colômbia. I. Mattos, Bruno. II. Título.

17-39639 CDD: 364.17709861

CDU: 343.432(862)

2017

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21<sup>o</sup> andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

Para meu filho, Juan Emilio, e para a humanidade,  
diante de quem me comprometo a ser sempre um homem de paz,  
a fim de não deixar um legado como o que herdei de meu pai...  
para que a história dele não volte a se repetir.

Para minha amada e incondicional esposa,  
para minha mãe, para minha irmã, para minha avó materna e  
para todas as mulheres que fizeram de mim um homem melhor.

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1. NA PISTA DE BARRY SEAL

CAPÍTULO 2. O ETERNO DRAMA DE  
SERMOS "FILHOS DE..."

CAPÍTULO 3. "ESSE HOMEM TEM MAIS  
VIDAS QUE UM GATO"

CAPÍTULO 4. NOVAS VERSÕES DE  
VELHAS HISTÓRIAS

CAPÍTULO 5. SANTOFIMIO

CAPÍTULO 6. MEU PAI E MALÉVOLO

CAPÍTULO 7. AS ÚLTIMAS HORAS DE  
MEU PAI

CAPÍTULO 8. A ROTA DO "TREM"

CAPÍTULO 9. O TESOUREIRO DE MEU  
PAI

CAPÍTULO 10. FINEVERY

CAPÍTULO 11. ANEDOTÁRIO

CAPÍTULO 12. AS NARCOSSÉRIES E MEU  
PAI

CAPÍTULO 13. O DIREITO A UMA  
SEGUNDA OPORTUNIDADE

# APRESENTAÇÃO

Muitas pessoas me perguntaram o motivo de escrever um segundo livro sobre meu pai. Por acaso já não contei todas as histórias em *Pablo Escobar, meu pai?* Minha resposta é simples e direta: este novo livro é revelador e contém depoimentos muito delicados, que nunca foram publicados, trazendo à tona a verdade sobre diversos fatos que contaram com participação direta de meu pai e que até agora permaneciam na penumbra.

A pesquisa criteriosa que empreendi para este novo título, percorrendo diversos cantos da Colômbia durante seis meses na companhia de meu editor, levou-me ao encontro de muitas pessoas e histórias que me permitiram pegar meu pai em flagrante.

Este livro revela onde e com quem ele estava no dia em que seus pistoleiros assassinaram o ministro da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla. Também expõe as minúcias de sua relação com o grupo rebelde M-19 e de sua participação no sequestro da irmã de um de seus melhores amigos. Antes, nada havia sido dito sobre sua relação próxima com Barry Seal, piloto da Central Intelligence Agency (CIA) e informante da Drug Enforcement Administration (DEA), e pouco se sabia sobre a forma e os meios que empregou para Pablo Escobar tornar-se imensamente rico. Da mesma forma, há reflexões do filho de um de seus maiores aqui-inimigos e o relato do chefe paramilitar que ganhou a guerra contra meu pai. Nesse percurso, descobri ainda suas alianças macabras com a corrupção internacional, o que não apenas me deixou surpreso, como também, confesso, com medo de trazê-las a público.

As páginas a seguir fazem parte de um exercício muito pessoal, profundo e sincero, que pretende contar uma história para que ninguém a repita. Quero compartilhar minhas experiências de vida

ao lado de meu pai, Pablo Escobar, e as profundas feridas em razão das quais decidi não ser igual a ele. Também é um exercício que evidencia que a paz e a reconciliação não são meras utopias. Espero, sinceramente, que todos possam aprender com minha história, meus erros e os de meu pai. Portanto, ofereço este texto como contribuição para a verdade e a reparação simbólica daqueles que foram afetados pelos crimes cometidos por Pablo Escobar.

Não tenho uma agenda política, não busco revanches nem desquites, não quero incomodar as vítimas de meu pai nem ameaçar os delinquentes que seguem entocados junto ao poder. Só quero contar histórias e ajudar, de alguma maneira, a esclarecer a verdade sobre uma época que marcou para sempre não apenas a Colômbia, mas o continente inteiro.

Em 2 de dezembro de 1993, às 3:30 da tarde, ameacei o país: “Vou matar esses filhos da puta com minhas próprias mãos”. Estava tomado pela dor. Meu pai havia morrido, e eu era apenas um adolescente que não sabia o que estava dizendo. Então, eu me vi diante da maior encruzilhada de minha vida: seguia a trilha de ódio e sangue trilhada por meu pai ou me retratava e me comprometia a jamais dar motivos para que se queixassem de mim. Embora vivesse em meio ao fogo cruzado, decidi-me pela paz, e há 23 anos cumpro ininterrupta e cotidianamente minha promessa de fazer o bem. Hoje posso afirmar que conquisto, pouco a pouco, o direito a uma nova chance, pois herdei uma história da qual não me orgulho, de caráter universal, que me levou até os confins do mundo a fim de conscientizar as pessoas e convidá-las a não a repetir. As histórias de meu pai devem ser contadas de forma séria e com muita responsabilidade.

Eu sou arquiteto. Em minha profissão, aprendi a sonhar, desenhar, reconstruir e me reinventar como homem de princípios sólidos. Quero ensinar isso a meu filho e, embora tenhamos sido obrigados a começar uma vida a partir dos escombros, o desejo de seguir em frente e viver teve o poder necessário para que conseguíssemos – e aqui estamos nós, assumindo uma obrigação que me foi imposta pela própria vida enquanto filho, pai e homem que sou.

Agradeço aos inimigos de meu pai, de quem não guardo nenhum rancor, por terem deixado em meus bolsos apenas a necessidade de ganhar a vida dentro da lei. Hoje sou imensamente rico, porque posso olhar para meu filho, brincar com ele e contar-lhe histórias. Estou vivo, sou livre e continuo rodeado por uma família amorosa, que permanece unida nos momentos de alegria e tristeza. Essa é minha fortuna.

Para que ter uma mansão, se não há ninguém esperando por nós? Qual é o sentido de construir um grande império se, no fim das contas, tudo for destruído, inclusive nossa família? De que servia ter muito dinheiro em um esconderijo se não podíamos sair nem para comprar um quilo de arroz a fim de matar a fome? De que servia impor o terror ao país inteiro, se com isso também empurrava sua família em direção ao precipício? Meu pai nunca viu as coisas dessa maneira. Sua vida acabou e, com ela, também sua fortuna, que não foi utilizada sequer para indenizar suas vítimas.

Cresci em um lar onde sobrava amor. Embora meu pai fosse um bandido duro e insensível, conosco era amoroso, cantava para a filha e se divertia brincando comigo. Apesar disso, perdeu os momentos de felicidade mais importantes de sua vida ao lado da família que tanto protegia. Perdeu a chance de ver os filhos crescerem, conhecer seus netos e envelhecer ao lado de minha mãe.

***Juan Pablo Escobar***

CAPÍTULO 1

# **NA PISTA DE BARRY SEAL**

*Juan Pablo, muito obrigado por permitir que eu enviasse uma mensagem privada. Meu nome é Aaron Seal, e sou filho de Barry Seal. Tenho certeza de que esse nome soa familiar para você, assim como o de seu pai soa para mim. Li por aí que você procurou se reconciliar com pessoas que fizeram parte do passado de Pablo Escobar, o que faz de você um grande homem. Falei com os homens que apertaram o gatilho e mataram meu pai para dizer que tinham meu perdão.*

*Só quero que você saiba que, há muito tempo, perdoei seu pai por ser (supostamente) o mandante do assassinato de meu pai. Escrevo com humildade para pedir que você perdoe meu pai, que se dispôs a prestar depoimento contra o seu e os sócios dele. Meu pai só queria salvar a própria pele – e pagou caro por isso. Só quero que você saiba que não há ressentimentos de minha parte, tampouco da de minha mãe. Juan, consigo entender melhor que a maioria das pessoas como a sua vida é difícil. Meu caminho também foi árduo, mas o Senhor é minha fortaleza. Não vou ficar ofendido se você decidir não responder. Deus o abençoe.*

**Aaron.**

Na manhã de 25 de julho de 2016, eu conferia ao acaso as diversas mensagens que recebo pelas redes sociais, quando uma delas me chamou a atenção pelo sobrenome do emissário. Foi uma grata surpresa ler as nobres e sensatas reflexões do jovem Aaron Seal, e minha primeira reação foi entrar em contato com ele.

Como não falar com Aaron? O pai dele, Adler Berriman Seal, foi assassinado a mando de meu pai como vingança por ter tirado várias fotografias em 1984, nas quais meu pai e Gonzalo Rodríguez Gacha, o Mexicano, aparecem carregando um aviãozinho de cocaína

em uma pista de pouso na Nicarágua. Até hoje, aquelas imagens são a única prova que ligam meu pai de forma direta ao tráfico de entorpecentes.

Adler Berriman Seal, que preferia ser chamado de Berry Seal, foi um famoso jovem piloto norte-americano que trabalhou para diversas companhias aéreas comerciais e teve a ousadia de ser, ao mesmo tempo, agente da CIA, informante da DEA e piloto de meu pai no início da década de 1980, época dourada do cartel de Medellín.

Aos 24 anos de idade, Seal tornou-se o piloto mais jovem dos Estados Unidos a voar sozinho pela companhia aérea norte-americana TWA. Era tão audaz que se tornou membro ativo da Civil Air Patrol, organização criada em 1930 por aviadores civis que ofereciam suas habilidades para defender voluntariamente o território norte-americano, com seus próprios aviões. Essa instituição era subordinada ao Departamento de Defesa sob jurisdição da Army Air Corps, a força aeronáutica do Exército norte-americano; no entanto, em 1943 o presidente Harry Truman incorporou-a em definitivo como braço auxiliar da Força Aérea dos Estados Unidos, a U.S. Air Force.

Após vários anos como piloto comercial, Seal ajudou a CIA com voos ilegais que entraram nos Estados Unidos carregados de heroína para financiar diversos conflitos ao redor do mundo, sobretudo em operações anticomunistas. Mas logo a ambição o levou à cadeia: em 1979, foi detido em Honduras sob a acusação de tráfico de drogas. Ficou nove meses em uma prisão em Tegucigalpa, onde conheceu o piloto colombiano William Rodríguez, que ofereceu a ele um trabalho junto ao cartel de Medellín. Já em liberdade, Seal se destacou pilotando os próprios aviões (tinha quatro *DC-10* e gostava de chamá-los de *The Marijuana Air Force*) e os aviões de meu pai; chamou atenção por sua audácia ao transitar com aeronaves repletas de cocaína entre a Colômbia e o sul da Flórida. No círculo mais íntimo do cartel, Seal era conhecido como Mackenzie.

A relação próxima entre meu pai e Seal pode ser confirmada pela seguinte anedota: um dia, meu pai pediu que eu o acompanhasse para ver o que, segundo ele, seria uma aterrissagem

espetacular de um “gringo louco” na pista da fazenda Nápoles. A pista tinha apenas 900 dos 1.200 metros de comprimento necessários para a aterrissagem de um avião *Douglas DC-3*. A aeronave carregava animais para o zoológico da fazenda.

Ficamos de um lado da pista e, de repente, avistamos no céu um avião imenso, precipitando-se em direção à terra como se estivesse prestes a se estatelar. Ele tocou o solo com um movimento brusco e deslizou ao longo da pista, que parecia curta demais. Os freios adquiriram um tom vermelho intenso, e em poucos instantes o piloto executou uma manobra, fazendo com que o avião girasse sobre a roda traseira e evitando sua queda em um precipício. Assim que a aeronave parou, em meio a uma nuvem de poeira, um homem gordo abriu a porta, desceu e se aproximou para cumprimentar meu pai. O “gringo louco” da aterrissagem espetacular era Barry Seal. Tenho certeza de que, naquele dia, meu pai passou a estimá-lo ainda mais pela audácia demonstrada durante a arriscada operação, da qual até os animais saíram ilesos.

Seal recebeu uma boa quantia de dinheiro por aquela aventura e voltou para casa com um presente bastante exótico, que só podia vir de meu pai: um filhote de arara-azul, originário do Brasil, confinado dentro de uma caixa de sapato. Como eu já havia contado no livro anterior, em uma viagem que fez ao Brasil em 1982, recém-eleito deputado federal, meu pai furtou uma arara-azul. Curiosamente, naquela ocasião ele viajou em um avião *Lear Jet* idêntico ao que Seal tinha nos Estados Unidos.

Pelo que me contaram a respeito de Seal, é fácil entender por que caiu nas graças de meu pai: era capaz de tudo e, de certa maneira, foi precursor de vários métodos para levar drogas e armas ao coração dos Estados Unidos. Por exemplo: elaborou um sistema para que um piloto lançasse carga dos ares, atada a um paraquedas que se abria ao cair. No carregamento, havia um rastreador que emitia sinal, e logo um helicóptero surgia para prendê-lo com um gancho. Então, com precisão milimétrica, aparecia um caminhão que circulava a uma velocidade moderada à espera do helicóptero, depositando a cocaína na parte traseira do veículo. A mesma operação podia ser realizada em pântanos, onde a droga era

recolhida por um aerobarco, ou até mesmo no mar, onde Ellie Mackenzie (de quem falaremos adiante) resgatava a carga com um bote de pesca. Seal também tinha um local favorito por onde entrar com os carregamentos que buscava na longínqua Colômbia: a pista de aterrissagem conhecida como Summer Field Road, em Port Vincent, no estado da Louisiana.

No entanto, a carreira meteórica de Seal foi interrompida pela agência antidrogas dos Estados Unidos, a DEA, que o prendeu em Miami no início de 1984, sob acusações de lavagem de dinheiro e contrabando de Quaalude ou metaqualona, um poderoso sedativo de propriedades hipnóticas que os jovens da época utilizavam como droga recreativa. Conforme Aaron me contou, o carregamento pelo qual o pai foi detido não era de Quaalude, mas de açúcar. A verdade é que Seal havia sido vítima de uma armação, mas, quando descobriu e tentou se desfazer do material, um amigo disse que venderia ele mesmo os comprimidos em algumas discotecas de Miami. No fim, acabou respondendo por formação de quadrilha. Frente à possibilidade de passar anos na prisão, Seal não teve outra opção senão assinar um acordo com a Justiça para delatar seus sócios colombianos.

A colaboração de Seal com a DEA teve início em um episódio que só agora vem a público: ele pensou em se oferecer aos chefões do cartel de Medellín para escondê-los em sua casa de Baton Rouge, na Louisiana, argumentando que ficariam mais seguros dentro dos Estados Unidos do que fora. A proposta incluía deslocamento aéreo em seu próprio avião. Seal apresentou a ideia em uma reunião de cúpula de mafiosos na Cidade do Panamá, e o plano parecia fazer tanto sentido que vários integrantes chegaram a cogitá-lo seriamente. No entanto, a esposa de um dos chefões, cujo nome não estou autorizado a mencionar, intuiu que Seal estava armando para cima deles. Ela tinha razão: mais tarde, descobririam que Seal pretendia levar todo o cartel em um único voo e entregá-los à DEA para cumprir parte do acordo que ele tinha com a instituição. Na verdade, a mulher nunca tinha ido muito com a cara de Mackenzie, e suas ressalvas sepultaram a ideia de esconder os chefões nos Estados Unidos.

O foco dos agentes secretos norte-americanos se concentrou, então, em meu pai e no Mexicano, que foram rastreados na Nicarágua quando estavam reunidos com intermediários do regime sandinista para organizar o envio de cocaína do solo nicaraguense à costa sul da Flórida.

Foi assim que os norte-americanos montaram uma temerária operação em que Seal pilotaria um avião munido de uma potente câmera fotográfica oculta na fuselagem. A ideia era provar o envolvimento do regime sandinista da Nicarágua com a máfia colombiana.

A história dessa complexa trama é a seguinte: os agentes secretos e Seal concluíram que a maneira mais convincente de montar a armação seria vender um avião militar a meu pai, mas logo se depararam com um obstáculo, porque aeronaves desse tipo não eram catalogadas e, portanto, não era possível comercializá-las. Assim, decidiram publicar fotografias de um exemplar nos classificados de uma revista especializada em aviação. Meu pai mordeu a isca: quando se reuniu com Seal e este lhe mostrou a publicação, pediu a ele que comprasse o avião, porque era adequado para o tráfico a partir da Nicarágua.

Assim que recebeu um potente turboélice *C-123*, Seal o batizou de *The Fat Lady* [A senhora gorda]; ele precisou arrumar a rampa de acesso, que não baixava direito. Então, um técnico enviado pela CIA instalou a câmera dentro de um caixote na parte superior direita da entrada traseira do avião. Contudo, havia o grave inconveniente de que o controle remoto era muito rudimentar e produzia um clique barulhento quando o botão era pressionado. A única maneira de evitar que meu pai e suas companhias descobrissem o esquema seria mantendo os motores da aeronave ligados.

Assim, na noite de 25 de maio de 1984, Seal aterrissou e ordenou que o copiloto pisasse fundo no acelerador enquanto ele procurava o momento adequado para tirar as fotografias. Incomodado com o barulho, meu pai pediu a Seal que desligasse os motores, mas ele respondeu que não podia fazer isso devido a falhas técnicas que tornariam a partida arriscada. Meu pai aceitou a explicação.

Finalmente, Barry Seal tirou escondido as reveladoras imagens que captaram o instante exato em que meu pai, o Mexicano e Federico Vaughan, funcionário de alto escalão do Ministério de Interior da Nicarágua, auxiliavam soldados nicaraguenses a erguer quatro sacos contendo 600 quilos de cocaína. Era o primeiro carregamento que enviavam do pequeno aeroporto de Los Brasiles, situado não muito longe de Manágua, capital da Nicarágua. Seal aterrissou naquela mesma noite no aeroporto da base aérea de Homestead, no extremo sul da Flórida.

Naquela época, meu pai e o Mexicano eram fugitivos da Justiça da Colômbia, onde eram procurados pelo assassinato do ministro da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla, ocorrido em 30 de abril de 1984.

A sequência fotográfica foi publicada em meados de julho daquele ano em diversos jornais dos Estados Unidos. Era um documento incontestável, pois haviam flagrado meu pai com a mão na massa. Barry Seal o traíra, e isso lhe custaria a vida.

O vazamento das fotografias nos meios de comunicação causou um dano duplo: colocou meu pai e o Mexicano em evidência e mostrou que o regime sandinista havia se aliado à poderosa máfia colombiana. A permanência de meu pai e seu sócio na Nicarágua se tornou insustentável após o escândalo, e os dois retornaram à Colômbia duas semanas depois.

Durante a pesquisa que realizei para este capítulo, soube que meu pai se dispôs a acabar o quanto antes com a vida de Seal e, para isso, telefonou para diversos contatos nos Estados Unidos.

O primeiro a receber a missão de eliminar Seal foi Max Mermelstein, engenheiro mecânico natural do Brooklyn, em Nova York, que também trabalhava para o cartel e gozava de merecida reputação, pois ao longo de vários anos ingressou com 56 toneladas de cocaína nos Estados Unidos, gerando ganhos próximos a 300 milhões de dólares. Mermelstein havia entrado para a organização de meu pai no final dos anos 1970 por meio de Rafael Cardona, vulgo Rafico, um homem de sua confiança nos Estados Unidos.

Contudo, na manhã de 5 de junho de 1985, justo quando o complô contra Seal se organizava conforme as instruções de meu pai, Mermelstein foi preso enquanto dirigia seu luxuoso Jaguar. No

início, estava tranquilo, porque achou que em questão de dias o cartel de Medellín se encarregaria de sua fiança e dos cuidados com sua família, como havia sido combinado quando ele começara a trabalhar para a organização. Mas isso não aconteceu. Rafico errou ao não pagar a fiança de 550 mil dólares estipulada pelo juiz; em vez disso, decidiu ameaçá-lo para evitar que depusesse contra ele e seus sócios.

Não passara pela cabeça de Mermelstein a ideia de testemunhar contra meu pai e seus sócios, pois só constava em seu processo que haviam sido encontrados 250 mil dólares debaixo de uma cama em sua casa – aparentemente um delito fácil de explicar. Mas, diante da postura de Rafico, Mermelstein temeu por sua vida e pela de sua família e não teve outra opção senão se transformar em um dos informantes mais valiosos e custosos da história dos Estados Unidos. Tanto é que a Secretaria de Proteção a Testemunhas do Departamento de Justiça ofereceu resguardo a 31 membros de sua família, 16 dos quais aceitaram.

Uma vez levado ao tribunal, Mermelstein revelou a existência do complô para executar Seal e explicou que havia atrasado o plano deliberadamente porque, pelas ordens de meu pai, não importava se fosse assassinado por uma ou várias pessoas, contanto que fossem todas norte-americanas. Caso os pistoleiros fossem presos, Pablo não queria nenhuma relação entre o crime e o cartel de Medellín.

Em seu livro *The man who made it snow* [O homem que fez chover cocaína], publicado em abril de 1990, Mermelstein escreveu que nunca quis assassinar Seal porque seu negócio era traficar, não matar. Também afirmou saber que teria que pagar com a vida caso não cumprisse aquela missão tão delicada.

Mermelstein revelou que, com o propósito de assassinar Seal, entrou em contato com um homem chamado Jon Pernell Roberts, que no passado havia alardeado possuir uma ligação com a máfia local norte-americana. Sem dúvidas era o homem certo para o “trabalho”. Roberts, por sua vez, colocou Mermelstein em contato com Reed Barton (dois velhos conhecidos, porque um alugava os veículos em que o outro transportava cocaína), e os dois viajaram juntos algumas vezes para Baton Rouge, onde realizaram tarefas de

inteligência e espionagem nos locais mais frequentados por Seal, ainda que não tenham conseguido encontrá-lo. A tentativa fracassou.

Para agilizar o atentado contra Seal, meu pai enviou um piloto conhecido como Cano para se reunir com Mermelstein. Cano, que havia realizado diversas viagens com Seal em território colombiano para traficar drogas, conhecia o lugar onde o americano morava, bem como sua rotina, seu restaurante preferido e até mesmo seu local de trabalho. As informações fornecidas por Cano foram escritas em pequenos papéis que ficaram guardados na carteira de Mermelstein. Ele entrou em pânico, certo de que seria acusado caso Seal fosse assassinado.

A possibilidade de ser responsabilizado por um crime que não cometera deixou Mermelstein tão atormentado que ele se arriscou a telefonar, da prisão em que estava preso, nos Estados Unidos, para Rafico, em Medellín. “Deixem Barry Seal em paz”, gritou, mas ouviu como resposta que meu pai já havia dado ordens nesse sentido e não era possível voltar atrás. Após a conversa malfadada, Mermelstein sentiu que também era um homem morto, porque, embora o considerasse amigo e houvessem gerado muito dinheiro juntos para o cartel de meu pai, Rafico tratou-o com uma mistura preocupante de desprezo e displicência.

Por isso, mais assustado do que nunca, Mermelstein<sup>[1]</sup> telefonou para seu advogado e deu uma única instrução: “Me arranje o melhor acordo possível”. Seu defensor insistiu em que esperassem um pouco porque as acusações contra seu cliente eram fracas, embora houvesse interesse perceptível das autoridades em evitar sua libertação. Tanto era assim, que, de um momento para o outro, um juiz de Los Angeles aumentou a fiança de 550 mil dólares para 2 milhões de dólares.

Enquanto isso, tendo em vista que Max Mermelstein fracassara em sua missão ao ser preso, meu pai decidiu manter a oferta pela cabeça de Seal: 1 milhão de dólares se o levassem vivo até Medellín; meio milhão caso fosse assassinado. Seu único interesse era acabar com Seal. Para tanto, confiou a missão a Cuchilla, que também

trabalhava sob o codinome Pasarela e na verdade se chamava Guillermo Zuluaga – um delinquente nascido no município de La Estrella e sócio fundador do Envigado Fútbol Club.

Para executar o homicídio de Seal, Cuchilla contratou os serviços de Luis Carlos Quintero Cruz, Bernardo Antonio Vásquez e Miguel Vélez, vulgo Cumbamba. Os dois primeiros entraram ilegalmente nos Estados Unidos pela fronteira com o México. Cumbamba já morava em Miami e trabalhava para a narcotraficante Griselda Blanco e seu marido, Darío Sepúlveda.

Por fim, Barry Seal foi assassinado às 6 da tarde de 19 de fevereiro de 1986 por enviados de meu pai que o localizaram no estacionamento de uma sede do Exército da Salvação, onde estacionava seu Cadillac branco modelo 1979. Luis Carlos Quintero disparou uma saraivada de balas com uma metralhadora Ingram Mac-10, calibre 45, com silenciador; quatro tiros atingiram Seal, que estava no banco do motorista. Morreu na hora. A Bíblia que ele deixava no painel do veículo ficou manchada de sangue.

O crime não ficaria impune, porque as autoridades da Louisiana realizaram uma imensa operação e conseguiram capturar os perpetradores. Dois deles foram detidos pelo Federal Bureau of Investigation (FBI) no aeroporto da cidade, e o terceiro, que havia contratado um táxi para ir até a Flórida com o intuito de chegar ao aeroporto de Miami e fugir para a Colômbia, foi vítima do acaso: o veículo matou um veado que atravessava a via, e o motorista precisou telefonar para o serviço de proteção ambiental. No entanto, como já havia sido emitido um alerta de busca por um homem de traços hispânicos, o suspeito foi identificado quase imediatamente.

Em 20 de setembro de 2015, em Medellín, em razão das filmagens de *Mena* (superprodução cinematográfica protagonizada por Tom Cruise), que conta a vida de Seal, o jornal *El Tiempo* publicou, sobre os homicidas enviados por meu pai:

*Em 13 de maio de 1986, um júri da Louisiana salvou os três pistoleiros da morte na cadeira elétrica, como pedia a promotoria, mas condenou-os à prisão perpétua. Vélez morreu aos 66 anos na penitenciária Angola, na Louisiana.*

*Quintero Cruz e Vásquez permanecerão no complexo penitenciário David Wade até a sua morte.*

No julgamento, Max Mermelstein foi uma das principais testemunhas de acusação. Seu depoimento foi contundente porque ele afirmou que a metralhadora Ingram com a qual Seal foi assassinado havia sido preparada em sua casa um tempo antes. Os peritos forenses encontraram orifícios na parede do imóvel que coincidiam com os testes balísticos realizados.

Em 25 de maio de 2015, quase trinta anos após o homicídio, Debbie, viúva de Seal, lembrou em uma entrevista ao jornal *Daily Mail*, da Inglaterra, os acontecimentos do dia em que um amigo telefonou a ela para informar sobre a morte de seu marido:

*Botei meus filhos no carro e comecei a dirigir para lá... fiquei presa no trânsito, então parei em um telefone público e disse a eles: "Não sei para que hospital eu vou". Então eles me disseram: "Debbie, volte para casa, ele não vai para nenhum hospital". Eu disse aos meus filhos que o pai deles estava morto. Levei-os para casa. Então fui até a cozinha e chorei.*

Em diversas ocasiões, a viúva de Seal alegou publicamente que, embora meu pai e o Mexicano quisessem ver seu marido morto, ele também sabia de muitos pecados da CIA e de alguns políticos em relação ao narcotráfico, que era permitido para financiar as operações dos "Contra" nicaraguenses. Seal também conhecia segredos do escândalo "Irã-Contra", que denunciou o coronel Oliver North pela compra ilegal de armas do Irã para auxiliar a luta anticomunista na Nicarágua. Curiosamente, o FBI encontrou junto ao corpo de Seal o número de telefone do então vice-presidente dos Estados Unidos, George Bush, encarregado da guerra contra as drogas durante a administração do presidente Ronald Reagan, confirmando que ele agia junto aos mais altos escalões.

É surpreendente como as autoridades norte-americanas da época foram ingênuas ao cuidar de Seal. Estavam cientes de como

meu pai era perigoso, pois já era sabido que havia sido o mandante do assassinato de Rodrigo Lara Bonilla, na Colômbia. Com tais antecedentes, parece óbvio que muitos gostariam que Seal andasse sozinho e se transformasse em uma presa fácil, pois o cartel de Medellín não seria o único a tirar proveito de sua morte. Os movimentos do agente secreto da CIA e informante da DEA eram claramente delimitados pelo juiz Frank Polazola, que ordenou que Seal ficasse na sede do Exército da Salvação todos os dias, das 6 da tarde às 6 da manhã. Foi ali que ele morreu. Apesar do risco iminente que Seal corria, o juiz não apenas o proibiu de contratar uma escolta, que ele mesmo pagaria, como também disse que o mandaria para a prisão caso fosse flagrado portando armas.

No epitáfio da tumba de Adler Berriman Seal está escrito o seguinte texto, que ele mesmo pediu que a esposa mandasse talhar: “Um aventureiro rebelde como aqueles que, em dias passados, tornaram a América grande”.

Barry Seal foi assassinado cinco dias antes de meu aniversário de 9 anos. Por isso meu encontro com seu filho Aaron três décadas mais tarde seria mais que transcendental. Respondi à inesperada mensagem assim:

*Olá, Aaron,*

*Fiquei muito surpreso com as ternas palavras de sua mensagem. Sei que diz isso de coração, consigo sentir, e quero que você saiba que não tenho absolutamente nenhum orgulho dos crimes cometidos por meu pai. Sinto muito por sua perda e por todo o seu sofrimento. E peço desculpas em nome de meu pai. Dou o meu melhor para inspirar os jovens quando falo com eles e sempre digo que, com sua vida, o único exemplo que meu pai nos deixou foi do caminho que não devemos trilhar.*

*Gostaria de conhecê-lo melhor, de verdade. Acho que a paz não é um sonho impossível e que, juntos, podemos compartilhar muitas coisas e aprender um sobre o outro – e também sobre nossos pais. Adoraria conhecê-lo pessoalmente. Acha que seria possível?*

*Não posso viajar aos Estados Unidos porque não tenho visto, mas consigo entrar em qualquer outro país do mundo, caso você queira.*

**Sebastián.**

Aaron e eu trocamos algumas mensagens e decidimos realizar e filmar uma videoconferência. Desde o início achamos que, no futuro, a conversa poderia ter um impacto muito positivo. Este foi o diálogo, que originalmente aconteceu em inglês:

**Aaron Seal:** Olá!

**Juan Pablo Escobar:** Olá, Aaron, tudo bem? Esta conversa é muito importante para mim, o fato de entrarmos em contato.

**A. S.:** Para mim também.

**J. P. E.:** Quantos anos você tem?

**A. S.:** Acho que sou alguns meses mais velho que você. Nasci em outubro de 1976. Você, se não me engano, em fevereiro de 1977.

**J. P. E.:** Me diz uma coisa, você chegou a conhecer bem seu pai? Teve tempo de conviver com ele?

**A. S.:** Quando ele foi morto, eu tinha 9 anos. Não tive muito tempo para conviver com ele, mas foi bom enquanto durou.

**J. P. E.:** E você se dava bem com ele?

**A. S.:** Sim, antes de matarem ele, sim. Era um homem bom, era bom com sua família. Tenho um irmão 1 ano e 3 meses mais velho que eu e uma irmã 3 anos mais nova. Além disso, tenho dois meios-irmãos do casamento anterior de meu pai, eles devem ter uns 45 anos. Nunca tive nenhuma relação com minha meia-irmã. E a relação com meu outro meio-irmão é distante.

**J. P. E.:** Eu tenho uma irmã mais nova, de 32 anos. Ela e minha mãe estão bem, graças a Deus. Bom, você sabe bem o que é uma guerra e quais são suas consequências. É um verdadeiro milagre estarmos vivos.

**A. S.:** Sim, amém.

**J. P. E.:** Sim, foi uma guerra muito dura e não queremos que isso se repita. Não queremos seguir os passos de meu pai.

**A. S.:** Eu segui os passos do meu por muitos anos. Bom, não fui tão longe quanto ele, mas segui seu caminho em muitos sentidos. Me envolvi com o tráfico de drogas. Costumava ir ao México buscar drogas – medicamentos controlados, por exemplo. Depois me envolvi pesado com o uso de drogas e passei muitos anos lutando contra o vício. E o Senhor me resgatou. Agora sou pastor e estou casado há quatro anos e meio. Finalmente encontrei uma mulher que me aguenta.

**J. P. E.:** Eu estou casado há treze anos, mas moramos juntos há vinte e quatro. Tenho um filho, Juan Emilio, de 3 anos e meio. Esperamos muito tempo para ter filhos porque sentíamos que seria uma responsabilidade muito grande. Quando pensávamos em seu futuro e no momento certo para termos filhos, as respostas não eram muito claras. Finalmente, Deus nos deu um grande presente, um garoto muito nobre, saudável e inteligente. Aaron, como está sua mãe?

**A. S.:** Se eu dissesse que está bem, estaria mentindo. Está viva, está bem, mas às vezes seu emocional desmorona. Ela não conseguiu superar o passado – não apenas no que diz respeito ao meu pai e à morte dele, mas também à vida que levou com ele. Para ser honesto, ela nunca superou isso.

**J. P. E.:** Por favor, diga a ela em nome de minha família que pedimos perdão pela morte de seu marido.

**A. S.:** Ela não guarda nenhum rancor contra ninguém, só não conseguiu superar a dor com a qual precisa lidar. Não só pela morte de meu pai, mas por tudo relacionado a ele, pela angústia que sentia por aquela vida, com a polícia atrás deles, enfim. Ela realmente nunca conseguiu superar. Não sei se tive a oportunidade de comentar com você que minha mãe e eu conseguimos entrar em contato com duas das pessoas que dispararam contra o meu pai e dissemos que não guardávamos ressentimentos, que não havia sido culpa delas, porque meu pai tomou as próprias decisões durante a vida. Quando falo isso, me perguntam como fui capaz de perdoar os homens que dispararam contra meu pai. Eu respondo: “Olha só, os homens que dispararam contra o meu pai não mataram ele, porque o pecado também matou o meu pai de mil maneiras diferentes. Um

exemplo é a cobiça”. Assim, para nós meu pai é o único responsável pelas decisões que tomou em vida. Nós o amamos e sentimos sua falta, mas falo por mim e por minha mãe: é assim que nós vemos as coisas. Não posso falar por mais ninguém.

**J. P. E.:** Não consigo encontrar a palavra certa em inglês, mas acho que pensando assim você encontrou a paz.

**A. S.:** Sim. Quando exerço meu trabalho de pregação e as pessoas me dizem que não querem perdoar alguém, eu digo que desse jeito elas não estão causando dano a quem causou o mal, mas apenas a si mesmas. Eu digo: “Você acha que está prejudicando eles, mas só está fazendo mal a si mesmo”.

**J. P. E.:** Concordo plenamente. Queria saber se poderia enviar para você um exemplar do livro que publiquei sobre meu pai, o título é *Pablo Escobar, meu pai*.

**A. S.:** Claro, foi justamente por esse livro que eu te encontrei.

**J. P. E.:** Escrevi esse livro com muitas lágrimas, mas sem odiar ninguém. Meu compromisso é com a verdade e com o que aconteceu, é escrever sobre as lições de vida de meu pai – as quais eu não segui. Não escrevi esse livro com a intenção de justificar nenhum de seus atos violentos. Se tentarmos esconder o que sabemos e fugirmos de nosso passado, não aprenderemos nada enquanto sociedade. Hoje vemos muitas séries de TV sobre a vida de meu pai, e isso gera mudança na sociedade. Agora os jovens sonham em se tornar narcotraficantes, porque só conseguem ver a parte que mostram a eles; acham que tudo é uma grande festa, mas não é assim, não foi isso que vivemos ou sentimos. Estão transformando meu pai em uma espécie de super-herói do submundo, é isso que está acontecendo.

**A. S.:** Isso mesmo. Não sei se você sabe que estão fazendo um segundo filme sobre meu pai, que se chamará *Mena*. A equipe de produção me disse que uma de suas tias por parte de pai pediu que enviassem uma mensagem para minha mãe.

**J. P. E.:** Olha, eu não tenho nenhuma relação com a família de meu pai. É algo que explico melhor em meu primeiro livro. Houve uma traição familiar contra meu pai, que descobri somente quando

ele morreu. Esperamos traições de qualquer pessoa de fora de nossa vida e nossa família, mas nunca de alguém de dentro.

**A. S.:** Passei por coisas semelhantes, porque muita gente que deveria cuidar das finanças de meu pai, inclusive membros da família, saltou em cima dos restos no instante em que ele caiu morto, e nós fomos abandonados. Minha mãe ficou sozinha com os filhos pequenos. Ninguém apareceu para devolver o que nos devia, levaram tudo, não sobrou nada. Por isso, sei bem do que você está falando. Até mesmo minha meia-irmã veio nos intimar por termos prestado assessoria para o filme, já que meu pai era uma figura pública e eles queriam conhecer outras intimidades dele – como era a vida em família, por exemplo. Ela me confrontou por termos recebido dinheiro ao prestarmos assessoria sobre a história de meu pai. Quer parte do dinheiro que recebemos. Veja bem: trinta anos se passaram desde a morte de meu pai e ainda tenho problemas com os parentes. Quando estávamos juntos, supostamente havia muito amor entre nós, mas quando meu pai morreu não sobreviveu nada.

**J. P. E.:** Mudando de assunto, queria perguntar se você sabe que no cartel de Medellín seu pai era conhecido como Mackenzie.

**A. S.:** Sim, claro que sei. O apelido vinha de Ellie Mackenzie, afro-americano, capitão do navio de pesca de camarão que meu pai utilizava para suas operações nos Estados Unidos. Era o responsável por recolher os carregamentos que meu pai lançava sobre o mar. Meu pai era um bom amigo de Mackenzie e pediu para usar seu nome em um documento que apresentaria para assumir uma vaga de emprego. Meu pai colocou uma fotografia de si, mas usou o nome do amigo, e assim começou a trabalhar no cartel de Medellín. Mackenzie teve um final lamentável: pouco depois da morte de meu pai, o corpo dele foi encontrado com sinais visíveis de tortura.

**J. P. E.:** Na pesquisa que realizei para um capítulo do novo livro, ficou claro que o seu pai era muito audaz e, por isso, teve uma relação muito próxima com o meu.

**A. S.:** Não era só audaz; era excessivamente audaz. Existe um vídeo do dia em que meu pai fez o primeiro teste para lançar e rastrear um carregamento de cocaína desde um helicóptero. Nas imagens, dá para ver diversas patrulhas da polícia bloqueando

algumas ruas em uma cidade. Meu pai enganou os policiais e pediu que a zona fosse interditada para evitar um acidente com a carga que estava levando, alegando se tratar de uma nova técnica para auxiliar agricultores a receber adubo e outros insumos. No vídeo, dá para escutar meu pai dizendo "lá vão os primeiros 300 quilos de cocaína!" enquanto vemos os policiais que monitoravam a região.

**J. P. E.:** Muito impressionante, Aaron. Mudando de assunto mais uma vez, qual é sua opinião sobre a guerra contra as drogas?

**A. S.:** Naquela época, meu pai me dizia para ficar longe delas porque todas eram absolutamente maléficas. Mais tarde, comecei a usar drogas, a primeira foi maconha, e até hoje não vejo problemas em seu consumo, mas depois eu mergulhei mais fundo e injetei heroína e morfina durante muitos anos. Cheguei ao fundo do poço e quase morri em diversas situações. Logo que me tornei pastor, virei um opositor ferrenho das drogas. Continuo pensando da mesma maneira, porque elas podem destruir a vida de uma pessoa. Mas a forma como o governo trata a regulamentação é um equívoco. Acredito que todas as drogas devem ser legalizadas e devem pagar impostos. Esse me parece o único jeito de evitar que o passado se repita. Na igreja, entrei em contato com pastores que atuam na Europa, e um dos exemplos que mencionam é o caso da Holanda. Para mim, tudo deveria ser legalizado, sobretudo a maconha, que nos Estados Unidos já é praticamente legal. A maconha é mais segura que o Tylenol. Eu sei que usar drogas pesadas é ruim, mas a maneira como o governo aborda o problema também não é boa. O melhor seria cuidarem de seus próprios negócios. Se um adulto responsável quer se envolver com heroína, o problema é dele, e ninguém tem o direito de proibi-lo. Nenhum órgão do governo tem o direito de dizer o que podemos ou não fazer a nós mesmos. Acredito que isso é um direito que Deus nos deu, e cabe a nós a decisão de usar drogas ou não.

**J. P. E.:** É muito complicado abordar essa questão, porque envolve a vida de muitas pessoas. Há muito dinheiro em jogo, e a proibição é um grande negócio, porque, se as drogas fossem legalizadas nos anos 1980, quando nossos pais estavam vivos, é bem provável que eles nunca tivessem se conhecido.

**A. S.:** Sim, até porque sei que meu pai só entrou nesse negócio por dinheiro. E presumo que seu pai também estivesse atrás de grana. Ou seja, se não tivesse dinheiro na jogada, eles não estariam lá.

**J. P. E.:** É verdade. E é por causa da proibição que enfrentamos esse tipo de violência. Acredito que a sociedade precisa encontrar outra solução para essas questões. Tenho um tio por parte de mãe que morreu muito jovem e experimentou praticamente todas as drogas disponíveis, menos heroína. Começou a fumar maconha aos 11 anos. Nós o submetemos a todos os tipos de tratamento; ele saía limpo dos centros de reabilitação, mas após diversas recaídas se deu por vencido e nunca conseguiu sair dessa vida. Sempre que saía de casa, acabava nas drogas. O irônico nessa história é que ele morreu por causa de uma droga legal: o cigarro. Passou a vida inteira tentando se matar com drogas ilícitas, mas foi uma droga legalizada que acabou com sua vida. Portanto, conhecemos bem o drama familiar que pode surgir quando alguém se envolve com as drogas.

**A. S.:** Sei bem como é, acredite.

**J. P. E.:** As drogas não discriminam. Estão disponíveis para todos, ninguém está realmente seguro. Deixe-me contar uma história: quando eu tinha 8 anos, meu pai me chamou para conversar sobre drogas na fazenda Nápoles. Ele me mostrou todas as drogas disponíveis no mercado da época. Eram umas dez, dentre as quais a cocaína, a maconha, o crack e o LSD. Ele admitiu ter experimentado a maioria, mas disse jamais ter usado heroína. Então, acrescentou: "Quando tiver vontade de experimentar alguma, prefiro que façamos isso juntos. Porque é preciso ter muita força para nunca provar". Aaron, essa frase é muito importante para mim, porque veio de um homem que vendia drogas. Ajudou a matar minha curiosidade.

**A. S.:** Também tenho essa impressão, porque conhecemos ângulos muito diferentes. Por exemplo, o lado de meu pai ao vender e o meu ao consumir.

**J. P. E.:** Por isso, precisamos encontrar uma maneira de compartilhar e conviver com essa realidade. Não é uma guerra em

que vence quem tiver mais armas. Isso não acaba com a situação – e a deixa ainda pior.

**A. S.:** Sim. Em vez de guerra contra as drogas, precisamos de paz com as drogas.

Àquela altura, já estávamos conversando havia cerca de trinta minutos. Não conseguimos conter a risada após este último comentário.

**A. S.:** Quando fizermos uma turnê mundial para falar sobre o que aprendemos, talvez fosse uma boa ideia usar esta expressão: paz com as drogas. Não me parece apropriado que o governo fale em guerra contra as drogas, porque eles criam uma guerra para tudo. E todas as guerras que eles criam acabam piorando a situação após trinta anos. Por exemplo, falaram da guerra contra a pobreza nos anos 1960 e 1970, e agora temos mais pobres do que antes. A mesma coisa com as drogas: hoje existem mais tipos, e elas são mais fortes. As Sagradas Escrituras dizem que, um dia, o leão se deitará ao lado do cordeiro. Essa é uma imagem profética para a paz na terra.

Minha mãe não quis continuar morando em Baton Rouge. Ficava incomodada, porque perguntavam sobre meu pai o tempo todo. Mas minha esposa e eu continuamos morando lá. Antes disso eu morava com minha avó, porque estava com muitos problemas de drogas, e ela garantiu que eu sempre tivesse um teto onde morar. Ela faleceu recentemente. Ah, tive a grata oportunidade de ver seu documentário *Pecados de mi padre*.

**J. P. E.:** Foi uma experiência incrível porque, além de me reencontrar com as vítimas de meu pai, eu tive a chance de voltar à Colômbia após catorze anos. Uma das pessoas que aparecem no documentário é Rodrigo, um dos três filhos do ministro Rodrigo Lara Bonilla, assassinado por ordem de meu pai em 1984. Apesar de tudo, consegui me tornar amigo de Jorge, o mais novo deles. Nosso processo de reconciliação não se limitou ao documentário: alcançou outros rincões e famílias em busca da mesma coisa.

**A. S.:** Sim, claro. E se você quiser atrair mais atenção dos meios de comunicação, deveríamos arranjar um visto para que você

me acompanhe no tapete vermelho durante a estreia do filme *Mena*. Ao nos verem juntos, eles perguntarão o que estamos fazendo, e poderemos responder que estamos unidos pela prevenção do consumo de drogas e contra a glorificação do narcotráfico.

**J. P. E.:** Por falar nisso, quero compartilhar com você algumas histórias sobre meu visto. No passado, cheguei a ter um visto durante quinze anos, mas ele foi cancelado em 1993 em razão da perseguição ao meu pai quando ele ainda estava vivo. Em 2010, fomos convidados a apresentar o documentário *Pecados do meu pai* no Sundance Film Festival, nos Estados Unidos, e fui à embaixada norte-americana em Buenos Aires pedir o visto outra vez. Apresentei cartas de convite assinadas pelo ator Robert Redford, que dirigia o festival, e também pela HBO, pelo Discovery Channel e pelo Council of the Americas, entre outros. Tive uma grata surpresa: uma semana depois, recebi em meu apartamento um visto com vigência de cinco anos. Fiquei muito contente, até que, alguns dias depois, me telefonaram para dizer que havia um erro.<sup>[2]</sup>

Obviamente, o erro estava ligado a meu parentesco com Pablo Escobar. Eles não sabiam para quem aquele visto era concedido, embora eu tivesse respondido só a verdade ao preencher os formulários, deixando clara minha identidade original.

Assim que fui notificado do cancelamento, me disseram que eu tinha o direito de apelar. Para tanto, fui convocado para algumas reuniões com a DEA, a consulesa dos Estados Unidos e um representante do Departamento de Estado. O funcionário da DEA explicou que eu havia sido investigado durante anos e tinham certeza de que eu não estava envolvido com o tráfico. Portanto, certificaria que eu não apresentava nenhum risco para os Estados Unidos e que não se opunha a minha entrada em seu território. Mas o mundo é muito pequeno, e fiquei sabendo por algumas fontes que quem se opôs ao parecer que sugeria a concessão do visto foi Javier Peña, antigo agente da DEA na Colômbia. Aaron, retomando o assunto original de nossa conversa, como você conseguiu contatar as pessoas que mataram seu pai?

**A. S.:** Um amigo que tenho desde os 20 anos. Ele matou um homem a punhaladas e foi parar na prisão Angola, onde Miguel Vélez, vulgo Cumbamba, cumpre pena. Alguns anos atrás, me deparei com uma reportagem que dizia que ele estava na unidade de doentes terminais de câncer; então, consegui seu e-mail e decidi mandar uma mensagem, até porque ele estava morrendo. Conteí que minha mãe e eu não guardávamos ressentimentos. Ele me respondeu e começamos a trocar mensagens. Mas, quando a prisão soube disso, nosso contato foi interrompido. É que, tecnicamente, é contra a lei conversarmos. Sou considerado uma vítima de seus crimes e ele não pode entrar em contato comigo, o que de fato não fez. Os outros dois senhores que mataram meu pai estão no norte da Louisiana, onde moro. Um deles, Luis Carlos Quintero Cruz, soube por Cumbamba que havíamos conversado pelo Facebook, e começamos a trocar mensagens por uma conhecida em comum. Sabíamos que eles queriam uma nova audiência para tentar liberdade condicional. Minha mãe e eu dissemos que não víamos problemas em sua soltura, mas as autoridades disseram que não tinham motivo para fazê-lo e que eles deviam permanecer para sempre na prisão. Assim, embora houvessem nos perguntado se éramos a favor de sua liberdade, a verdade é que nunca se importaram com isso, porque a decisão de deixá-los na cadeia pelo resto da vida já havia sido tomada. Só não conseguimos contatar um dos homens, Bernardo Antonio Vásquez, porque ele nunca aprendeu inglês. Então, não houve jeito de falar com ele.

**J. P. E.:** O que eles disseram quando vocês entraram em contato?

**A. S.:** Quando falei com Cumbamba, ele ficou muito feliz. Contou que sua mãe pedira que ele fizesse as pazes com Deus por seus atos. Ele pintou a Virgem de Guadalupe na capela da prisão, pois é um grande artista. Também me disse que ficava agradecido por procurarmos ele e que meu perdão fazia com que se sentisse muito bem. Ficou tocado com nossas palavras. E a mãe do outro cara tinha dito que, antes de morrer, ele devia buscar o perdão de Deus e da esposa e dos filhos de Barry Seal.

**J. P. E.:** Você teve a oportunidade de perguntar para Cumbamba detalhes do dia em que seu pai foi morto?

**A. S.:** Ao longo dos anos, reconstituí todos os acontecimentos. Meia hora antes de matarem meu pai, ele estava com minha mãe e nós, seus filhos, comendo panquecas em uma lanchonete. De repente, um homem engravatado entrou no recinto e meu pai o encarou. O próprio Cumbamba me disse que ele era esse homem: ele vinha seguindo meu pai e viu a oportunidade de cometer o crime ali mesmo, na nossa frente. Também me disse que saiu do recinto e foi pegar a arma que estava no porta-malas do carro, mas justo neste momento apareceram diversos policiais e ele se viu forçado a abortar o plano. Quando terminamos de comer, meu pai foi para a sede do Exército da Salvação, porque precisava cumprir o horário imposto pelo juiz Frank Polazola. Ele saiu da lanchonete para ir ao encontro da morte. Cumbamba me contou que, na hora do assassinato do meu pai, ele estava no carro fumando um cigarro, esperando que os outros dois pistoleiros fizessem a parte que lhes cabia: um deveria disparar e o outro tiraria fotos para que pudessem receber pelo assassinato. Anos mais tarde, eu tive a oportunidade de falar com os dois patrulheiros que foram os primeiros a chegar à cena do crime. Eles me contaram que, naquele momento, surgiram diversos agentes federais. Contrariando o procedimento legal, esses agentes levaram os documentos de meu pai, que estavam no porta-malas do Cadillac. Os patrulheiros tentaram impedi-los, mas quase houve uma troca de tiros, e no fim eles não puderam fazer nada. Tempos depois, devolveram apenas uma parte dos documentos.

**J. P. E.:** Quero agradecer a você e à sua mãe pela generosidade e pela capacidade de perdoar. E pela mensagem de paz e reconciliação que suas palavras me trazem. Você e eu temos a oportunidade de tornar as coisas muito melhores. Acredito que esta é a finalidade de nosso contato.

**A. S.:** Isso mesmo. Chegou a hora de recuperarmos o tempo perdido. E você se sente ameaçado na Colômbia, Sebastián?

**J. P. E.:** Passei os últimos meses aqui na Colômbia. Aqui existe muita gente poderosa. Se alguém quisesse me fazer mal, já teria feito isso sem nenhum empecilho. Mas espero que os inimigos de

meu pai não me considerem uma ameaça, porque não sou e nunca serei. Sou um homem de paz.

Finalmente, trinta anos e sete meses depois de meu pai ter dado ordens para que o pai dele fosse morto, Aaron Seal e eu nos encontramos na Cidade do México. Era 27 de setembro de 2016.

A reunião no 22º andar do hotel Sevilla Palace não foi fácil, embora havéssemos conversado por videoconferência dias antes. Aaron estava sentado em uma bancada de cimento sob um telhado de palha, e me aproximei com um exemplar de meu primeiro livro em mãos. Era a edição em inglês, *Pablo Escobar, my father*, publicada pela editora Thomas Dunne e que eu acabara de receber.

O livro era a única coisa a que eu podia me segurar enquanto caminhava na direção dele. Estava a poucos passos de uma vítima direta da violência de meu pai, e minha história era o único “presente” que eu encontrara para ele. Eu tinha escrito de antemão uma dedicatória respeitosa, em que compartilhava com ele o horrível pesadelo que tínhamos vivido e que não deve ser repetido.

Aaron tampouco estava de mãos vazias. Trazia consigo um objeto de seu pai que guardava com muito carinho. De fato, em uma conversa por telefone anterior ao encontro, ele teve a cortesia de perguntar se eu me incomodaria caso ele me desse de presente algo que pertencera ao pai. Respondi que isso não me incomodava nem um pouco.

Naquele momento, Aaron se desfez de um objeto que, para mim, tem valor econômico e sentimental inestimável: uma insígnia que a companhia aérea TWA concedeu a seu pai quando ele se formou como *junior pilot*, o piloto mais jovem da companhia.

Mal posso descrever a emoção que senti ao segurar o emblema que, tenho certeza, o pai ostentou com orgulho em um uniforme de aviador. Foi um mérito conquistado por Barry Seal aos 24 anos de idade, quando recebeu a distinção de mais jovem e audaz piloto comercial dos Estados Unidos.

Não falamos de perdão, mas trocamos abraços eloquentes. Aquele tipo de energia repleta de perdão que já senti tantas vezes me lembrou de quando cumprimentei o então senador Rodrigo Lara

na Argentina, quando estávamos produzindo o documentário *Pecados do meu pai*.

Após guardarmos os presentes em nossos quartos, Aaron e eu caminhamos pelo bairro de Polanco e tiramos fotos. Convidei-o para almoçar no restaurante Loma-Linda. Enquanto degustávamos um *bloody mary* e um delicioso prato de carne assada com purê de batata e salada, ele me contou novidades do pleito judicial com sua meia-irmã pelos direitos do filme *Mena*:

— A sentença de primeira instância é favorável à Universal Pictures, a minha mãe, Debbie, e a mim, mas minha meia-irmã recorreu; por isso, a veiculação oficial do filme foi adiada. As probabilidades de que ela ganhe são muito escassas, porque estamos falando da história de meu pai, um personagem público que, à época, foi considerado uma das pessoas que mais levou drogas ilegais aos Estados Unidos.

Algumas horas mais tarde, voltamos para o hotel e combinamos de nos encontrarmos no dia seguinte. Passei a noite em claro e só consegui pegar no sono às 5 da manhã. Mas não foi um tempo desperdiçado, porque escrevi as experiências que ele compartilhara comigo naquele dia tão transcendental.

O segundo encontro com esse novo grande amigo foi repleto de emoções. Após várias horas de conversa, convidei-o para ler o rascunho do capítulo sobre seu pai e nosso encontro. O aspecto mais memorável daquele incrível diálogo com Aaron foi descobrir que, à medida que falávamos de Barry Seal e Pablo Escobar, descobríamos que os dois tinham muitas coisas em comum. Uma delas, que me surpreendeu de forma especial, diz respeito à época em que Seal estava na prisão de Tegucigalpa e Aaron foi com a mãe visitá-lo. Ele ainda era muito pequeno, e na época lhe contaram uma história de que o pai trabalhava na cadeia e, por isso, usava uniforme de agente penitenciário. Durante muitos anos, ele achou que era verdade, até o dia em que soube que, na realidade, seu pai havia dado dinheiro para que os agentes escondessem do filho o fato de que era prisioneiro. Meu pai também adotava essa estratégia para evitar que os filhos soubessem da verdade em certos momentos.

Quando anoiteceu, Aaron assistiu a minha palestra “Uma história para não repetir”, à qual compareceram 1.200 pessoas. Enquanto escutava a tradução para o inglês, reparei que ele assentia com a cabeça diversas vezes, sinalizando que concordava com minhas reflexões. Assim que desci do palco, ele me deu um abraço forte, e não conteve o choro.

Então alguém se aproximou e me ofereceu um presente estranho: um pedaço de azulejo arrancado por seu filho de 12 anos em uma visita à fazenda Nápoles. Percebi que era autêntico, porque me lembro daqueles ladrilhos. Aaron me perguntou o que era e eu o dei de presente a ele.

— Cuidarei como se fosse um tesouro, meu amigo.

Quijada, tesoureiro de meu pai e protagonista de um dos capítulos deste livro, foi uma das pessoas para quem meu pai telefonou em Miami a fim de falar sobre o plano que desembocou na morte de Barry Seal. Este é seu relato, que coincide com a conversa que tive com Aaron Seal:

— Pablo me telefonou e disse que 3 rapazes viriam da Colômbia fazer uma função, mas deu ordens para que eu não me envolvesse, porque isso poderia afetar os negócios em Miami. Pedi que eu colaborasse como possível, nada além disso. Disse que esses rapazes eram Guillermo Zuluaga, ou Cuchilla, Pedro e Bernardo. Dois deles entraram ilegalmente pelo México, através do “buraco”. Mandei minha gente buscá-los e hospedei-os em um hotel. Cuchilla perguntou se eu me lembrava de Barry Seal, e respondi que claro, como poderia esquecer aquele mané, se foi ele que armou pra cima de Pablo. Então ele me disse que fariam uma função (que o matariam) na Louisiana. Ele estava sob proteção, mas Cuchilla esclareceu que eles sabiam uma maneira de entrar, cumprir o combinado e sair. Não os vi mais. Depois soube que Cuchilla fugiu e os outros foram capturados na estrada Turnpike, porque o táxi em que estavam atropelou um veado. Enviamos dinheiro durante mais de dois anos para ajudar a mãe de um deles, que morava em Sabaneta.

CAPÍTULO 2

**O ETERNO DRAMA DE SERMOS  
"FILHOS DE..."**

*Ainda que em dado momento sua vida tenha sido conturbada, depois ficou mais tranquila; por outro lado, a minha sempre foi mais complicada. Você nunca fez nada de ilegal, mas eu sempre estive à margem da lei. Por causa do que vivemos, nós dois temos muito em comum: você sofreu uma perseguição intensa, eu também; você esteve à beira da morte, eu também. Enfim, fomos marcados por sermos filhos de...*

Essa frase contundente é de William Rodríguez Abadía, filho de Miguel Rodríguez Orejuela, um dos principais inimigos de meu pai e um dos possíveis mandantes de sua morte.

Retraçar a vida de meu pai me convenceu de que entrar em contato com Rodríguez Abadía era indispensável se eu quisesse entender a terrível história ocorrida havia cerca de três décadas, quando seu pai Miguel, seu tio Gilberto Rodríguez e meu pai se tornaram chefões dos chefões dos dois maiores cartéis de cocaína do mundo enquanto travavam uma guerra violenta, que terminou com a morte de meu pai e com os parentes de William cumprindo uma longa pena nos Estados Unidos.

A vida se encarregou de nos colocar desde o primeiro dia em posições muito, muito distintas: William vem de uma família socialmente reconhecida que, em dado momento, aventurou-se com sucesso no mundo empresarial e cujos membros tiveram a oportunidade de estudar em universidades prestigiadas dos Estados Unidos. Mas ele nunca teve a sorte de manter uma boa relação com o pai. De minha parte, não há muito o que contar: meu pai poderia ter encontrado oportunidades de prosperar, mas decidiu que seu único interesse eram os esquemas ilegais. Por conta disso, envolveu-nos em um torvelinho de violência que, à época, não permitiu que buscássemos formação acadêmica, muito menos a construção de um futuro econômico. Contudo, no âmbito pessoal, levo vantagem

sobre William: tive uma relação íntima e próxima com meu pai, ainda que tenha durado pouco tempo.

Eu e William estamos unidos por muitos paradoxos, mas o mais significativo de todos é que ele não pode sair dos Estados Unidos e eu não posso entrar. Ele está impedido de sair do país porque espera há anos que resolvam sua situação migratória, e eu sou barrado, não me concedem visto, simplesmente porque sou filho de Pablo Escobar. Nesse contexto, a tecnologia foi a solução encontrada para conversarmos e descobrirmos muitas coisas que não sabíamos, para nos abirmos, para que eu pudesse dialogar pela primeira vez com alguém que, como eu, está marcado há muitos anos pelo estigma de ser “filho de...”.

Esta é a conversa ao mesmo tempo extensa e reveladora que eu e William Rodríguez Abadía tivemos por Skype:

**Juan Pablo Escobar:** De fato, William, o estigma de sermos “filhos de...” perdurará pelo resto de nossa vida. Ninguém aqui pretende se esquivar desse parentesco. Só queremos autonomia para produzirmos nosso próprio destino, em vez de ficarmos atados ao caminho equivocado percorrido por nossos pais. Mas eu gostaria de perguntar o que você achava de meu pai naquela época?

**William Rodríguez Abadía:** Infelizmente, devo dizer que não tenho uma boa imagem do seu pai, pois sempre o consideramos inimigo. Sempre tivemos muito medo até mesmo do nome de Pablo Escobar e só conhecemos seu lado sombrio; fomos perseguidos, muitas pessoas queridas foram assassinadas naquela guerra absurda, e eu o desprezaria como um homem que perdeu todos os valores porque foi cegado pelo poder e se tornou capaz de desencadear uma onda de terror no país. Não conheço o lado humano, conheço o mito e o que meu pai comentava a respeito dele. Sendo sincero, não tenho nada de positivo a dizer sobre seu pai, porque foi um inimigo de meu pai e de meu tio, e eu fui uma vítima dessa perseguição. Nunca entendi como aqueles homens se autodestruíram, se os inimigos não eram eles, eram outros, e nós os ajudamos a acabar com nosso povo. Tornamos mais fácil a vida dos americanos e da burguesia daquele país.

**J. P. E.:** Alguma vez meu pai perpetrou algum atentado contra você?

**W. R. A.:** Que eu saiba, não. Havia muitos boatos naquela época, muita gente chegava de Medellín, assim como muita gente ia de Cali para lá executar operações. Ao menos durante a maior parte da guerra, eles respeitaram o pacto de não cometer atentados contra as famílias. Foi uma guerra direta entre eles, muito sangrenta. Tive um amigo que se tornou chefe de segurança de meu pai e me contava sobre as operações que faziam em Cali e as pessoas que tiravam de Medellín. Mas eu era enxerido e averiguava tudo, porque era minha vida, era a vida de meu pai, e não queria que nada acontecesse com ele. Vivemos momentos de muito terror, atentados contra ele e outros ataques frustrados... Imagino que seu pai tenha sofrido diversos atentados. Foi uma época de muito medo, muito terror.

**J. P. E.:** Também vivíamos o terror em Medellín. Nossa família viveu em relativa tranquilidade até o início da guerra. A partir dali, corríamos noite e dia...

**W. R. A.:** É importante que fique claro para você, Juan Pablo, que nunca lhe fiz nada e você nunca me fez nada. De repente, nos vimos em lados opostos. Não sou de puxar saco de ninguém, mas devo reconhecer que você abordou os fatos do ângulo certo, que fez isso melhor do que eu, porque sou um pouco mais impulsivo. Você conseguiu superar os impulsos e mostrar as coisas como são, mais sério, mais tranquilo. Assumi uma responsabilidade que não é sua e fez isso com muita coragem e muito tino. Seu pai acabou morto, mas meu pai e meus tios estão vivos, presos em uma cadeia nos Estados Unidos. De certa forma, você se livrou de um fardo.

**J. P. E.:** Sem dúvidas; cada vez que escuto notícias ou volto a pensar no assunto, nos casos de extradição, me sinto sortudo, ainda que tenha perdido meu pai. A realidade seria outra se ele estivesse preso nas mesmas condições que seus familiares. Isso me faz pensar qual seria minha atitude frente à vida se minha situação fosse essa. No fim das contas, agradeço por meu pai não estar mais vivo, porque estaria enfrentando situações inomináveis.

**W. R. A.:** Veja bem, em meio a convicções equivocadas, meu tio e meu pai optaram por não colaborar com a Justiça. Só o que fizeram foi entregar alguns bens para salvar parte da família. Poderiam ter ficado menos tempo presos, mas decidiram morrer na cadeia. Meu pai tem 73 anos e ainda lhe restam 13 de pena, ou seja, a previsão é que saia de lá com 85 ou 86 anos. Não acho que vá durar tanto. Não tenho muito contato com meu tio Gilberto, mas ele já é idoso, e me contaram que está doente. Bom, Juan Pablo, mas vou lhe devolver a pergunta: o que você pensava de Miguel e Gilberto Rodríguez?

**J. P. E.:** Soube da existência deles em 13 de janeiro de 1988, o dia em que o carro-bomba explodiu no edifício Mónaco, onde eu morava com minha mãe e minha irmã Manuela. Naquele dia, saímos de lá e, por milagre, escapamos com vida. Na verdade, não achávamos que havia sido uma bomba, porque naquela época ainda não haviam sido explodidas na Colômbia bombas daquele porte. Pensamos que havia sido um terremoto, uma catástrofe natural, não uma bomba. Nos tiraram de lá e nos levaram a um esconderijo no distrito de Poblado, que chamávamos de “Los Viejitos”; as autoridades chamavam de “El Bizcocho”, e meu pai já estava lá. Ele pensou que tínhamos morrido, porque perdemos todos os meios de contato e comunicação. Ele chegara uma ou duas horas antes e ainda estava fazendo vários telefonemas. Eu estava muito nervoso: havíamos nascido outra vez e só então começávamos a nos dar conta do que havia acontecido. De repente, ele recebeu uma ligação; eu escutei o que ele disse em tom cordial: “Bom, cara, muito obrigado”. Então, desligou e disse a seguinte frase: “Aqueles filhos da puta ligaram para saber se eu estava vivo ou não, achando que eu estava no Mónaco”. Aquela foi a primeira vez que perguntei: quem são eles? Quem telefonou? Você sabe quem fez isso? Meu pai respondeu: “Eu sabia que estavam preparando um grande atentado contra mim, mas não contra minha família”.<sup>[3]</sup> Naquela noite, ouvi falar pela primeira vez em Miguel e Gilberto Rodríguez Orejuela e Cali, a cidade onde moravam.

A partir daquele momento, meu pai começou a compartilhar comigo as informações que obtinha sobre o cartel de Cali. Era como se dissesse: "Essas pessoas nos fizeram mal, e a briga está assim". Parecia querer me deixar a par daquelas informações e estar preocupado com minha segurança, temendo que alguém de sua família, William, planejasse um sequestro para arrancar dinheiro dele ou me matar. Temia-se mil coisas diferentes, porque tudo era possível, e ele me dizia sempre para ter cuidado. Um dia, avisou que havia localizado filhos, tios, primos, toda a família Rodríguez, mas manteve seu discurso: "Não vou fazer nada contra ninguém, porque existe um acordo de que a guerra é entre nós". William, o que você sabe sobre o começo da guerra entre os dois cartéis?

**W. R. A.:** Conheço duas versões. Meu pai e meu tio diziam que Pablo havia encrocado com eles porque não o ajudaram nos grandes atentados que realizou, como o assassinato do ministro Rodrigo Lara e a guerra contra a polícia. Meu pai e meu tio sempre quiseram ficar à margem dos acontecimentos, então disseram: "Vá em frente, nós vamos colaborar, mas não queremos nos envolver com essas coisas". Foi assim que começou o atrito.

Na outra versão que conheço para os motivos da guerra, entra em cena o senhor Hélder "Pacho" Herrera. Ele se tornou importante para a organização durante o período em que meu tio Gilberto ficou preso na Espanha, entre 1984 e 1986. Nessa época, meu pai se tornou próximo de Pacho, que vendia em Nova York os carregamentos que ele mandava. Durante o período, parece que houve um problema com um trabalhador, Jorge "Negro" Pabón, que tinha um irmão cujo nome esqueci. Conheci os dois em 1979, porque meu tio travou uma guerra contra alguns sequestradores, e os irmãos Pabón o ajudaram. Lembro-me de jogar futebol em um sítio que tínhamos em Silvia, Cauca, e de os dois negros estarem lá. Chamavam eles de Palestinos, e um dia eles foram a Medellín porque conheciam Pablo e também eram amigos dele. Foi então que um trabalhador de Pacho matou um desses Pabón, e seu pai telefonou para Pacho pedindo que entregasse o assassino. Como Pacho respondeu que não faria isso, Pablo telefonou para meu pai e meu tio e exigiu que entregassem Pacho para ele. A resposta que

ouviu foi: “Nós não matamos nossos amigos, se matem entre vocês”. Foi assim que tudo começou.

Para concluir a história, Juan Pablo, organizaram uma grande operação contra o seu pai – e quase conseguiram capturá-lo no sítio de El Bizcocho. Lá encontraram diversos vídeos em que apareciam nossas casas, sobretudo as de meu pai, que era mais descuidado que meu tio; haviam filmado seus trajetos na cidade, sua rotina. Confirmou-se que Pablo não iria atrás apenas de Pacho Herrera, mas também de meu tio e de meu pai. Muito tempo depois, quando eu estava foragido, recebi ajuda de uma pessoa que chamavam de Engenheiro Canaro, que me contou como foi planejado o atentado ao edifício Mónaco. Ele me disse que conseguiam enxergar vocês de longe e que acharam que Pablo estava lá naquela noite. Em um ato lamentável de barbárie, explodiram o carro. Fui o único de minha família a admitir que eles foram os responsáveis. Precisamos dar nome aos bois, e aquele foi um ato criminoso com o qual jamais compactuei e que fiz questão de denunciar, porque nunca confirmaram que meu tio Gilberto, Pacho Herrera e meu pai foram os mandantes do ataque.

**J. P. E.:** Acharam que meu pai estava no edifício porque à meia-noite um senhor de compleição semelhante à dele saiu de um carro, mas na verdade era Fernando Henao, irmão de minha mãe, falecido há pouco, que teve uma premonição esquisitíssima e inexplicável. Ele apareceu para nos visitar e disse: “Vamos embora daqui, vai acontecer alguma coisa ruim”. Mas não lhe demos atenção, e veja o que aconteceu.

**W. R. A.:** Eles conseguiam vigiá-los de um edifício e, como parecia que seu pai estava lá, decidiram soltar o carro em movimento, mas o plano deu errado porque o veículo se desviou um pouco da rota e não colidiu diretamente com o edifício. Senão, a construção teria desmoronado completamente.

**J. P. E.:** Entendo. Seus parentes tinham uma grande vantagem, porque a polícia estava ao lado, inclusive o pelotão de buscas, que trabalhava de mãos dadas com seu tio e seu pai.

**W. R. A.:** É verdade, naquela época a polícia nos protegia e até havia nos dado uma autorização especial para nos deslocarmos

livremente pela cidade. Tínhamos total controle sobre a polícia, que realizava operações e montava barricadas para detectar qualquer pessoa enviada por seu pai de Medellín para nos atacar. E quanto ao pelotão de buscas? Era controlado por eles pelos coronéis Danilo González e Hugo Aguilar, os chefes de operações de Medellín. Eles eram controlados pelo cartel de Cali. Vou dizer uma coisa, Juan Pablo: no dia em que mataram seu pai, meu pai foi a primeira pessoa a ficar sabendo, porque telefonaram para ele do pelotão e disseram: "Senhor, já está feito". Foi o que ele me contou.

**J. P. E.:** O que você acha da versão de Carlos Castaño, que disse que foi a primeira pessoa a entrar na casa onde meu pai pereceu?

**W. R. A.:** Isso é mentira. O que meu pai contou, e que foi confirmado depois por Danilo González, é que ele foi morto por Hugo Aguilar.

**J. P. E.:** O problema é que a versão contada por Aguilar é contraditória. Segundo ele, meu pai voou 50 metros da janela por onde tentou escapar até o local onde caiu morto. Isso não aconteceria nem se tivessem disparado com um tanque de guerra. Ao serem comparados com os mostrados nas fotografias da época, o armamento que ele dizia portar, os ferimentos de meu pai não batem... e a forma como ele descreve os atos não coincidem de maneira nenhuma.

**W. R. A.:** Entendo, mas meu pai não me contou como as coisas aconteceram, só disse que Aguilar o matou, e mais tarde Danilo González me deu a mesma versão.

**J. P. E.:** Vamos por ordem: quais eram as prioridades do cartel de Cali em relação a seus inimigos do cartel de Medellín?

**W. R. A.:** O objetivo principal, óbvio, era seu pai. Em segundo lugar, Gustavo Gaviria e, em terceiro, seu tio Roberto. Tinham um ranço especial com Roberto porque ele mandou matar dois rapazes que haviam sido enviados a Medellín para fechar a filial da farmácia Drogas La Rebaja e a Antioquia, porque quase todas as farmácias haviam sido destruídas com bombas. Um dos rapazes mortos havia estudado com meu primo Humberto, um dos filhos de meu tio Gilberto, e foi muito próximo de minha família, porque cresci desde

os 13 anos com os filhos de Gilberto. Por essa razão, meu tio estava obcecado por atacar Roberto. Meu tio dizia: "Ainda mato esse filho da puta". O atentado a bomba em Itagüí foi obra deles, mas não entendo por que pouparam sua vida.<sup>[4]</sup>

**J. P. E.:** Não há dúvidas de que tinham muitas rugas. Presenciei algumas conversas telefônicas entre meu pai e seu tio, que, em determinado momento, chegaram muito perto de um acordo de paz. A discussão girava em torno de 1 milhão ou 2 milhões de dólares, não mais que isso. Mas, por alguma razão, Roberto aproveitava aqueles instantes, arrancava o telefone da mão de meu pai e começava a proferir insultos e ameaças, dizendo a teus parentes que mataria até o cachorrinho de estimação. Então, as negociações encrespavam. A propósito, já que mencionamos meu tio Roberto, chegamos a um assunto crucial, que eu gostaria de debater: a chamada paz entre os cartéis, estabelecida após a morte de meu pai, que consistiu em entregar aos inimigos todos os bens que deixou para que nós não fôssemos mortos. Com o desenrolar desse complicado processo e em meio às inúmeras viagens que fizemos a Cali, começamos a perceber que a família de meu pai havia nos traído. E, talvez de maneira não intencional, seu pai nos ajudou a confirmar que isso era verdade. Deixe-me explicar. Há diversas frases de seu pai que jamais esquecerei, porque, embora ele não fosse direto, insinuava que não devíamos ser tão bondosos com nossa família paterna. Eu me refiro a uma ocasião específica em que minha mãe foi a Cali entregar os bens de meu pai e aproveitou para dizer que estava disposta a dar o que fosse, contanto que não acontecesse nada com a família de meu pai. Ao fim do encontro, seu pai disse para minha mãe: "Senhora, não dê dinheiro por essas pessoas, porque vão passá-la para trás".

Dito e feito. Um belo dia, em outra viagem a Cali para nos reunirmos com os inimigos de meu pai, encontramos meu tio Argemiro, minha avó paterna Hermilda e minhas tias, bem como meu primo Nicolás, filho de meu tio Roberto, que não tiveram o menor escrúpulo em pedir que Manuela e eu nos desfizéssemos das propriedades mais valiosas deixadas por meu pai. Jamais esquecerei

que seu pai, William, defendeu ferrenhamente nossa família e disse que a vontade de Pablo em relação a seus filhos devia ser cumprida.

**W. R. A.:** Não fiquei sabendo de nada disso, porque naquela época eu estava à margem dessas atividades. Mas meu pai me contou depois sobre as reuniões que teve com sua mãe e com você e disse que havia salvado a vida de vocês porque muita gente queria lhes fazer mal. Disse ter dado a guerra por encerrada e recomendado que você se mudasse para o exterior para se salvar, o que felizmente aconteceu. Meu pai dizia que teriam matado você aqui, que não podiam mais o proteger. Sabíamos que o maluco do Carlos Castaño queria matar vocês. Menos mal que partiram.

**J. P. E.:** William, depois da morte de meu pai, os únicos que fugiram do país fomos minha mãe, minha irmã e eu. Nenhum outro membro da família saiu correndo. Prova disso é que, cinco meses depois da morte de meu pai, minha avó Hermilda viajou para Nova York a passeio, embora houvessem cassado os vistos de todos os Escobar. Não é curioso que os Pepes tenham sequestrado meu primo Nicolás, filho de meu tio Roberto, e o libertado logo em seguida? E Nicolás apareceu alguns dias após a morte de meu pai com veículos e armas que ganhou de presentes de Pacho Herrera. Não é estranho que Roberto tenha pedido que eu escrevesse um livro dizendo que Alberto Fujimori e Vladimiro Montesinos eram ligados a meu pai em troca de nos arranjar visto para os Estados Unidos? É normal que, com meu pai morto, meu tio Roberto me desse um código para falar com Joe Toft, chefe da DEA, na embaixada dos Estados Unidos? E que no fim tenha falado com ele?

**W. R. A.:** Pensando agora, Roberto deve ter feito algum acordo, porque meu pai e meu tio diziam ter mais problemas com Roberto que com Pablo. Não entendo por que pouparam sua vida. Alguém deve ter intercedido por ele, porque os dois diziam “com esse cara não dá pra acertar nada”.

**J. P. E.:** Para resumir a questão, por sorte tivemos a oportunidade de fugir e aproveitamos. A propósito, não quero que passe batido que tenho uma imensa gratidão e um enorme respeito por seu pai, pela maneira como se portou conosco, ainda por cima

em uma época em que era muito difícil usar o poder de maneira responsável.

**W. R. A.:** Meu pai é um homem de palavra, embora alguns não entendam isso e o chamem de bandido. Mas havia um motivo para o chamarem de Senhor. Seu apelido não era Xará nem Facão. Infelizmente, envolveu-se em uma guerra absurda, uma guerra que mudou nossa vida. Antes do confronto com seu pai, embora mexessem com drogas, dedicavam-se exclusivamente a isso. Foi por isso que conseguiram montar uma multinacional do narcotráfico. O que eles queriam era dinheiro, mas depois daquela guerra seus valores mudaram. Começaram a se rodear de pistoleiros, matadores que só desejavam conflito. Antes daquela guerra, meu pai andava com 2 guarda-costas, tranquilo, sem problemas, mas depois eram 10, 15, 20... uma loucura. Eu andava com 1, então passei a ter 5. A guerra com Pablo mudou nossa vida para pior. Depois da morte de seu pai, o poder enlouqueceu meu pai e meu tio. Não entendo como eles podem ter desperdiçado tantas oportunidades para resolver seus problemas jurídicos, e veja o fim que levaram. Esses senhores tiveram a chance de resolver as coisas e desperdiçaram a oportunidade por causa do ego, porque se achavam inatingíveis.

**J. P. E.:** Com a morte de meu pai, a única face visível do narcotráfico era sua família. Claro que as autoridades passaram a mirar em seu tio e seu pai, porque não havia mais ninguém para perseguir. Mas eu intuía que, em relações tão íntimas com as instituições da época, eles tinham vinte anos de impunidade e tranquilidade garantidos. A rapidez de sua queda foi surpreendente.

**W. R. A.:** Tiveram dois anos para ajeitar as coisas, mas desperdiçaram sua boa relação com o fisco e a polícia, bem como a gratidão do governo e dos próprios americanos. Perderam a noção da realidade. Acharam que Gilberto acabaria na cadeia e Miguel ficaria livre, essas coisas... ideias absurdas baseadas em fantasias. Acharam que podiam dar um jeito em tudo e esqueceram que os gringos são donos do mundo. Os gringos nos usaram para matar seu pai, então usaram o cartel do Norte do Vale para acabar conosco. Mais tarde, usaram Varela para guerrear com outros senhores. É um

ciclo que não se interrompe, porque no fim das contas somos apenas peões no tabuleiro. O que nos restou? Histórias para contar.

**J. P. E.:** Voltando um pouco, quando meu pai se entregou, os chefões de Cali pensaram que a guerra havia acabado?

**W. R. A.:** Não, eles mantinham seu objetivo de acabar com Pablo Escobar. Tanto é que foram roubados na Costa Rica, compraram bombas aéreas e diziam que as lançariam sobre La Catedral. Acho que até chegaram 2, mas essas bombas requeriam um avião especial para que explodissem ao serem lançadas. Uma guerra sem reféns. Era muito difícil que houvesse um acordo, porque Pablo continuava igual e eles continuavam iguais. Em certo momento, a paz chegou a ser possível, mas depois aconteceram muitas coisas. Era Pablo ou eles. Por bem ou por mal, em La Catedral eles sabiam seu paradeiro, porque até então não sabiam onde estava. Embora lá ele estivesse mais protegido e fosse mais difícil chegar a ele, ainda insistiam em apagá-lo do mapa.

**J. P. E.:** Sabe, depois que fomos informados das bombas *papaya*, meu pai deixou o perímetro e nos proibiu de entrar na parte central da prisão.

**W. R. A.:** Eles estavam à espreita. Mas também é verdade que Pablo desperdiçou a oportunidade de resolver muitos problemas. Aconteceu a mesma coisa com ele e os homens de Cali.

**J. P. E.:** Concordo. Bastava confessar e ficar quieto por alguns anos que a rusga se resolveria, mas ele não quis. Na verdade, cheguei a pensar ingenuamente que meu pai queria se entregar e ajeitar as coisas; de início, quase acreditei nisso, mas a situação se desvirtuou muito depressa. La Catedral virou uma festa. Não levaram a sério, o ego não permitiu que ele percebesse a oportunidade que tinha em mãos, e ele deixou passar. Pagou com a vida por desafiar o Estado e o império. William, o que você acha que acontecerá com seus familiares?

**W. R. A.:** Precisam cumprir uma pena de trinta anos, cumprir no mínimo 25 para sair, porque é impossível obterem algum benefício. Nossos pais e meu tio Gilberto se tornaram símbolos do narcotráfico. Seu pai teve o fim que teve, mas os gringos farão o cartel de Cali pagar por todos. Se sobreviverem, meu tio sairá aos

89 anos, e meu pai, aos 86. Vendo a situação de meu pai, eu acharia melhor que estivesse morto. É muito lamentável. Conheço o sistema federal, e as prisões não são um passeio no parque como as pessoas acham. São muito complicadas, não apenas para os termos do governo, mas porque lá dentro também existem leis. Enfim, Juan Pablo, foi a vida que eles escolheram. Quem escolheu um caminho desses e não aproveitou as oportunidades não pode se arrepender e deve sofrer as consequências. Acho que os dois vão morrer na prisão.

**J. P. E.:** Sinto muito por escutar isso. Mas me parece que a relação entre você e seu pai teve momentos bem complicados.

**W. R. A.:** Eu esperava um tratamento diferente da parte de meu tio e de meu pai. Achei que tentariam ajudar a resolver meu problema, porque já havia um pedido de extradição, mas infelizmente a estratégia deles era ficar na Colômbia. Apostavam nisso, e eu respeitei a decisão, porque meu pai estava envolvido. Eu quis dar a ele essa oportunidade. Esperei até o momento em que o embarcaram em um avião com destino aos Estados Unidos. A partir daí, eu precisava pensar em minhas duas filhas e em minha mulher, porque tinha cuidado de meu pai durante a vida inteira. Então, eu me entreguei. Daí em diante, nos afastamos e enfrentamos dificuldades, porque ele achava que eu o tinha traído e eu achava que ele tinha me traído. Muito tempo depois, quando já tinha cumprido minha pena e saí da prisão, nos encontramos duas vezes e tentamos conversar, contar um ao outro o que havia acontecido, mas sinto em meu coração que nenhum de nós dois conseguiu superar isso. E precisamos, porque não quero morrer com o peso na consciência de não ter uma relação com meu pai. Juan Pablo, você teve mais sorte, porque teve uma relação mais próxima com seu pai, e o tempo que viveu ao lado dele foi curto, mas intenso. A minha relação foi mais traumática, porque minha mãe me tirou da Colômbia durante vários anos, e quando voltei me afastei muito e não estabeleci uma relação de proximidade. Fomos mais próximos por um tempo, logo após ele ter sido capturado em 1995, mas só porque ele precisou de mim. Ele ficou irritado quando publiquei meu livro *No elegí ser el hijo del cartel* [Não escolhi ser o filho do cartel],

porque, segundo ele, eu pinteí sua caveira. Acredito que fui muito respeitoso e falei a verdade, pois não tínhamos uma boa relação. Quando tomamos a decisão de escrever um livro, precisamos contar a verdade, porque a ideia é que o texto sirva para alguma coisa, que seja um exemplo para que as pessoas não sigam o mesmo caminho. Há quem diga que nós tivemos um momento de glória. Por causa desse momento de glória, eu vivi vinte anos de desgraças – e vivo novas desgraças todos os dias, porque não é fácil ver seu pai na cadeia e sua família envolvida com problemas legais. Pretendo me aproximar de meu pai, sinto que devo fazer uma última tentativa de resgatar minha relação com ele. Ele merece essa última tentativa de aparar as arestas, porque sei que nossas diferenças não são do jeito que ele acha e talvez não sejam do jeito que eu acho.

**J. P. E.:** Que situação complexa, William, porque os boatos de que você havia prestado depoimento contra seu pai e seu tio tiveram muita repercussão.

**W. R. A.:** Olha, quando eu era foragido da Justiça, esperei por eles durante quatro anos. Durante esse tempo, meu pai disse várias vezes: "Fique tranquilo, filho, vou fazer alguma coisa para ajudar". Mas ele não cumpriu a palavra, e por isso tomei a decisão de me entregar e pressioná-los a tomar uma decisão. Além disso, seria loucura ir a julgamento, porque outras 4 pessoas de minha família estavam na fila de extradição e seriam prejudicadas. Essas pessoas eram minha irmã, Fernanda, e meus primos Humberto, Jaime e Alexandra, filhos de Gilberto. Eu me entreguei para tentar impedir as extradições. Podem perguntar ao agente especial Edward Kacerosky, investigador norte-americano que muita gente conhece. Ele cumpriu o acordo, cancelando as extradições de meus parentes, por isso me entreguei. Assim que cheguei aos Estados Unidos, confessei minha proximidade com a classe política colombiana, mas ele agiu habilmente para espalhar rumores dizendo que eu havia deposto contra meu pai e meu tio. Essa história chegou aos ouvidos de meu tio Gilberto, que é um prepotente, e ele ficou furioso comigo. Então mandei minha esposa falar com meu pai e meu tio no intuito de esclarecer que eu não havia deposto contra eles, mas meu tio respondeu que não a receberia porque temia que fosse uma

emboscada. Então cortamos relações e tivemos um desentendimento muito sério, em que cheguei a dizer: “Beleza, velho FDP, eu vou enterrar você”. O fato é que nunca testemunhei contra eles porque nem sequer fui a julgamento. Contei o que eu fiz, e que pena se isso prejudicou os dois, porque eles também não pensaram em mim. Sinto que tomei a melhor decisão. Foi isso que aconteceu, e depois de tudo o que vivemos, de minha dedicação a eles, é uma lástima que isso tenha acontecido, porque travei uma batalha jurídica no Congresso e participei de muitas reuniões das quais era difícil sair com vida. Gostaria de perguntar a meu pai a razão de termos chegado a esse ponto, pois não havia necessidade. Qualquer pessoa com dois neurônios sabia que eles pegariam trinta anos de cadeia. Sempre achei que me mostrariam um caminho, mas precisei encontrar o meu sozinho.

**J. P. E.:** Sim, é uma pena que você não tenha a chance de restabelecer sua relação com ele.

**W. R. A.:** Vou fazer uma última tentativa. Você e eu não tivemos a oportunidade de conversarmos ou nos vermos pessoalmente. Teve que ser por Skype. Mas é a única maneira, porque não posso sair dos Estados Unidos e não deixam você entrar.

**J. P. E.:** Como assim, não deixam você sair?

**W. R. A.:** Não, ainda não me deixam sair porque não conseguiram solucionar meu problema migratório. Me prometeram um visto e sempre que analisam meus documentos dizem que já está quase pronto. Mas já vai fazer seis anos, e até agora nada. Dizem que são dez anos de espera para obter o visto “S”, e isso já é quase um milagre.

## CAPÍTULO 3

# **“ESSE HOMEM TEM MAIS VIDAS QUE UM GATO”**

Arranjar um encontro com o poderoso chefe paramilitar Ramón Isaza, um homem que enfrentou e de certa maneira venceu meu pai, era fundamental para entender de outra perspectiva a dinâmica da guerra em que nos envolvemos mais de duas décadas atrás.

A última vez em que tive informações concretas dele foi em meados de 1994, seis meses depois da morte de meu pai, quando minha mãe, minha irmã e eu retornamos à fazenda Nápoles acompanhados de dois fiscais e um agente secreto da polícia. Havíamos viajado até Magdalena Medio para entregar diversos sítios a um narcotraficante da região, uma das muitas condições impostas pelos inimigos de meu pai para nos deixarem vivos. Uma vez que minha mãe cedeu os bens, decidimos passar o fim de semana na Nápoles. Avisamos Isaza previamente, por meio de um emissário, que nos informou que garantiria nossa segurança.

O retorno à fazenda após vários anos foi ao mesmo tempo estranho e doloroso, porque La Mayoría, como chamávamos a casa principal, fora tomada pelo mato, e o luxo e a comodidade de outrora haviam desaparecido por completo. Precisamos nos hospedar em um lugar da Nápoles conhecido como “outro lado”, onde anos antes meu pai mandara construir 4 pequenas cabanas, o bar El Tablazo, uma sala de cirurgia e uma farmácia. Muito embora essa parte da fazenda também estivesse deteriorada, os quartos estavam de pé e só precisavam de uma limpeza rápida.

Na madrugada de domingo, acordei sufocado pelo calor e tomei um grande susto, porque havia 2 homens armados com fuzis caminhando do lado de fora. Observei-os com receio e, ao verificar que sua postura não era de hostilidade, resolvi me aproximar. Eles confirmaram que estavam lá porque Ramón Isaza os enviara para cuidar de nós. Conforme disseram, haviam começado recentemente um confronto armado com guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional (ELN), que tinham retornado à região e se entrincheirado em um setor afastado da Nápoles conhecido como Panadería.

Naquela noite, nós, a família de Pablo Escobar, confirmamos que Ramón Isaza não nos via como perigo. Para ele, a guerra havia terminado. Eu nunca o tinha visto, mas agradei por nos proteger.

Por isso, agora que me dedicara inteiramente à aventura de redescobrir a história de meu pai, não podia fazer vista grossa para o papel crucial que Isaza desempenhou na etapa final da perseguição que, em dezembro de 1993, resultou na morte do chefe do cartel de Medellín. Graças à intermediação de um de seus advogados, ele aceitou conversar comigo em Magdalena Medio, ainda que com uma importante restrição: o encontro deveria ser breve, porque ele tem 75 anos e padece de sérias restrições de saúde, motivo pelo qual um juiz lhe concedeu a liberdade condicional. Isaza foi para a prisão em 2006, quando se desmobilizou junto a 990 homens da milícia que tomava conta de Magdalena Medio.

Tivemos um encontro de duas horas em uma cafeteria em Doradal, Antioquia, a apenas 2 quilômetros da entrada principal da fazenda Nápoles. Don Ramón, como é chamado pelas pessoas na rua, foi simpático, embora distante, e a voz baixa dificultava a compreensão do que dizia.

Ainda assim, o diálogo fluiu bem. Ele contou aspectos gerais de sua vida, como o período no início dos anos 1970, quando prestou serviço militar no departamento de Caquetá e foi treinado para lutar contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

— O comandante dizia o tempo todo que nosso principal inimigo era Manuel Marulanda, o Tirofijo, e que devíamos enfrentá-lo com coragem.

Anos depois, em 1978, já fora do Exército e instalado em um sítio do sub-regimento Las Mercedes, no município de Puerto Triunfo, Isaza descobriu que havia chegado a Magdalena Medio um destacamento do ELN que atacava criadores de gado e agricultores e que pretendia sequestrá-lo.

Longe de se acovardar, decidiu se defender. Para tanto, lançou mão das técnicas que aprendera com os militares. Em suas próprias palavras, ele criou uma espécie de guerrilha muito eficaz para repelir e contra-atacar os subversivos. Com poucos homens, começou a

conquistar zonas amplas. Assim, com apenas 8 jovens e um número semelhante de escopetas, eliminou alguns adversários e provocou a debandada dos outros.

O que aconteceu com Isaza depois disso é uma narrativa conhecida, e na conversa comigo ele não demonstrou interesse em se aprofundar em detalhes. Ao fim e ao cabo, o objetivo de nosso encontro era esmiuçar a opinião dele sobre meu pai e os motivos para os dois terem se tornado inimigos mortais.

Segundo conta a história, durante ao menos cinco anos, Jairo Correa Alzate (que também era conhecido como Jairo Caballo) e meu pai foram sócios em várias rotas de narcotráfico que partiam de pistas clandestinas em Magdalena Medio e chegavam sem maiores percalços ao sul da Flórida.

Mas, como sempre acontece quando o poder e o dinheiro se misturam, de um momento para o outro Correa montou um negócio paralelo e começou a traficar por conta própria. Ele se tornou um rico proprietário de terras, dono dos melhores sítios dos arredores de La Dorada, município no departamento de Caldas. Uma delas foi a fazenda Japón, com 500 hectares de extensão, que em pouco tempo se tornou um símbolo de seu poder na região. Logo os domínios de Correa se estendiam de La Dorada e Puerto Boyacá a Puerto Berrío, ao norte, e Concordia, a leste do departamento de Antioquia.

Furioso pela traição de Correa, meu pai decidiu sequestrá-lo. Para isso, pediu ajuda a Henry Pérez, chefe da milícia de Puerto Boyacá, homem muito próximo de Gonzalo Rodríguez Gacha, o Mexicano. Naqueles tempos, Ramón Isaza comandava seu pequeno grupo miliciano e tinha seu centro de operações na região de Puerto Triunfo, sob o comando de Pérez.

Não obstante, Pérez se recusou a sequestrar Correa com o argumento de que ele era um velho amigo e aliado. Então, meu pai lhe disse que quem não era seu amigo era seu inimigo. Assim, plantou-se a semente de um confronto que, nas semanas seguintes, causaria diversas mortes naquela região do país.

Enquanto organizava uma estratégia para atacar Correa e Pérez, meu pai percebeu que Ramón Isaza poderia ser uma pedra no sapato em Puerto Triunfo devido à proximidade com a fazenda Nápoles e decidiu se livrar dele. Mas fez isso de maneira muito particular: não à bala, como era seu hábito, mas com uma mensagem cordial, ainda que peremptória.

Com brilho nos olhos, Isaza rememorou que um belo dia foi surpreendido por uma carta sucinta de meu pai. Nela, ele dava um prazo de trinta dias para que Isaza abandonasse Magdalena Medio, porque não queria recorrer ao ato extremo de matá-lo.

Isaza respondeu com outra carta, em que dizia a meu pai que nenhum motivo o faria deixar uma região na qual permanecera por mais de vinte anos e onde fincara raízes com seus 8 filhos.

Então, meu pai enviou outra mensagem, desta vez por um de seus empregados, informando que tinha 200 homens armados e prontos para viajar a Magdalena Medio e tirá-lo de lá por bem ou por mal.

— Parecíamos namoradinhos trocando cartas — disse Isaza, com um sorriso astuto.

A resposta foi mais que desafiadora. Seu empregado jamais retornou; em seu lugar, meu pai recebeu um envelope com um pedaço de papel e meras duas linhas escritas à mão: “Don Pablo, se quiser, pode enviar 500 homens, pois suas armas me serão úteis ao enfrentar as Farc”. A guerra estava declarada.

O que aconteceu depois disso foi uma batalha ininterrupta, da qual o país não tomou conhecimento. Durante pelo menos três anos, meu pai e Ramón Isaza se engalfinharam em uma luta violenta que deixou muitos mortos de ambos os lados.

O principal palco dos acontecimentos foi a estrada que une Doradal ao sub-regimento de La Danta, no município de Sonsón, Antioquia, onde os homens de meu pai realizaram ao menos 8 atentados fracassados contra Isaza. Mais que isso, ele nem sequer se feriu, embora os ataques tenham incluído a explosão de bombas de grande potência e granadas de fragmentação, bem como tiroteios de várias horas com fuzis AK-47 e AR-15.

Isaza se lembra especialmente de um episódio do qual só escapou ileso por milagre. Certo dia, ele tinha acabado de sair de La Danta e viajava de caminhonete para Doradal quando teve o pressentimento de que uma bomba explodiria no caminho. Embora seus homens vasculhassem a estrada com bastante frequência, algo lhe dizia que estava correndo perigo. E aconteceu: uma potente carga explosiva foi detonada, e o veículo voou pelos ares e caiu de lado. O motorista morreu com a explosão, e Isaza caiu em cima dele, depois precisou sair pela porta direita. Conseguiu abri-la com muita dificuldade e, de fuzil na mão, saltou para fora do carro no exato instante em que um pistoleiro caminhava em sua direção para terminar o serviço. Mas Isaza foi mais rápido e abateu o agressor. Havia se salvado outra vez.

Em outra ocasião, os homens de meu pai colocaram 2 poderosas bombas no caminho até La Danta, e a explosão partiu ao meio o veículo em que Isaza se deslocava. Também não lhe aconteceu nada.

Informado de seus reiterados fracassos, meu pai chegou a dizer: "Esse homem tem mais vidas que um gato".

Não obstante, meu pai conseguiu desferir golpes duros contra seus inimigos de Magdalena Medio. Fez isso quando já estava recluso na prisão de La Catedral e havia recomposto sua estrutura criminosa. Assim, em 20 de julho de 1991, quatro semanas depois de ele se entregar à Justiça, um comando formado por 3 homens e 1 mulher assassinou Henry Pérez durante a procissão de Santo Isidro em Puerto Boyacá. Em dezembro do mesmo ano, os pistoleiros de meu pai mataram a tiros John Isaza, um dos filhos de Ramón Isaza, em uma emboscada em Puerto Triunfo.

Quando Henry Pérez deixou de ser o chefe máximo das milícias de Magdalena Medio, foi como se Ramón Isaza fosse promovido. Ele adquiriu um enorme poder na região. Sua primeira tarefa foi enfrentar a investida de meu pai e, para tanto, ele recorreu aos métodos de contraguerrilha que aprendera no Exército. Assim, seus homens cobriram vastas extensões de Magdalena Medio e conseguiram repelir as incursões de dezenas de homens enviados por meu pai à região.

A estrutura defensiva e investigativa montada por Isaza era mais que eficiente, porque detectava a presença de qualquer pessoa de fora da região e a detinha imediatamente. Todos os suspeitos eram abordados e, se não oferecessem uma explicação factível para estarem ali, eram assassinados. Embora prefira não se arriscar a dizer quantos homens do meu pai ele matou, um leve sorriso e um silêncio prolongado indicam que o número que chegou a meus ouvidos, 300, não lhe parece exagerado.

Após a fuga de meu pai de La Catedral, Isaza se aliou aos Pepes e, desde Magdalena Medio, contribuiu para evitar que ele retornasse a seus antigos domínios. Da mesma maneira, mantinha contato direto com oficiais do pelotão de buscas, que informavam quaisquer novidades na região.

Assim, com um longo caminho já percorrido e suas contas praticamente quitadas com a Justiça, embora deva comparecer periodicamente a audiências em Bogotá e Medellín, Ramón Isaza mantém uma presença ativa em Doradal e Puerto Triunfo, dois lugares emblemáticos onde meu pai se tornou conhecido por seu enorme poderio econômico e sua inclemente estrutura criminosa.

CAPÍTULO 4

**NOVAS VERSÕES DE VELHAS  
HISTÓRIAS**

Rios de tinta correram nos últimos trinta anos para discorrer sobre a relação que meu pai manteve com alguns líderes importantes do Movimento 19 de Abril (M-19). Essas relações foram comprovadas ao longo dos anos e renderam diversas interpretações, conforme o momento vivido pelo país.

Redescobrir meu pai me levou a novas revelações sobre o assunto, e a imagem dele não fica sendo das melhores. Pelo contrário, os fatos expõem algumas facetas que eu desconhecia e que me deixaram profundamente desconcertado.

Na tentativa de lançar luz sobre diversos episódios vividos por meu pai e o M-19, cheguei a Otty Patiño, um dos fundadores dessa organização subversiva, que demonstrou interesse em falar comigo sem rodeios sobre o que aconteceu entre 1980 e 1991, período em que mafiosos e rebeldes de esquerda se reuniram para tratar de diversos interesses.

Meu interlocutor se mostrou um homem de formação intelectual, simpático e muito bem informado, embora distante.

— O que vou contar aconteceu assim... — disse Patiño, taxativo. — Não são interpretações dos fatos. As coisas ocorreram bem desta maneira.

Patiño não conseguia esconder certo receio por estar diante do filho de Pablo Escobar. Logo percebi que não queria estabelecer uma relação comigo, apenas pôr os pingos nos “Is” de alguns acontecimentos importantes que ele testemunhou e eu abordei em meu primeiro livro, *Pablo Escobar, meu pai*.

Sem maiores introduções e como se houvéssemos estabelecido uma agenda prévia, começamos a falar do sequestro de Martha Nieves Ochoa, realizado por uma célula do M-19 em 12 de novembro de 1981 em Medellín. Aquele seria o primeiro de vários episódios em que meu pai e a referida organização subversiva se cruzaram. Como se sabe, o sequestro desaguou no movimento Morte aos

Sequestradores (MAS), uma organização clandestina criada exclusivamente para resgatar Martha Nieves.

Segundo seu relato, no início de 1981, o M-19 enfrentava dois sérios problemas: um operacional, devido aos golpes recebidos, que se traduziram na captura de muitos de seus quadros de alto, médio e baixo escalão; e outro econômico, porque as finanças do movimento iam de mal a pior. O dinheiro que obtinham na época provinha de sequestros.

Para resolver essas dificuldades, o chefe máximo do M-19, Jaime Bateman Cayón, que se encontrava na clandestinidade, entrou em contato com Patiño (então comandante da Regional do Café) e pediu que ele se deslocasse até Bogotá com a missão de coordenar a precária força militar urbana do movimento e direcioná-la para o desenvolvimento de ações econômicas, ou seja, para a realização de grandes sequestros.

— Bateman sabia que os sequestros eram política e socialmente danosos. Por isso, dizia que o ideal era realizar poucos, de preferência de estrangeiros. Deviam render muito dinheiro.

Patiño assumiu a missão e logo deu ordens para que Elvencio Ruiz (sociólogo e professor que deixou Cali, sua terra natal, para também participar do M-19, como cofundador) viajasse a Medellín e realizasse um grande sequestro. Naquela época, o M-19 carecia de uma rede urbana sólida naquela região do país e, embora contasse com a simpatia de alguns setores sociais que compactuavam com sua tendência política e aprovavam as audaciosas operações militares executadas até então (como a tomada da embaixada da República Dominicana e o roubo de 4 mil armas do Cantón Norte e da espada do libertador Simón Bolívar), não tinha vocação para se transformar em força operacional armada.

Com a coragem que lhe era característica, Ruiz chegou à capital de Antioquia e se deparou com um dilema: o processo de desmanche do grupo Tendencia ML, que contara com muitos militantes em algumas regiões de Medellín. Como o barco estava afundando, alguns de seus quadros começaram a buscar espaço nos bandos incipientes de narcotraficantes ou nas fileiras do M-19;

outros se mostraram dispostos a se afastar da vida política clandestina.

Após contatar alguns desses ex-integrantes do Tendencia ML, Ruiz encontrou um primeiro objetivo que poderia engordar bastante os cofres do movimento: Pablo Escobar Gaviria, um homem sobre o qual não havia tantas informações, embora já corresse nas ruas o rumor de que tinha muito dinheiro.

O primeiro contato oferecido a Elvencio Ruiz para localizar e sequestrar Escobar foi um homem do B-2 da Quarta Brigada do Exército (inteligência) que trabalhava para o narcotraficante. Ruiz não sabia disso e, quando se encontrou com o militar, foi capturado e levado até onde Escobar estava.

Assim, o guerrilheiro Elvencio Ruiz se viu diante de Pablo Escobar, ignorando por completo que se tratava do já poderoso chefe do cartel de Medellín.

— Então, rapaz, era o senhor que vinha me sequestrar? Quem é o senhor, de onde vem?

— Senhor, somos do M-19 e recebemos ordens para vir a Medellín arranjar dinheiro.

O diálogo entre meu pai e o subversivo se estendeu por alguns minutos, até que, segundo relatou Otty Patiño, algo inesperado aconteceu.

— Eu não sou tão rico como disseram — observou meu pai. — Além disso, sou um homem de esquerda. Aqui em Medellín tem gente rica de verdade, como os Ochoa.

— Quem são eles? — indagou Ruiz.

— Têm muito dinheiro, cavalos, fazendas...

Meu pai libertou Ruiz ao término da conversa e, ao se despedir, deu a ele um maço de cédulas, aparentemente 10 mil dólares. Imediatamente, o subversivo retornou a Bogotá e procurou Otty Patiño para relatar o surpreendente episódio ocorrido em Medellín.

De qualquer maneira, Ruiz continuou responsável por encontrar dinheiro para o M-19 e, por isso, manteve na cabeça a ideia de sequestrar algum membro da família Ochoa, mencionada por Escobar. Então começou a perguntar se alguém os conhecia. Após diversas semanas, a busca deu resultado, e Marta Helena Correa,

estudante da Universidade de Antioquia que havia militado no Tendencia ML e fora ao M-19 como agente secreta havia pouco tempo, revelou que era colega de faculdade de uma jovem conhecida como Martha Nieves Ochoa, que de fato vinha de uma família tradicional de Medellín, a qual, via-se de longe, tinha muito dinheiro. Na realidade, mais que colegas, as duas eram boas amigas – tanto que Martha Nieves foi muito solidária quando Marta Helena foi presa por sua ligação com o Tendencia ML.

Após ter sido seguida por vários dias, Martha Nieves foi capturada por 3 homens perto da universidade e ficou confinada em um sítio perto de Medellín. Mas, longe de se envolver em uma negociação, a família deu sinais inequívocos de que não estava disposta a entregar nem 1 centavo pelo resgate de Martha Nieves. Pelo contrário, o M-19 foi surpreendido porque, de repente, alguns integrantes do movimento começaram a ser assassinados ou sequestrados. Poucas semanas após o sequestro, sem que houvesse explicação, Marta Helena Correa fugiu de Medellín e procurou Otty Patiño e outros dirigentes do M-19 em Bogotá. Ela fez um relato completo da matança que estava acontecendo naquela cidade em razão do sequestro de Martha Nieves Ochoa.

— Marta Correa percebeu que havia posto em risco não apenas a amiga, mas também sua vida — relembra Patiño.

Marta Correa estava arrasada e muito arrependida, pois, por culpa dela, a colega fora capturada e os amigos do M-19 estavam sendo massacrados por um grupo clandestino que pretendia resgatá-la. Nem os sequestradores nem a cúpula do M-19 sabiam que o MAS era coordenado pessoalmente por Pablo Escobar, que contava com a colaboração ativa do paramilitar Fidel Castaño e de outros mafiosos, bem como com o auxílio por debaixo dos panos de oficiais do Exército e da polícia de Medellín, que lhe forneciam as informações que o departamento de inteligência obtinha a respeito do caso.

Nesse ponto da conversa, Patiño interrompeu seu relato para explicar que Marta Correa vivia uma situação muito difícil, porque acabara de terminar um relacionamento amoroso com Luis Gabriel Bernal, outro integrante do grupo subversivo. Para ajudá-los a

resolver seus problemas, Patiño enviou-a para Cali até que a tempestade se acalmasse. Ao mesmo tempo, organizou o deslocamento de uma nova célula guerrilheira para Medellín com a missão de tirar Martha Nieves Ochoa de onde estava trancafiada e ocultá-la em outro lugar. Patiño, entretanto, escondeu Elvencio Ruiz em sua casa no bairro Ciudad Montes, na região sudoeste de Bogotá.

— A pessoa que enviei não tinha base civil em Medellín, por isso Martha Nieves ficou em condições precárias, em um pequeno bosque.

Contudo, a estratégia deu resultado, porque o MAS perdeu a pista da sequestrada. Prova disso são os avisos que a família Ochoa publicou em diversos jornais nos primeiros dias de janeiro de 1982 (sete semanas após o sequestro), oferecendo 25 milhões de pesos como recompensa por informações sobre o paradeiro de Martha Nieves.

A direção do M-19 sabia que Martha Ochoa estava passando maus bocados, mas ao menos se encontrava afastada da estrutura guerrilheira que a sequestrara. Com isso, havia estancado substancialmente o derramamento de sangue, ainda que a perseguição implacável continuasse.

A aparente normalidade daqueles dias foi quebrada por um episódio do qual Otty Patiño escapou por mero acaso. Tudo ocorreu quando Luis Gabriel Bernal se encontrou com ele e contou que Marta Correa havia retornado de Cali e lhe dissera que precisavam conversar sobre seu relacionamento.

— Eu disse: “Não, cara, não se encontrem, não se encontrem”. Não pensei em questões de segurança, apenas na inconveniência de um relacionamento tão conflituoso. Vi Marta muito desamparada, eles não faziam bem um ao outro. Eu disse: “Olha só, estamos em uma situação muito complicada para nos envolvermos agora com problemas conjugais, de casal” —, explicou Patiño.

Bernal aceitou o conselho e Patiño se ofereceu para buscar Marta Correa perto do parque dos namorados, em Bogotá. Quando se dirigia para lá, recebeu uma mensagem de Jaime Bateman, que pediu que realizasse um serviço imediatamente em outro ponto da

cidade. Então Patiño pediu a Ana, sua esposa na época, que comparecesse ao encontro e levasse Marta a algum local seguro, alegando que apareceria mais tarde. Ela aceitou a incumbência, mas, ao se deslocar para lá com seus dois filhos pequenos, reparou que estava sendo seguida e mudou de direção, indo para o bairro Chapinero, onde tentou se esconder no banheiro de uma mercearia. Teve tanto azar que uma das crianças começou a chorar e eles foram localizados por agentes à paisana do B-2 (inteligência militar), que a prenderam e exigiram que dissesse onde morava.

— Eu esperei no local combinado, mas, como ninguém aparecia, telefonei para casa. Elvencio Ruiz atendeu. Eu disse: “Poxa, cara, a Ana ainda não chegou, cai fora”. Mas ele não fez isso, achou que não era nada sério e ficou por lá. Elvencio era muito descuidado. Então o MAS e o B-2 foram até minha casa com minha esposa e as duas crianças e colocaram-nos ao lado de Elvencio.

Os militares e o MAS levaram todos a um local desconhecido e os trancaram em um quarto escuro. Então interrogaram Ana durante horas para averiguar se ela sabia algo a respeito do sequestro de Martha Nieves Ochoa. Logo se deram conta de que ela não sabia de nada, porque não era militante ativa do M-19.

O desfecho foi rápido: a família de Otty Patiño foi libertada porque os militares comprovaram que não tinham nenhuma relação com o sequestro de Martha Nieves. Marta Correa e Elvencio Ruiz foram levados pelo MAS até Medellín, e após vários dias Marta foi deixada amarrada com correntes em frente à porta do jornal *El Colombiano*, com um letreiro que a taxava de sequestradora; Elvencio foi abandonado com vida dentro de um saco de batatas.

Após essa sequência de acontecimentos, Martha Nieves jamais foi localizada pelo MAS, e a família Ochoa se viu forçada a abrir um processo de negociação com o M-19, o qual resultou em um resgate milionário. Por fim, ela foi deixada em liberdade em Génova, em Quindío, em 16 de fevereiro de 1982.

Para contextualizar essa parte da conversa, Otty Patiño fez uma espécie de radiografia de meu pai a partir da frase que ele disse a Elvencio Ruiz, alegando ser um homem de esquerda:

— Pablo era um sujeito muito, muito complexo; tinha alianças com o Exército, mas declarava guerra à polícia; era amigo de políticos tradicionais, como Bernardo Guerra, e, ao mesmo tempo, pretendia ter amigos de esquerda; queria ser um líder popular; tinha muitas facetas. O certo é que era diferente do cartel de Cali: enquanto Miguel Rodríguez era chefe da polícia de Cali, Pablo era chefe dos bandidos de Medellín. E, como chefe dos bandidos, era um homem de profundo enraizamento popular. Era um bravo desbravador que não conhecia limites. Com o passar do tempo, já nem sequer tinha amigos.

A conversa com Otty Patiño sobre o sequestro e o posterior processo de libertação de Martha Nieves Ochoa só parecia ter chegado ao fim. De acordo com seu relato, meses após o assassinato do candidato à presidência Carlos Pizarro Leongómez a mando do M-19 – pelas mãos de um pistoleiro que o baleou em abril de 1990 dentro de um avião em pleno voo quando viajava para Barranquilla –, vários integrantes do desmobilizado M-19 (inclusive ele próprio) foram comissionados pelo governo para investigar o crime.

Lembramos que, uma vez cometido o crime e sem que houvesse qualquer investigação, as instituições de segurança apontaram meu pai como mandante. Por isso, evoco um comentário que ele proferira logo após o ilustre assassinato se tornar público: “Grégory [meus parentes me chamavam assim], nem sequer posso desmenti-los. Se quiser esclarecer que não fiz isso, vou me enfiar em uma guerra com os Castaño. Carlitos [Castaño] me telefonou e disse: ‘Patrão, deixe colocarem esse na nossa conta’”.

Após meu comentário, Patiño apontou que, enquanto se desenrolavam as investigações para determinar as causas reais do homicídio de Pizarro, ele recebeu uma mensagem afirmando que a família Ochoa estava interessada em falar com ele pessoalmente. O encontro foi autorizado, e poucos dias depois Martha Nieves Ochoa buscou Patiño em um ponto de Medellín e o levou direto para a prisão de segurança máxima de Itagüí, onde era esperado pelos irmãos Jorge Luis, Juan David e Fabio Ochoa Vásquez, que haviam se entregado à Justiça em dezembro de 1990.

— Achei que iam me fornecer dados sobre o assassinato de Pizarro, pois já havia descartado a possibilidade de que Pablo Escobar estivesse diretamente envolvido, mas então o diretor do Departamento Administrativo de Seguridad (DAS), general Miguel Maza Márquez, garantiu que Pablo era o responsável. Eu sabia que não tinha sido Escobar, mas não tinha ideia de quem poderia ser, levando em conta como eram complexas as relações de poder naquele momento.

Após vários minutos de conversa informal, os Ochoa e Patiño comentaram alguns detalhes do sequestro de Martha Nieves quase uma década antes.

— Fui recebido pelos dois mais velhos, Jorge Luis e Juan David; começamos a conversar, e eles me disseram: “Nós prendemos sua mulher e seus filhos e cuidamos bem deles, não fizemos nada com eles”. Respondi que era melhor não falar daquilo.

Então, os Ochoa fizeram uma proposta atípica:

— Queremos propor que Martha Nieves seja incluída em uma lista da Aliança Democrática M-19 para a Assembleia de Medellín.

A proposta deixou Patiño desconcertado. Ele acabou respondendo que não podia decidir a respeito do assunto e consultaria o movimento. A ideia não deu em nada, e Patiño e os Ochoa não voltaram a se falar.

À medida que transcorria o encontro com Otty Patiño, como o assunto ainda era a investigação do assassinato de Carlos Pizarro, pedi que ele falasse mais sobre um nome que mencionara diversas vezes: Fidel Castaño.

Ele concordou e logo me disse que, no desenrolar das investigações sobre o crime de Pizarro, Álvaro Jiménez (dirigente do M-19) e ele se encontraram com Fidel Castaño na fazenda Las Tangas, um emblemático enclave paramilitar situado no departamento de Córdoba, onde travaram uma longa conversa.

Ali, sem entrar em mais detalhes, Castaño confirmou com frieza que estivera por trás do assassinato de Carlos Pizarro.

— Perguntei isso a Fidel, mas, como era orgulhoso, ele certamente ficou com raiva de mentir e me disse que sim, estava

envolvido na morte de Pizarro. Tentei questioná-lo, mas ele não quis responder mais nada. Insisti em saber quem dera a ordem, e ele respondeu que havia sido a oligarquia. Então, perguntou: “Você não sabe quem é a oligarquia? Não lê os jornais, não lê *El Tiempo*?”.

Patiño lembra que Castaño mergulhou em um profundo silêncio que os levou a mudar de assunto. Falaram, então, sobre algo que o país inteiro debatia naquela época: a entrega de meu pai à Justiça e seu confinamento na prisão de La Catedral em junho de 1991.

— Ao se entregar, Pablo perdeu o ano. Esse *man* perdeu o ano — disse Fidel Castaño, sem rodeios. Entendi que, na linguagem dos traficantes, isso significava que ele estava com um pé na cova.

O comentário serviu para quebrar o gelo, e Castaño, que aos olhos de Patiño e Jiménez parecera estranho e complexo, animou-se a contar um episódio que eles desconheciam. A conversa serviu para derrubar um mito: o de que os irmãos Fidel e Carlos Castaño haviam declarado guerra à subversão após o sequestro e o assassinato de seu pai pelas mãos de um quadro das Farc.

— Eu era o mais velho dos 13 irmãos, e meu pai, Jesús, era um filho da puta que nos tratava muito mal, como se fôssemos escravos. Nos colocava para trabalhar de sol a sol. Por isso, gostávamos de ir ao colégio — explicou Castaño a seus interlocutores.

Em seguida, relatou que fugira de casa aos 14 anos para morar em Georgetown, capital da Guiana, em busca de um futuro melhor. E foi o que encontrou, porque se dedicou ao comércio de diamantes, que em pouco tempo lhe rendeu dinheiro suficiente para viajar pela Europa, onde se envolveu com membros influentes da comunidade israelita. Após um breve período no exterior – prosseguiu Castaño –, onde economizou algum dinheiro, retornou à Colômbia e deu uma espécie de golpe de Estado contra o pai. Não apenas se tornou o chefe da família, como a primeira coisa que fez foi vender o sítio em Amalfi, Antioquia, onde haviam vivido a vida inteira, e instalar todos em uma fazenda em Córdoba.

Foi nesse momento que, segundo relatou o próprio Fidel Castaño, ele se envolveu com alguns narcotraficantes de Antioquia que começavam a se aventurar no negócio de processamento da

pasta trazida da Bolívia para transformá-la em cocaína. Lá ele conheceu meu pai; então passou a viajar com dois de seus irmãos para a Bolívia e o Peru a fim de abastecê-lo com os insumos necessários para a produção de cocaína em grande escala. Os Castaño ficaram ricos em pouco tempo, ao passo que Fidel estabeleceu uma cooperação próxima com oficiais do Exército em Córdoba, que lhe deram uma carta de curso para matar abigeatários e guerrilheiros. Foi em meio a esse cenário que, no início dos anos 1980, o pai dos Castaño foi sequestrado por diversos homens das Farc que o levaram ao sítio que Fidel havia comprado.

Temendo que os guerrilheiros assassinassem Jesús, Rosa Eva (esposa) e várias de suas filhas rogaram a Fidel que pagasse o resgate, mas ele bateu pé e disse que não financiaria atividades subversivas. No entanto, as súplicas insistentes surtiram efeito, e ele concordou em entregar uma quantia vultosa de dinheiro, mas não apenas seu pai não foi devolvido como também os sequestradores exigiram mais dinheiro. Castaño insistiu que não pagaria um novo resgate. Pouco depois, descobriu que o pai havia morrido várias semanas antes.

— A conclusão é que Fidel Castaño já era paramilitar quando as Farc sequestraram seu pai, que foi levado porque a fortuna dos Castaño já era conhecida — constatou Patiño.

Como anedota e para fechar o comentário sobre Fidel Castaño, Patiño contou que Carlos Pizarro sempre defendeu que um processo de paz fosse negociado na Colômbia e incluísse todos os agentes ilegais, sem deixar de fora os narcotraficantes. Para esse fim, Pizarro enviara uma mensagem a meu pai, que respondeu que estava disposto a sentar-se a uma mesa de ampla negociação. Mas a ideia fracassou por sabotagem de Castaño.

— Fidel era uma peça de xadrez sob comando de um setor social e militar muito avesso à paz. Foram eles que determinaram a morte de Pizarro.

A já extensa conversa com Otty Patiño, que parecia cada vez mais relaxado, levou-nos a outro assunto muito delicado, que com o passar dos anos se tornou uma espécie de questão de honra para

ele e para o M-19: o roubo e a posterior devolução da espada do libertador Simón Bolívar.

Por quê? Porque entre o furto do objeto simbólico em janeiro de 1974 (que foi o primeiro grande golpe do incipiente M-19) e o complexo processo de devolução dezessete anos depois, em algum momento meu pai estava envolvido.

Nosso diálogo focou, então, em um episódio que contei em *Pablo Escobar, meu pai*, relacionado a esse assunto. Meu pai me presenteou com uma espada que afirmou ter pertencido a Simón Bolívar e, anos depois, a pediu de volta porque precisava devolvê-la àqueles que a haviam presenteado a ele.

Antes que Patiño começasse a falar sobre esse episódio, reiterarei que meu pai me contou muitos de seus feitos, e ao longo dos anos eu passara a achar que a espada de Bolívar que ele me dera de presente era verdadeira.

Os comentários que eu escutaria de Patiño a respeito de minhas palavras se mostrariam muito reveladores, porque ele decidiu contar sua versão do que ocorrera com a espada após o roubo na Quinta de Bolívar, em pleno centro de Bogotá.

— Isso é mentira. Não que você não tenha segurado uma espada em suas mãos ou que seu pai não tenha dito “olha, Gregory, essa é a espada de Bolívar”. Não sei por que seu pai fez isso. Talvez alguém o tenha passado para trás, embora fosse difícil enganar Pablo Escobar, vendendo a ele a espada de Bolívar. Quem sabe ele não a comprou e, sem saber o que fazer com ela, a deu de presente a você? É difícil, mas é uma possibilidade. O certo é que aquela não era a espada de Bolívar, não era a espada que roubamos na Quinta. Por isso, vou contar a história: após o roubo das armas do Cantón Norte, além dos interrogatórios com detidos e torturados para ver quem estava com as armas e onde elas se encontravam, a pergunta que mais faziam era onde estavam Jaime Bateman e a espada de Bolívar. Bateman ficou sabendo e falou: “Terei cuidado com minha vida, mas precisamos tirar a espada de Bolívar do país”. A espada estava em Bogotá; assim, contatamos os cubanos e a entregamos ao então embaixador de Cuba na Colômbia, Fernando Ravelo. Os cubanos guardaram a espada na embaixada em Bogotá.

Eu participei dessa ação. O que aconteceu depois? Quando um comando do M-19 foi treinado em Cuba para fazer a invasão por Chocó e Nariño, o governo de Julio César Turbay rompeu relações com Havana. Por isso, a primeira ordem que os cubanos receberam foi a de tirar a espada do país. E assim fizeram: levaram-na para o Panamá e a entregaram para o general Omar Torrijos. Ela ficou no país por algum tempo, e depois da morte de Torrijos os cubanos tomaram conta da espada novamente, dessa vez na embaixada de Cuba no Panamá. O que quero dizer é que, depois de tirarmos o objeto da Colômbia, ele só retornou ao país no dia em que o devolvemos.

Aqui, Otty Patiño se refere a um encontro recente em Cuba pela celebração dos 25 anos da desmobilização do M-19, do qual participou. Ele se reuniu com Fernando Ravelo e Alberto Cabrera (primeiro-secretário da embaixada cubana no Panamá), e os três relembrou o percurso final da espada. Eles pertenciam ao Departamento América, órgão do governo de Cuba com sede em Havana.

— Cabrera lembrou que estava no Panamá em 1989, quando ocorreu a invasão dos Estados Unidos para prender o general Manuel Noriega, e que a espada estava na embaixada. Na ocasião, ele telefonou para Manuel “Barba Ruiva” Piñeiro, chefe do Departamento América, e perguntou o que deveria fazer com o “garfo”: se era melhor se desfazerem dele ou o quê. “Garfo” era como chamavam a espada. Barba Ruiva disse: “Tragam para cá, mesmo que custe a vida de vocês”. Como precisavam sair logo do Panamá por via aérea e os gringos haviam tomado o aeroporto da Cidade do Panamá, Cabrera enrolou o “garfo” em alguns cobertores e o tirou do país na mala diplomática.

Com a espada segura em Havana e o M-19 formalizando sua desmobilização e seu retorno à vida civil, diversos congressistas (entre eles o deputado Pablo Victoria) começaram a fustigar Antonio Navarro Wolff, um dos antigos comandantes do M-19, que acabara de ser nomeado ministro da Saúde pelo presidente César Gaviria, para que devolvesse a espada. Navarro e Patiño conversaram sobre o assunto e tomaram uma decisão.

— Começaram a sacanear Navarro. Então, dissemos: vamos devolver essa droga de espada. Como naqueles tempos havia uma embaixada da Colômbia em Cuba, viajei a Caracas e fui recebido pelo embaixador cubano na Venezuela. Falei que precisávamos da espada. Os cubanos decidiram que Navarro deveria buscá-la pessoalmente. Navarro foi e a trouxe, e fiquei com ela em casa até a entregarmos ao governo. Por isso, é impossível que alguém depositasse tamanha confiança política em Pablo Escobar. O maior símbolo do M-19 era a espada. Como concederiam tamanha dignidade a uma pessoa como seu pai?

Finalmente, em 31 de janeiro de 1991, os ex-comandantes do M-19 entregaram a espada ao presidente Gaviria em uma cerimônia especial. Mas com uma condição.

— Impusemos a Gaviria a condição de que não a deixassem em um local desprovido de segurança, porque as Farc poderiam roubá-la e dizer que a haviam recuperado outra vez. Como eles nos consideravam traidores, poderiam dizer: “Vejam o que o M-19 tinha”. Havia esse receio. Então, o governo a guardou em um cofre do Banco da República.

À história reveladora sobre o percurso da espada de Bolívar sucedeu-se outra ainda mais impressionante: a tomada do Palácio da Justiça em novembro de 1985.

Na conversa que teve comigo, Otty Patiño estava determinado a desmistificar a lenda construída ao longo dos anos sobre o papel que meu pai desempenhou naqueles acontecimentos trágicos.

Assim, disse que a ideia original de tomar o Palácio da Justiça fora de Álvaro Fayad, à época comandante do M-19, que agiu motivado pelo duro golpe contra a organização que o assassinato de Iván Marino Ospina, pelo Exército, em agosto de 1985, representara. O acidentado processo de paz que estava sendo negociado com o presidente Belisario Betancur sofria mais um golpe letal, e por isso Fayad achou que era hora de sacudir o tabuleiro e forçar o governo a retomar o diálogo.

— Estava claro que Belisario havia perdido o interesse no processo — explica Patiño. — A invasão era uma maneira de forçá-lo a continuar dialogando, porque um processo de paz morre na

ausência de conversações. Cresciam as movimentações de ambos os lados, e a coisa desandava cada vez mais. A única maneira de salvar o processo era realizar a invasão, e Fayad via isso com clareza. A ideia era fazer uma denúncia pública, pois havia muitas mentiras sendo difundidas (nos meios de comunicação, no Exército e até mesmo no mundo político) sobre o que havia acontecido em torno do processo durante todo aquele período.

Patiño não participou do planejamento da operação, mas se inteirou de seus detalhes por acaso:

— Eu trabalhava no setor de propaganda do M-19 quando Alfonso Jacquin apareceu para me buscar e, após contar que o Palácio da Justiça seria tomado por um comando batizado de “Iván Marino Ospina” (do qual ele era o subcomandante), pediu que eu o ajudasse a redigir um comunicado sobre a operação. “Otty, vamos fazer propaganda disso... Já pensou se nos matam e ninguém fica sabendo de nada?”, disse ele.

Daquela conversa, surgiu o famoso e extenso comunicado intitulado “Operação Antonio Nariño pelos direitos humanos”, que apresentava diversas exigências ao governo e urgia pela apresentação na Suprema Corte de Justiça “do presidente Belisario Betancur ou de um representante, para que responda de forma clara e imediata por cada uma das acusações contra o atual governo”. Conforme Jacquin disse a Patiño, muitos dos responsáveis pela invasão, como Andrés Almarales, Luis Otero e Elvencio Ruiz, eram favoráveis à ideia de obrigar o presidente a dialogar com eles e de expô-lo a um julgamento público.

Uma vez realizada a invasão, tornaram-se visíveis as diferentes concepções dos idealizadores da invasão e de seus executores. Patiño não tem dúvidas a respeito do que aconteceu.

— As pessoas que levaram a cabo a operação, entre as quais Andrés Almarales e Luis Otero, decidiram tomar o palácio para obrigar Belisario Betancur a negociar e, de quebra, levá-lo a julgamento. Mas essa não era a ideia de Fayad. Quando Fayad escutou o comunicado intitulado “Operação Antonio Nariño pelos direitos humanos”, ficou preocupado e me disse pelo rádio: “Escute, irmão, tente entrar em contato com o palácio de Nariño e diga que

nossa ideia é falar com o presidente, nada além disso”. Tentei mandar o comunicado, mas não consegui, embora tenha ficado sabendo que Fayad conseguiu entregar a mensagem por outras pessoas, alegando que não seria exigido um julgamento do presidente, porque essa não era a ideia original. Assim, “entregaram de bandeja” uma brecha para a retomada, a violenta e rápida retomada, embora a operação militar fosse ocorrer de qualquer maneira, já que o M-19 havia despertado a fúria do Exército com o atentado contra um de seus comandantes, o general Rafael Samudio, a investida brutal contra o batalhão de Armenia e a tentativa de destruir diversos tanques de guerra em Ipiales, Nariño. Havíamos aprontado muito, e o Exército sentia que éramos um inimigo. Assim, quando ocorreu a invasão, eles disseram: “Beleza, pra cima deles, vamos acabar com essa raça, custe o que custar”.

A respeito do papel de meu pai na invasão, Patiño tende a baixar o tom. Sua versão é a seguinte:

— A narcotização da tomada do palácio foi uma das questões mais complicadas, uma lenda com a qual ainda precisamos lidar, e está ligada ao incêndio e à destruição dos expedientes referentes à extradição. Para isso, bastaria uma bomba incendiária alocada por um comando, que certamente causaria o mesmo dano ou até mais. Ou Pablo Escobar poderia colocar um carro na garagem inferior. O edifício voaria pelos ares, e fim de papo. Acredito que Pablo tenha se aproveitado de alguma informação. Devia haver alguém infiltrado ou alguém pode ter cometido a imprudência de comentar com ele, que se aproveitou disso para dizer que financiou a operação. Então, quando aconteceu o que aconteceu, ele estufou o peito e alegou: “Olhem só o que eu fiz”. Ele sabia aproveitar oportunidades, e dizer que havia financiado a tomada lhe atribuía prestígio e capacidade militar.

A conversa com Otty Patiño se desviou então para a Assembleia Nacional Constituinte, que, entre 1990 e 1991, modificou a antiga Constituição de 1886 e deu origem a uma nova Carta Magna. Falar desse assunto era muito pertinente, visto que a Constituinte eliminou a extradição do ordenamento jurídico – decisão que foi atribuída durante anos aos cartéis de Cali e Medellín, pois

claramente os chefões Miguel e Gilberto Rodríguez Orejuela, José Santacruz Londoño, Hélder "Pacho" Herrera e meu pai, bem como o resto dos narcotraficantes da Colômbia, viram isso como vitória.

Patiño, por sua vez, tem sua própria versão do que ocorreu naquela época, marcada pela peculiar entrega de meu pai à Justiça apenas quatro horas depois de uma esmagadora maioria eliminar a extradição da Constituição Nacional.

No que diz respeito ao M-19, Patiño explica que o recém-desmobilizado grupo guerrilheiro chegou à Constituinte em uma lista integrada por candidatos de diversas correntes. Como exemplo, citou os casos de María Mercedes Carranza e Carlos Ossa Escobar, que obtiveram cadeiras como representantes do movimento do falecido candidato presidencial Luis Carlos Galán e se declaram partidários da extradição desde o início.

Quando a Assembleia Constituinte começou a deliberar, a extradição passou a ser estudada por duas comissões. Na de assuntos políticos, se percebeu desde cedo uma tendência favorável ao fim da extradição. Um dos motivos para as instituições apoiarem a Constituinte foi o fortalecimento da Justiça colombiana, incapaz de combater com eficácia o crime organizado. A extradição era vista então como mecanismo subsidiário que compensava as fraquezas estruturais da Justiça. Portanto, o natural seria que, uma vez restaurada a estrutura jurídica, a extradição fosse suprimida. Era esse o entendimento da vasta maioria dos constituintes de todas as tendências.

À medida que as discussões avançavam e a extradição se tornava o foco de todo o país, a bancada liderada por Antonio Navarro liberou seus constituintes para que votassem conforme sua consciência. Naquele momento já era evidente que os cartéis de Cali e Medellín exerciam pressão, mas os Estados Unidos também faziam *lobby* em privado, advertindo os riscos de favorecer a máfia caso fosse eliminado o único instrumento jurídico que lhe tirava o sono.

Da parte dos barões da droga de Valle, a figura de maior visibilidade era a do constituinte Armando Holguín Sarria, reconhecido assessor dos irmãos Miguel e Gilberto Rodríguez

Orejuela. Patiño sustenta que nunca viu nenhum constituinte se aproximar dele para perguntar qual seria seu voto.

— Concluídas as sessões da primeira comissão e daquela de assuntos políticos, o sr. Holguín propôs uma votação informal para saber quem era favorável à extradição, mas eu me opus e pedi que ele não esquecesse que a votação sobre aquele tema seria secreta. Eu era contra a extradição; mesmo assim Holguín me olhou atravessado e ficou calado. Foi a única vez em que o vi tentando demonstrar aos Rodríguez Orejuela que cumpria sua tarefa. A votação no início dos debates foi esmagadoramente contrária à extradição. Os mafiosos até poderiam influenciar 2 ou 3 votos, mas de qualquer forma isso não seria decisivo.

A aposta de meu pai na Constituinte era o advogado Humberto Buitrago, o famoso HB Buitrago, que, segundo palavras de Patiño, começou a se pavonear desde o primeiro momento em que pisou nos corredores do Centro de Convenções de Bogotá, sede das deliberações da Assembleia Constituinte. Segundo ele, HB era tão descarado que oferecia em alto e bom tom milhões de pesos para quem votasse contra a extradição.

— Mas veja só outra história. Nós, do M-19, conversávamos com integrantes das milícias de Magdalena Medio, e essas milícias, que depois foram utilizadas na guerra contra Escobar, nos disseram que queriam participar da Constituinte porque tinham decidido se desmobilizar. Então, consultei Antonio Navarro, que falou com outras pessoas de fora do M-19, como Carlos Ossa, e combinamos dizer às milícias que escolhessem alguém sem antecedentes penais e que não participasse de grupos ativos.

Então as milícias designaram como candidato o médico Augusto Ramírez Cardona, que posteriormente protagonizaria o famoso escândalo do vídeo da Constituinte, um episódio sombrio em que HB foi filmado lhe entregando 2,5 milhões de pesos. A história contada por Otty Patiño é a seguinte:

— Ramírez era um médico a quem Henry Pérez (comandante das milícias de Puerto Boyacá) disse: “Vá espiar o que temos na geladeira”. Mas Ramírez jamais interveio, não falava de jeito nenhum, era um bobalhão. Um dia, HB foi até ele e ofereceu

dinheiro por um voto contrário à extradição. Ramírez contou isso a Henry Pérez, que contou para a polícia (que estava articulada com a CIA), e ficou combinado que o médico deveria receber a grana enquanto eles filmariam o suborno no Tequendama, onde nós, constituintes, estávamos alojados. O vídeo foi gravado lá. Ficamos sabendo porque Ariel Otero, substituto de Pérez e assessor de Ramírez, contou a Álvaro Jiménez, um de nossos homens, que por sua vez me revelou o que estava acontecendo. Então, reuni-me com Ariel Otero fora de Bogotá e disse a ele: “Olha, agora que começamos a vislumbrar a paz, vocês estão iniciando uma guerra contra a nova Constituição. Como podem fazer isso? Confiamos em vocês, aceitamos que colocassem um sujeito desses, com todo o risco que isso implicava, e vejam o que ele está fazendo: agindo para invalidar a Constituição de 1991, dando a entender que foi comprada pelos *narcos*. Como podem fazer uma besteira dessas?”. Após saberem do suborno ao constituinte Ramírez, em um ato de vaidade, os cartéis de Cali e Medellín enviaram mensagens cifradas informando o país de que haviam comprado a não extradição. Mas os anos demonstraram que não foi isso que aconteceu. Os 51 votos contra a extradição foram maioria esmagadora — resume Patiño, visivelmente irritado.

Então Otty Patiño fez uma pausa e tomou um grande gole de água, o último que restava no copo – sinal de que nosso encontro estava prestes a terminar. Mas seu rosto indicava que ele não deseja partir antes de comentar um último assunto: o atentado contra Antonio Navarro Wolff, em maio de 1985, em Cali.

Como se sabe, Navarro ficou gravemente ferido quando um homem arremessou uma granada contra uma lanchonete onde ele estava com os também guerrilheiros Carlos Alonso Lucio e Eduardo Chávez. Navarro levou a pior, pois a onda de choque destroçou seu joelho esquerdo e danificou parcialmente suas cordas vocais.

A respeito dessa questão, lembrei-o de que certa vez meu pai afirmou (conforme publicado em meu primeiro livro) que o autor do atentado teria sido Héctor Roldán, narcotraficante proprietário da concessionária Roldanautos de Cali, o mesmo que só não foi padrinho de minha irmã Manuela porque minha mãe se opôs. Ele se

tornara muito próximo de meu pai porque os dois compartilhavam a paixão pelas corridas automobilísticas e se conheceram na Copa Renault de 1979. Segundo meu pai, Roldán era bastante íntimo dos altos-comandos militares de Valle, e o atentado contra Navarro havia sido uma retaliação a um ataque que a guerrilha perpetrara naquela manhã contra um ônibus que transportava soldados.

Quando terminei o relato, Patiño respondeu:

— Eu sei quem lançou a granada e sei com toda a certeza que seguia ordens do Exército. A granada foi lançada por um rapaz de sobrenome Espinosa, que fora antes um de nossos membros. Era de Yumbo e participou de um de nossos treinamentos de guerrilha, mas se saiu tão mal que o dispensamos. Parece que ficou muito ressentido e procurou o Exército, onde se tornou informante. Era um tremendo frouxo. O atentado contra Navarro ocorreu quando parte do M-19 começou a fazer besteiras e emboscou um ônibus do Exército. Em retaliação, os militares usaram esse rapaz para lançar uma granada. Sei disso porque naquela lanchonete, além de Navarro e Lucio, estava Eduardo Chávez, que conhecia Espinosa e viu quando ele arremessou a granada.

Assim, após duas horas, teve fim meu importante encontro com Otty Patiño, antigo comandante do M-19. Foi uma conversa franca e serena, em que ele esclareceu quem desempenhou alguns papéis determinantes naquele momento crucial da história do nosso país.

CAPÍTULO 5

# **SANTOFIMIO**

Conservo uma lembrança remota de Alberto Santofimio Botero. Eu o vira não mais que quatro vezes perto de meu pai. Eu tinha 6 anos de idade e os dois tinham mergulhado de cabeça na arena política. Discursos em praça pública, vida social e carreatas andavam de mãos dadas.

A guerra, o exílio e a passagem do tempo esmaeceram a imagem de Santofimio, e eu constatava a distância que seu futuro estava muito comprometido por conta de sua relação com meu pai e sua suposta participação no assassinato do candidato à presidência Luis Carlos Galán, em agosto de 1989. Por conta disso, a Justiça colombiana condenou-o a uma longa pena na prisão, e hoje sua única saída seria uma decisão favorável em um tribunal internacional.

Em 2014, escrevi um extenso parágrafo em meu primeiro livro afirmando que não pretendia absolver, condenar nem confrontar ninguém, mas me parecia difícil que meu pai houvesse dado bola para a sugestão de Santofimio de assassinar Galán. Evoquei dois motivos para questionar sua culpabilidade. O primeiro é que meu pai tomava suas decisões sem perguntar nada a ninguém; o segundo é que, na época do assassinato, ele considerava que Santofimio o traía ao estabelecer alianças com os chefões do cartel da Cali, mesmo sabendo que eles haviam declarado guerra a meu pai com o atentado ao edifício Mónaco em 13 de janeiro de 1988.

Quando estava visitando a Colômbia de tempos em tempos durante a pesquisa para este livro, encontrei-me em meados de julho de 2016 com um advogado em Bogotá. Além de um antigo advogado de meu pai, era conhecido de Santofimio e estava familiarizado com os pormenores de sua defesa, de modo que comentamos o assunto.

Após ler a defesa apresentada por Santofimio na ocasião, posso afirmar que ele sempre se esforçou para desvincular sua imagem de meu pai e provar que, durante o período de um ano e meio em que

mantiveram contato, não se viram mais que uma dezena de vezes. As datas são fundamentais para ele, porque lhe permitem demonstrar que os dois já estavam distanciados havia algum tempo na época do assassinato de Galán. Portanto, era impossível que ele tivesse qualquer responsabilidade pelo crime. O calendário indica que ele diz a verdade, mas a Justiça não acreditou nisso e condenou-o em última instância a passar 24 anos na prisão.

Dois momentos daquela época são cruciais na relação entre meu pai e Santofimio: o dia em que se conheceram e a última vez em que se falaram.

Santofimio e meu pai se encontraram pela primeira vez durante uma passeata em Puerto Berrío, Antioquia, para promover a campanha presidencial de Alfonso López Michelsen, em 1982. Meu pai era suplente de deputado na Câmara, e os dois se cruzaram naquele ato.

A história de como se afastaram é um pouco mais longa e tem relação com o momento político da época.

A pré-candidatura presidencial de Santofimio foi derrotada na Convenção Liberal de Medellín, e López Michelsen foi eleito candidato à reeleição presidencial. Meu pai não participou da convenção. Muito se disse que meu pai teria ingressado na política por meio de Santofimio, mas a verdade é que ele entrou com Jairo Ortega no Movimento de Renovação Liberal (MRL), organização que aderiu ao novo liberalismo, movimento de Luis Carlos Galán, para a eleição ao Congresso de 1982. Santofimio militava na Alternativa Popular.

De fato, contrariando a opinião de minha avó Nora e de boa parte de minha família materna, meu pai aceitara a inclusão de seu nome na segunda linha de uma lista de membros do MRL aspirantes à Câmara de Deputados.

A campanha ganhou força, e meu pai realizou diversos comícios públicos, em que falava em defender os interesses dos mais pobres e lutar contra a pobreza. Mas seu discurso sempre descambava em arengas contra a extradição para os Estados Unidos e a exigência de anular o tratado assinado pelos dois países em 1979. Um desses eventos aconteceu no bairro La Paz, em Envigado, onde morávamos.

Mil pessoas compareceram; de pé sobre o teto de um automóvel Mercedes Benz, meu pai fez um discurso emocionado, proclamando ter um carinho especial por aquele lugar e se comprometendo a trabalhar no Congresso pelos pobres de Antioquia.

O dinheiro do narcotráfico serviu para que a candidatura de meu pai fosse aceita, e por isso ele criou Medellín sin Tugurios [Medellín Sem Barracos], entidade que chegou a construir mil das 5 mil habitações gratuitas que ele pretendia entregar às famílias mais pobres. Também inaugurou mais de 20 campos de futebol em bairros decadentes e plantou mais de 100 mil árvores nas montanhas que rodeiam o valle de Aburrá.

Embora ainda não se conhecessem, meu pai e Santofimio coincidiam no discurso contra a extradição. Meu pai foi especialmente ativo nessa cruzada: organizou diversas reuniões na discoteca Kevin's, em Medellín, e no restaurante La Rinconada, do município de La Estrella. Esses encontros foram batizados com o nome pomposo de Foro Nacional de Extraditáveis. O discurso de meu pai sobre a extradição ganhou tanta força que ele conseguiu reunir em Medellín meia centena de mafiosos de todo o país para convencê-los a lutar juntos contra a extradição. Foi ali que entrou em cena a apresentadora de televisão Virginia Vallejo. Ela atuou como mediadora em muitos daqueles debates, o que lhe permitiu conhecer os mafiosos mais importantes da Colômbia. Àquela altura, Santofimio defendia publicamente que a extradição era um instrumento extremo para julgar os colombianos sob outras legislações, longe de sua pátria e de seu idioma. Ele dizia acreditar que havia muitos culpados, mas também vários inocentes.

A campanha para o Congresso, no entanto, sofreria um revés em fevereiro de 1982, quando, em discurso na plaza de Berrío, em Medellín, Luis Carlos Galán rechaçou a adesão formal do Movimento de Renovação Liberal ao novo liberalismo. Seu argumento era que os antecedentes e a origem do dinheiro do homem que aparecia de suplente na lista de aspirantes à Câmara deveriam ser analisados. Ele se referia a meu pai.

Por sua vez, longe de se acovardarem, meu pai e Ortega arranjaram outros apoios políticos, incluindo o aval do Partido

Liberal; então, foram às ruas conquistar eleitores. Não tiveram muita dificuldade, porque foram eleitos em 14 de março com uma votação folgada, sobretudo em Medellín e no valle de Aburrá.

Uma vez realizado o sonho de se tornar parlamentar, meu pai participou ativamente de alguns comícios convocados pelo candidato presidencial Alfonso López Michelsen, que tentava chegar pela segunda vez à chefia de Estado.

Nas meras dez semanas entre as eleições para o Congresso e para presidente (convocadas para 30 de maio), meu pai se encontrou em diversos eventos com Jairo Ortega, o então senador Santofimio e o congressista Ernesto Lucena, entre outros políticos. É por isso que os três aparecem em diversas fotografias que, segundo a defesa de Santofimio, foram utilizadas para vinculá-lo a meu pai.

Faz-se pouca referência às datas das fotos em que aparecem juntos. Por exemplo, a foto da Plaza de Toros de La Macarena é de março de 1983, e naquele mesmo evento estavam presentes Jairo Ortega (como era natural), Alberto Uribe, Fabio Ochoa e algumas misses de diversas regiões do país. Tudo isso era em prol do Medellín sin Tugurios. Além da classe política, meu pai tinha contato com bispos, como os monsenhores Alfonso López Trujillo e Darío Castrillón. Outras fotos foram tiradas em uma viagem política a Magdalena Medio, que terminou com um almoço e um passeio por Río Claro, onde meu pai exibiu seus novos aerobarcos.

Quando os fatos são justapostos após trinta anos sem contextualização, é compreensível que pouca gente duvide que a inquestionável relação entre o chefe do cartel de Medellín e o controverso político de Tolima tenha sido muito mais superficial do que se diz.

Meu pai e Santofimio também se encontraram em um evento em outubro de 1982, quando o Congresso da Colômbia destacou uma comitiva de deputados e senadores para assistir às eleições em que Felipe González foi eleito chefe de governo da Espanha.

Santofimio era senador e foi enviado ao lado de Raimundo Emiliani Román e Víctor Cárdenas para representar o grupo legislativo. Meu pai foi em nome da Câmara de Deputados, e os dois viajaram juntos a Madri em um voo comercial. Todos os

congressistas compareceram à celebração de González no luxuoso hotel Palace de Madri, onde foi tirada a famosa foto em que Santofimio e meu pai aparecem em meio a outros personagens. Depois foram a outra recepção, com o toureiro Pepe Dominguín, e se reuniram com os jornalistas Enrique Santos e Antonio Caballero em um terceiro evento.

No entanto, a vida política de meu pai acabaria pouco depois, por causa de seu intenso enfrentamento com o ministro da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla, e pela inesperada e devastadora publicação, no jornal *El Espectador*, de uma notícia relatando a prisão de meu pai e outras 5 pessoas em 1977, em um incidente envolvendo um carregamento de cocaína interceptado por agentes do DAS na fronteira com o Equador.

As acusações de Lara a respeito da entrada do chamado “dinheiro sujo” na política, bem como a confirmação de que meu pai era narcotraficante, expuseram-no, e não lhe restou outra opção senão planejar uma retirada da arena política. Mas, antes, ele precisaria renunciar à imunidade parlamentar. Se não fizesse isso, seria investigado pela Comissão de Acusações da Câmara de Deputados.

Santofimio, na posição de chefe do grupo parlamentar Alternativa Popular (ao qual haviam se unido Jairo Ortega e meu pai, já eleitos congressistas), viu-se forçado a ir a Medellín pedir que ele abdicasse de sua posição. Como Jairo Ortega havia deixado meu pai entrar na Câmara, Santofimio não podia passar por cima dele, porque Pablo era o suplente de um membro principal daquele grupo.

Portanto, Santofimio tomou a decisão de ir a Medellín pedir a meu pai que se retirasse da política e renunciasse à imunidade parlamentar a fim de se defender como cidadão. Era setembro de 1983. Ele carregava um documento redigido, mas meu pai respondeu que escrevia suas próprias mensagens e não permitiria que ninguém o fizesse em seu lugar. Santofimio saiu de lá sem conseguir a assinatura de meu pai, e os dois nunca mais se falaram.

Com a intenção manifesta de mostrar distância em relação a meu pai, Santofimio defendeu que foi enganado na época, porque meu pai foi apresentado a ele como empresário e líder comunitário,

e ele desconhecia seus antecedentes penais. Na realidade, naquela época meu pai ainda não tinha problemas com a Justiça. Pelo contrário, o fato de estar à frente de Medellín sin Tugurios, desenvolver atividades de caráter social e construir quadras esportivas garantiam sua aceitação e certo protagonismo junto à sociedade.

Pelo que li e conversei com o advogado que encontrei em Bogotá, a defesa de Santofimio se concentrou na tarefa de descrever encontros e desencontros com Rodrigo Lara Bonilla e o chefe do novo liberalismo, Luis Carlos Galán Sarmiento. Explicaram que Santofimio e Lara foram amigos de juventude: os dois se conheceram no início do Movimento Revolucionário Liberal e participaram de comícios no departamento de Huila, terra de Lara. Segundo indicou Santofimio, sua relação política com Lara se deteriorou quando este se opôs à candidatura de López Michelsen para a reeleição, abstendo-se de comparecer à Convenção Liberal em Medellín. Foi então que Galán lançou sua candidatura em Rionegro, acompanhado de Lara.

Mas as coisas mudariam dramaticamente depois que Lara foi nomeado ministro da Justiça pelo presidente Belisario Betancur. O confronto com meu pai estava anunciado, e cada um fez suas apostas. De um lado, o ministro começou a falar em “dinheiro sujo” na política, culpando o deputado Pablo Escobar. De outro, meu pai começou a mover peças para alijar o ministro do meio político. E fez isso ao próprio estilo, com uma emboscada envolvendo os deputados Jairo Ortega e Ernesto Lucena, que organizaram um debate com opositores do governo de Betancur ao qual compareceram o ministro de Governo, Alfonso Gómez Gómez, e o procurador, Carlos Jiménez Gómez. No meio da discussão, Ortega e Lucena revelaram a existência de um cheque de 1 milhão de pesos entregue a Lara pelo narcotraficante Evaristo Porras, aliado de meu pai.

O descuido de Lara ao não perceber que a máfia de meu pai se infiltrava em sua campanha foi usado contra ele. Estava claro que Lara havia sido vítima das trapagens de meu pai.

Após o escândalo, Lara precisou dirigir esforços para sua defesa. Por isso, investiu contra meu pai. Foi um período conflituoso, em que meu pai exigiu a renúncia do ministro. Em resposta, este executou ações contundentes, como a operação de busca e apreensão em um complexo de produção de cocaína em Tranquilandia, primeiro golpe certeiro contra o cartel de Medellín. O enfrentamento resultaria no assassinato do ministro e marcaria o início da guerra contra a máfia.

Diante desse episódio, Santofimio afirmou que o governo, o Estado e Galán deixaram Lara sozinho, abandonando-o em um limbo moral e jurídico ao ser investigado pelo comitê de ética do novo liberalismo, que jamais o condenou nem absolveu pelo famoso cheque. O político tolimense alegou que Lara estava fora do novo liberalismo quando foi morto, porque havia sido suspenso após o escândalo do cheque.

Em sua manifestação diante dos magistrados da Suprema Corte de Justiça, responsáveis por seu julgamento, Santofimio apontou:

*É uma perversidade fingir que eu poderia ter dado conselhos a Pablo Escobar em relação à morte de Galán. Escobar precisava de alguém para motivá-lo? Galán e Lara assumiram uma postura pessoal naquele conflito. Obviamente, isso levou a uma radicalização da violência, a ponto de os mafiosos responderem a discursos a bala, porque sabiam que a situação era de vida ou morte.*

Confesso que levei muitos aspectos em consideração ao decidir que publicaria este capítulo complexo, tendo em vista as consequências e implicações que ele poderia gerar. Estou acostumado a críticas. Não tenho medo delas e agradeço quando são construtivas, mas devo dizer que em meu livro anterior fui chamado de uribista por revelar os dois atentados fracassados de meu pai contra Álvaro Uribe quando este era diretor da Aerocivil. Também fui acusado de santofimista pelo parágrafo em que me posicionei acerca de sua condenação.

Não pretendo me isentar, tampouco colocaria a mão no fogo por qualquer político, pois sua escassez de valores é notória. Mas passei

um tempo preso ao lado de minha mãe na Argentina, quando fomos acusados de delitos que jamais cometemos e, após sete anos intermináveis de processos judiciais, fomos absolvidos pela Suprema Corte. A liberdade é como o ar: jamais reparamos nela até que a tiram de nós. É por isso que me atrevo a publicar esta história: a Justiça da Colômbia deve parar de se preocupar com a eficácia aparente e se dedicar a fazer justiça. Depois de analisar cuidadosamente as provas a que tive acesso, insisto em que existem motivos sólidos para garantir que Santofimio não teve nada a ver com o assassinato de Luis Carlos Galán.

Também é certo que a Justiça de meu país nunca demonstrou interesse em questionar a fundo as relações carnais que meu pai mantinha com a classe política. Na Colômbia, muito se fala da parapolítica e da farcpolítica, mas acho que ainda leva bastante tempo até alguém se atrever a mexer com a pablopolítica.

No passado, afirmei que as babás que me criaram eram os delinquentes mais perigosos da Colômbia. Pois então: um desses homens, muito próximo de meu pai, mencionou que sabia os pormenores do homicídio do candidato presidencial. Ele confirmou que Santofimio não foi visto e seu nome não foi mencionado. Também me informou ter recebido, por intermédio de seu advogado, uma oferta de 200 milhões de pesos para testemunhar contra ele. Quando questionei quem poderia estar por trás disso, ele me respondeu que recusara o dinheiro e me deu um conselho: "Deixe as coisas como estão. É um assunto muito perigoso".



© Acervo da família Seal

Esta é uma das fotografias tiradas pelo piloto Barry Seal em 1984 na Nicarágua. Meu pai aparece em meio a uma operação de tráfico de cocaína em um avião equipado com uma câmera potente. As imagens custaram a vida a Seal.



© Acervo da família Seal

Este é Barry Seal, o audaz piloto que trabalhou com meu pai. Está em seu Cadillac branco, o mesmo em que seria assassinado, em 1986, por pistoleiros enviados da Colômbia por meu pai.



© Acervo da família Seal

Seal era dono de uma frota de quatro aviões, que chamava de "The Marihuana Air Force". Aqui, pode ser visto em uma de suas aeronaves chegando às Bahamas com a família.



© Acervo da família Seal

Essa imagem revela uma particularidade de Barry Seal: sempre carregava uma carteira com dinheiro de diferentes países. Utilizava-as para fazer ligações em telefones públicos sobre assuntos relacionados ao tráfico de drogas.



© Acervo da família Marroquín Santos

Meu encontro no México com Aaron Seal, filho de Barry Seal, foi comovente. Em um gesto grandioso, disse que perdoava meu pai por ser o mandante do assassinato de seu progenitor.



Como prova de uma reconciliação genuína, Aaron se desfez de um objeto valioso: o emblema da TWA, companhia aérea para a qual seu pai trabalhou, em reconhecimento por ele ser o piloto mais jovem na história da empresa.



© Acervo da família Seal

Esta é a família de Barry Seal. À direita está sua esposa, Debbie, e abaixo seus filhos Dean, Christina e Aaron.



© Acervo da família Marroquín Santos

Esta sempre foi a fotografia preferida de meu pai. Mandava pendurar ampliações em todos os lugares onde estava e colocou uma na parede de sua cela na prisão de La Catedral.



© Planeta Editorial

O diálogo por Skype com William Rodríguez foi dramático. Precisamos lidar com um impasse: ele não pode sair dos Estados Unidos e eu não posso entrar.



© Acervo da família Marroquín Santos

Na extensa conversa que tivemos, William Rodríguez revelou diversas minúcias sobre a bomba do edifício Mónaco, onde morávamos minha mãe, minha irmã e eu. O incidente detonou a guerra entre os cartéis de Medellín e Cali.



© Captura de tela, Noticias Caracol TV

A espada de Bolívar foi devolvida pelo M-19 em 1991. Desde então, permanece em um cofre de segurança no Banco da República.



© Acervo de Otty Patiño

Esta é uma fotografia inédita. Foi tirada na casa de Otty Patiño, onde ficou escondida por algum tempo a espada de Bolívar. Ao lado está Germán Rojas, o Raulito, outro integrante do M-19.



© Acervo da família Marroquín Santos

A política foi a perdição de meu pai. Ele conseguiu um posto na Câmara de Deputados, mas sua carreira seria breve. Alberto Santofimio e Jairo Ortega cruzaram com ele em uma época conturbada da história do país.



© Acervo da família Marroquín Santos



© Acervo da família Marroquín Santos



© Acervo da família Marroquín Santos



© Acervo da família Marroquín Santos

Com o poderio econômico que o narcotráfico lhe rendera, meu pai acreditou que poderia ocupar elevados cargos no Estado. Transitava com facilidade no âmbito público e conquistou eleitores dando casas, construindo quadras esportivas e plantando árvores.

CAPÍTULO 6

# **MEU PAI E MALÉVOLO**

A guerra contra o narcotráfico na Colômbia teve início na noite de 30 de abril de 1984, quando pistoleiros contratados por meu pai assassinaram, em Bogotá, o ministro da Justiça, Rodrigo Lara Bonilla. Como resposta a essa imensa provocação, o então presidente Belisario Betancur ordenou que os grandes chefes dos cartéis de Cali e Medellín fossem perseguidos, sem trégua. Também anunciou a aplicação imediata da extradição aos Estados Unidos.

Como se sabe, meu pai e outros chefes mafiosos fugiram para o Panamá naquela mesma noite e, no dia seguinte, vários de seus homens buscaram minha mãe, que estava grávida, e a mim para nos levar de helicóptero até a fronteira entre os dois países. Dali, seguimos por terra até o local onde meu pai estava escondido.

O que aconteceu depois é de conhecimento geral: os chefões propuseram negociar sua rendição e acabar com o tráfico; meu pai e sua família fugiram intempestivamente para a Nicarágua após a traição do general Manuel Antonio Noriega; meu pai foi flagrado em uma pista de aterrissagem nicaraguense quando carregava um avião de cocaína ao lado de Gonzalo Rodríguez Gacha, o Mexicano; e todos nós fomos forçados a voltar para a Colômbia, o que deu início à intensa perseguição que, nove anos depois, resultaria na morte de meu pai.

Mas, como é de praxe nos grandes episódios da história, sempre há uma parte importante que permanece desconhecida ou se torna conhecida apenas muito tempo depois. Bem se sabe o que ocorreu após a morte do ministro Lara. Mas o que ocorreu no dia do crime? Onde estava meu pai e o que ele estava fazendo?

Obtive a resposta de um homem que não encontrava havia mais de 25 anos, a quem enviei diversas mensagens pedindo uma reunião durante a pesquisa feita para este livro. Eu já havia tentado me aproximar dele em outra ocasião, quando trabalhava no livro anterior, mas ele me deu cano em diversos encontros.

Seu apelido ainda é Malévolo. Encontrei-me com ele em um pequeno restaurante no centro de Medellín. Conversamos por cerca de cinco horas, mas foi só no final que revelou, de maneira fortuita, uma história que, segundo ele, pouca gente conhece, porque a maioria dos envolvidos já morreu.

Ele estava com meu pai no dia em que mataram Rodrigo Lara e permaneceu a seu lado até poucos momentos antes de sua fuga ao Panamá. Segundo seu relato, na cálida segunda-feira de 30 de abril de 1984, meu pai chegou à fazenda Nápoles acompanhado de uma bela jovem que havia sido miss Medellín poucos anos antes. Após alojá-la em um dos quartos de La Mayoría, meu pai foi chamá-lo porque precisava de um favor.

A narrativa a seguir é um relato completo do que aconteceu naquele dia:

*— Malévolo, você conhece um senhor chamado Obando, que vive em San Miguel? Será que ele ainda vende ouro?*

*— Sim, Pablo.*

*— Quero dar um ourinho de presente para a garota que está aqui comigo. Ligue para ele.*

*Era esta a situação: uma linda mulher com cerca de 50 anos de idade entrou no recinto. A mãe da miss.*

*Reunimo-nos ao redor da piscina, e Pablo sugeriu fazer um passeio pela fazenda, levando trajes de banho e comida suficiente para o almoço. Partimos em um jipe Nissan espaçoso, sem capota e com as portas pintadas com o logotipo da fazenda Nápoles. Pablo dirigia o veículo, e as duas mulheres se acomodaram ao lado; eu me sentei no banco de trás. A animada jornada foi marcada por histórias e risadas, um longo banho no rio La Miel e um delicioso almoço com fatias de banana madura frita, que nunca podiam faltar, porque eram o alimento preferido do Patrão.*

*Na volta, a mãe da miss passou para o banco de trás. Sentou-se a meu lado e começou a cantar boleros. Quando chegamos à casa principal da fazenda, Pablo, que era especialista em aticar as vontades dos outros, me disse:*

— Tá morrendo de vontade de dormir com a senhora ali, não é?

— Não, que isso.

— Panaca, não reparou que ela foi para perto? Não reparou? Vai pra cima. Vamos, a gente se veste e depois vamos com ela. Ande.

A ideia ficou em minha cabeça e concordei em mudar de roupa. Quando chegamos ao quarto, Palillo, um dos guarda-costas do Patrão, pediu emprestado um pouco de meu protetor solar porque o dele tinha acabado. Falei que ia tomar banho e pegaria o frasco de protetor assim que saísse. Quando terminei a ducha, liguei a televisão e vi a notícia do assassinato do ministro da Justiça, Lara Bonilla. Os repórteres diziam que as autoridades atribuíam o crime à máfia – mais especificamente a Pablo Escobar – e que o país estava em comoção. Por um momento, achei que era delírio. Pensei: “Como fui me meter nisso? Nem sequer sou violento”.

Palillo entrou em meu quarto assim que soube que havia acontecido alguma coisa. Ele gelou quando tomou conhecimento dos fatos em Bogotá:

— Filho da puta, agora a coisa está feia pra nós — disse, erguendo os braços como se fosse brigar com a televisão. Ao mesmo tempo, mexia nervosamente na pistola que segurava na mão direita. Tomado pelo pânico, terminei de me arrumar e coloquei duas calças e uma camiseta em uma mochila. Em seguida, saí para conversar com Pablo e ver o que ele tinha a dizer. Palillo veio atrás.

— Vamos logo, panaca — eu disse, sem tocar no assunto.

— Ai, a boneca tá nervosinha.

Quando chegamos ao andar de baixo, encontramos a miss, a mãe dela e Pablo, que havia trocado de roupa e agora vestia calça jeans e botas de couro. Não parecia estar ciente do grave acontecimento, mas deve ter visto minha cara de susto e surpresa, porque se aproximou e disse:

— Viu, Malévolo? Agora tudo é culpa minha.

*Não consegui dizer nenhuma palavra, mas a mãe da miss, sim:*

*— Pablo, posso testemunhar a seu favor... Você estava comigo. Pablo foi até o jipe, seguido pelas mulheres. Desconcertado, fiz a mesma coisa. Entrei na parte de trás, e ele disse, depois de fechar a porta:*

*— Malévolo, fique aqui e enfrente a situação. Se prenderem você, não se preocupe que eu mando soltar. Reúna todos os empregados, porque farão buscas. Quando isso acontecer, garanta que todos estejam juntos para que ninguém seja morto.*

*Não houve tempo de dizer nada. Fui incapaz de dizer não. Então saí do jipe e Pablo partiu, levando a miss e a mãe. Eu fiquei para trás, morto de susto, esperando que a qualquer momento as autoridades chegassem. O estranho foi que a primeira busca só ocorreu muitos dias depois.*

Malévolo fez uma pausa em seu relato para tomar um gole de licor. Aproveitei para pedir que contasse como foi parar em Magdalena Medio, trabalhando para meu pai. Ele bebeu mais uma dose de licor, outra, e então prosseguiu:

— Juan, estudei no colégio Manuel Uribe Ángel de Medellín, mas fui um péssimo aluno: repeti o terceiro ano três ou quatro vezes e não concluí o ensino médio. Sim, lembro-me de dois professores. Um deles, Marcos Aristizábal, me ensinou a pintar. Chamavam-no de Mocho, era ele quem dava as aulas de pintura. O outro era Gustavo Restrepo, professor de religião. Seu apelido era Pistolo porque usava suspensórios e encaixava as mãos nele em formato de pistola. Era bravo.

Malévolo contou que gostava de assistir ao futebol no campo do bairro El Dorado, no município de Envigado (vizinho ao bairro La Paz, onde viviam as famílias de meu pai e de minha mãe), até que um dia um rapaz disse: “Olha, os Pablos chegaram. Esses têm muita grana”. De fato, eram Gustavo Gaviria e meu pai. Malévolo não sabia quem eram os Pablos, e se passariam muitos anos antes que eles se encontrassem de novo.

— Na época, eu trabalhava para o submundo, em particular para um homem que chamavam de Mario Cacharrero, um dos primeiros mafiosos de que se teve notícia em Medellín. Ele se dedicava à venda de pequenas porções de maconha e *bazuco*. Era o chefe dos chefões. Era tão durão que, certo dia, 4 sujeitos apareceram em um restaurante para sequestrá-lo e ele matou os quatro sozinho.

Malévolo lembra que conseguiu sair daquele buraco no dia em que conheceu Jorge Tulio Garcés, proveniente de uma família muito endinheirada e proprietário de vastas extensões de terra em Magdalena Medio, que lhe deu emprego em uma vidraçaria que possuía em Envigado.

— Jorge Tulio e eu nos tornamos bons amigos, mas eu não sabia que ele havia vendido aos Pablos os terrenos do sítio Valledupar e da Nápoles, as 2 primeiras das 11 terras que formariam a grande fazenda Nápoles, com 1.920 hectares de extensão.

No entanto, a morte repentina de Jorge Tulio Garcés em um acidente com o avião que ele pilotava levou Malévolo a trocar de trabalho e se mudar para o município de Doradal, muito próximo à fazenda Nápoles, onde se envolveu profissionalmente com a empresa Parcelas California e trabalhou sinalizando as estradas e pintando sinais de trânsito.

— Eu trabalhava perto da Nápoles, mas não entrava lá. Vivia muito ocupado e me concentrava em meu trabalho.

Pouco depois, tudo mudaria, pois Gustavo Gaviria, sócio de meu pai, comprou um motel no município de La Estrella, perto de Medellín, administrado por um homem conhecido como Mechas, que se deu muito bem com o novo proprietário.

— Gustavo Gaviria disse que compraria o motel se Mechas fosse incluído no negócio; sua ideia era se aventurar em outro ramo e, de quebra, abandonar em definitivo a construção fracassada de uma represa na fazenda Nápoles, empreendimento em que Pablo havia investido muito dinheiro.

Após a compra do motel, Mechas entrou no círculo dos Pablos. Isso também significaria a entrada de Malévolo, que enfrentava

sérios problemas econômicos.

— Eu perguntava a Mechas se Pablo e Gustavo tinham dinheiro, e ele respondia que tinham dinheiro pra caralho. Naquela época o dinheiro era escasso, e no local onde eu morava desligavam o registro de luz, então não era possível assistir à televisão. Era um inferno.

Certo dia, Malévolo deu ouvidos a Mechas e aceitou entrar na Nápoles para pintar avisos e sinalizar as vias internas da fazenda.

— Saí da Parcelas California porque Mechas me prometeu muitos benefícios, comida grátis e um salário bastante bom, comparado ao que pagavam na região.

Nos dois meses seguintes, Malévolo realizou diversas tarefas. Até que, em uma quarta-feira, Mechas pediu a ele que fosse a Medellín em um dos aviões de meu pai para buscar a comida e os quitutes de que precisavam para o domingo seguinte, Dia das Mães, quando haveria na fazenda um evento com mais de 200 pessoas.

Malévolo cumpriu a incumbência e, por coincidência, retornou a bordo do *Twin Otter*, que meu pai acabara de comprar e que contava, naquela viagem inaugural, com parte de nossa família.

— Naquele dia, falei pela primeira vez com Pablo Escobar. Tinha um grande revólver calibre 38 de coronha preta no cós da calça e um pequeno relógio quadrado no pulso esquerdo. Cumprimentei, mas não o chamei de patrão, de Don Pablo nem chefe... É que não sou puxa-saco. Eu disse: "E aí, Pablo, tudo bem?". Antes de responder, ele fez um sinal e pediu que eu sentasse a seu lado.

— Qual é, cara, tudo bem? Bem ou não?

— Bem, Pablo, trabalho na fazenda, cuidando da sinalização e de umas bobagenzinhas.

— Ah, sim, eu vi você.

Durante o voo, meu pai disse a Malévolo que queria fazer muitas coisas na Nápoles, em cujo zoológico já havia 2 girafas e 2 camelos. Uma boa quantia de espécimes que ele havia comprado nos Estados Unidos estava prestes a chegar.

— Cara, eu vi umas coisas legais em Miami... Vi esculturas e arbustos em forma de animais e queria fazer a mesma coisa aqui.

— Olha só, Pablo, isso é muito difícil de fazer. Essas plantas não crescem direito porque a terra daqui é estéril. O melhor seria fazermos os animais em cimento, não em arbustos, e depois pintar da cor que você quiser; ficaria bonito e não precisaríamos regar. É tranquilo fazer esculturas de animais.

— Então faça isso com os animais grandes.

A vida de Malévolo mudou a partir daquele momento. Ele se tornou um empregado direto de meu pai e ganhou um pequeno quarto com televisão e ventilador, situado em uma parte da Nápoles conhecida como Panadería. Além disso, tinha livre acesso a La Mayoría e se encontrava com meu pai quando ele estava lá.

— Lembro que, certa noite, entrei na cozinha para pegar um refrigerante e me deparei com seu pai e o alto escalão do cartel, entre eles o Mexicano e os irmãos Fidel e Carlos Castaño. Quando me dirigia até a porta, Pablo se aproximou, passou um braço por cima de mim e disse: “Malévolo, como estamos de minas?”. Eu sorri, e todos nos olharam. É que um abraço do homem mais procurado do mundo é um choque e tanto, né?

Para executar a tarefa de construir animais pré-históricos em grande escala, Malévolo copiou os primeiros modelos das pequenas lâminas que vinham com os chocolates Jet. Assim nasceu o brontossauro, um animal enorme de pescoço alargado, cuja construção levaria mais de um ano. Foi pintado de verde e, com o passar dos anos, tornou-se o local preferido dos caçadores de tesouros. Milhares de pessoas perfuraram todos os cantos, achando que meu pai havia escondido uma grande fortuna dentro dele. Não poderiam estar mais enganadas. Meu pai nunca escondeu dinheiro em adegas, barris nem qualquer outro lugar; ele dizia que era uma máquina de fazer dinheiro e, sendo assim, para que poupar?

— Quando viu aquele bicho pronto, Pablo se entusiasmou e pediu que eu fizesse diversos outros. Lembro de ter feito entre 8 e 10, 1 por ano. E Gustavo Gavia, que era muito tacanho, disse: “Continue fazendo esses bichos de merda em cimento, porque cada um me custa dez vezes menos que um espécime vivo”.

Apesar da oposição de seu primo e sócio, meu pai continuou empenhado em preencher a fazenda de animais exóticos, sem se

importar com os custos.

— Quando os hipopótamos chegaram — relembra Malévolo —, Pablo foi até a beira do primeiro lago, onde estavam as jaulas de madeira. Começamos a abrir os imensos caixotes, e o primeiro saiu, depois o segundo, então uma zebra... Abrimos a outra porta, mas nada de o último hipopótamo sair. Pablo observava de cima do capô de um jipe Toyota branco, modelo antigo, com capota fixa. Então erguemos as jaulas em 8 ou 10 empregados para tentar tirar o animal dali e colocá-lo no lago. De repente, o hipopótamo se levantou, deu um salto enorme e passou ao lado de Pablo, que levou um grande susto. Gargalhamos.

Malévolo também testemunhou a euforia que tomou conta de meu pai no primeiro semestre de 1982, quando foi eleito para a Câmara dos Deputados. Um dia, chegou à Nápoles e, enquanto davam uma volta pelo zoológico, disse a ele:

— Se já foi assim na primeira tentativa, imagina o que nos espera.

Claro, meu pai foi bem-sucedido na primeira ocasião em que pleiteou um cargo de eleição popular e acreditou sinceramente que poderia alcançar cargos mais elevados, como o de presidente da República. Mas estava muito enganado e levaria bastante tempo para se dar conta de que o ingresso na arena política seria sua perdição.

Nesse ponto da conversa, pedi a Malévolo que retomássemos o relato da noite de 30 de abril de 1984, dia do assassinato do ministro Lara Bonilla, quando meu pai saiu da fazenda Nápoles com a miss Medellín e a mãe dela. Malévolo ficou encarregado de enfrentar a eventual chegada das autoridades.

Fazendo o que meu pai dissera, Malévolo reuniu cerca de 300 trabalhadores da fazenda e deu instruções precisas: desfazer-se de armas, munições e drogas que estivessem consumindo, não oferecer resistência e permanecer juntos durante a operação. Apenas um armamento ficou em seu lugar: a bateria antiaérea instalada perto da piscina.

Todos cumpriram as ordens e continuaram executando suas funções normalmente, até que, no quarto dia, 4 de maio de 1984,

teve lugar a já esperada ocupação da fazenda pelo Exército e pela polícia, que chegaram por ar e terra. Ressabiados, os oficiais temeram se tornar alvos da bateria antiaérea. Por isso, deram ordens com um megafone para que todos se deitassem no chão.

— Eu estava longe de La Mayoría, com outros 2 empregados, pintando um letreiro com imagens de vários animais, quando chegaram 4 ou 5 policiais e me mandaram erguer as mãos para ser revistado. Fiz sinal de que não havia entendido, quando um deles gritou: “É com você mesmo, não se faça de desentendido”. Então nos levaram para a casa e nos puseram no chão ao lado os demais.

“A primeira cabeça que levantar vai sair voando”, disse um major. Ele deu ordens para que revistassem cada canto da fazenda. Como eu era o responsável por tudo, levantei-me e acompanhei os soldados. Tive tanto azar que, no primeiro quarto inspecionado, o silenciador de uma pistola rolou pelo chão. E olha que nos dias anteriores havíamos limpado tudo! Por sorte, um soldado o recolheu e guardou-o no bolso. Horas mais tarde, como não encontraram cocaína, armas nem pistoleiros, muito menos Pablo Escobar, a tensão diminuiu, e no dia seguinte até oferecemos comida aos policiais e aos soldados. Naquele fim de semana, recebemos autorização para ir até Medellín.”

Em termos “legais”, a fazenda Nápoles ficou sob controle do Estado a partir daquele momento. Helicópteros, aviões, aerobarcos e veículos foram levados para a base aérea de Palanquero, em Puerto Salgar, na Cundinamarca. Na prática, a Nápoles continuou funcionando normalmente. Meu pai e Gustavo Gaviria davam ordens para que Malévolo fosse a Medellín recolher o dinheiro para a folha de pagamento e para a manutenção do zoológico e da fazenda.

— Eu ia de ônibus a cada duas semanas buscar o dinheiro. Trazia em um saco os 3,5 milhões de pesos que custeavam todo o funcionamento da Nápoles.

Meu pai levaria cinco meses para retornar à fazenda, já na clandestinidade. Embora ainda tentasse fingir que tudo continuava igual, as coisas haviam mudado muito lá, porque o fantasma da ocupação, do tiroteio e do enfrentamento estavam presentes.

— Assim como ele, nós nos tornamos sonâmbulos. Muitas vezes, quando estávamos sentados em algum ponto qualquer da fazenda às 4 ou 5 da manhã, Pablo fazia exercícios de mnemônica. Dizia, por exemplo: “Vou começar com 50 palavras... gangorra, campo, mesa, cadeira, bola, rede etc., até completar 50”. Mas o surpreendente é que começava de trás para a frente e quase nunca se enganava.

Então Malévolo rememorou a frieza com que meu pai agira na noite do assassinato do ministro Lara. Mas ele precisou se acostumar, porque nos anos seguintes o veria se comportar assim diversas vezes.

— Acontece que Pablo era muito desafiador. Uma vez, ele estava em La Mayoría e foi informado pelo *walkie talkie* que os homens da lei haviam chegado e estavam “no aviãozinho”, código para se referir à entrada da Nápoles. Ele perguntou quantos eram. Respondemos que eram uns 20, e nós, apenas 5 ou 6. Não sei se foi só para cantar de galo, mas ele respondeu: “Cada um pega quatro”. Houve muitas batidas policiais, mas ele parecia não se importar. Era como se não tivesse medo. Uma vez, a polícia chegou e ocupou La Mayoría. Nós nos escondemos com ele a uns 200 metros da casa, atrás de limoeiros. Ficamos descascando limões enquanto eles vasculhavam, depois voltamos para casa. Em outra ocasião, os homens da lei entraram e ele começou a perguntar a quantos metros de distância estavam. Dissemos que 500, depois 300... Ele interrompeu e disse: “Avisem quando estiverem a 50 metros que eu saio correndo”.

No fim da conversa, Malévolo me contou o teor de uma conversa que travou com meu pai meses depois da morte do ministro Lara Bonilla, quando conseguiu escapular de seus perseguidores e retornar à Nápoles, ainda que por poucas horas. Talvez porque nunca houvesse falado do assunto com ninguém, Malévolo não sabia que fora o depositário de um segredo por mais de trinta anos.

— Estávamos escondidos na parte de trás da Nápoles, sentados, fumando um baseado. Pablo me encarou e disse: “Se eu não tivesse

matado Lara, cometeria suicídio. Agora tenho motivo para correr, para perseguir; já encontrei um sentido para a vida”.

CAPÍTULO 7

**AS ÚLTIMAS 72 HORAS DE MEU  
PAI**

Após uma longa busca em diversos lugares de Medellín, finalmente encontrei a casa de Luz, prima de meu pai e a última pessoa que, em 2 de dezembro de 1993, o viu vivo, com Limón, seu motorista e guarda-costas.

Luz é uma senhora de aspecto simpático, que nunca se envolveu com atividades ilícitas. Era ligada a meu pai pelo amor familiar, não por interesses financeiros. Ele sabia muito bem disso e, por esse motivo, confiou-lhe sua vida e sua segurança nos momentos finais de sua existência.

Após contar à prima o motivo de minha aparição repentina em sua casa, Luz aceitou falar pela primeira vez com alguém sobre as 72 horas que antecederam a morte de meu pai. Seu relato, cheio de informações que eu desconhecia, deixou-me triste, porque torna explícita a decadência dele depois que seus inimigos haviam levado praticamente tudo o que ele tinha e sua família corria sérios perigos em Bogotá.

Isso explica por que, em suas últimas horas de vida, meu pai quebrou todos os protocolos de segurança e nos telefonou diversas vezes (inclusive para Residencias Tequendama, no intuito de falar conosco). Parecia não se importar em dar seu nome, o que facilitava a tarefa dos policiais que haviam grampeado nossos telefones e aproveitariam a ocasião para rastrear a ligação.

Luz me contou que, três meses depois de fugir da prisão La Catedral (mais ou menos em outubro de 1992), meu pai chegou inesperadamente em sua casa, no bairro La Paz, em Envigado. Passava da meia-noite quando alguém bateu diversas vezes à porta, acordando-a e a seus dois filhos mais velhos.

Luz ficou muito surpresa ao ver que meu pai (mais uma vez: o homem mais procurado do mundo) arriscava-se a visitar o bairro onde havia nascido e se tornado benfeitor e delinquente. Era justo ali que se concentrava boa parte das buscas; batidas, detenções e operações policiais e militares faziam parte do cotidiano.

— O que foi, priminha? Qual é o problema? Acordei você? Que pena, só passei para dar oi. Como estão vocês? — disse, disfarçado com uma peruca, touca e óculos de grau.

— Ai, Pablo, que emoção ver você aqui, meu filho. Entre, vamos, fique à vontade. Está sozinho? — perguntou Luz, ao mesmo tempo desconcertada e emocionada com a chegada do primo, que havia muito não encontrava.

— Sim, querida, vim sozinho.

Depois de relembrares anedotas familiares, meu pai pediu para conversar a sós em um dos cômodos da casa. Ela concordou.

— Escute, priminha, você teria medo de cuidar de mim secretamente em uma casinha de Medellín?

— Meu filho, para mim seria uma alegria ajudá-lo com o que for humanamente possível. Conte comigo — respondeu, de imediato, sem medir o problema em que se metia.

— Ah, fico muito agradecido. Saiba que também vou ajudá-la. Veja bem, vou deixar este dinheirinho para você comprar uma casa em Los Olivos. É um bairro tranquilo, onde posso me esconder por algum tempo. Tenha cuidado, você não pode contar isso para ninguém, nem para seus filhos nem sequer para sua mãe. Para ninguém!

Luz contou que, nas semanas seguintes, meu pai visitou-a com regularidade (sempre por poucos minutos) para explicar as regras de segurança, focando na pontualidade. Não é exagero afirmar que meu pai exigia que todos ao redor sincronizassem perfeitamente os relógios, inclusive o ponteiro dos segundos. Ele sempre nos dizia que um minuto era a diferença entre a vida e a morte. Também insistiu para Luz não usar o telefone, porque sabia como era perigoso. E repetiu para ela a mesma frase que me disse muitas vezes: “O telefone é a morte”. Assim mesmo, escolheram três pontos da cidade onde se reuniriam caso necessário e inventaram nomes em código.

Vários meses se passaram até que, em meados de novembro de 1993, Luz adquiriu uma casa na estrada 79, número 45 D-94. Aquela seria a última guarida de meu pai. Era uma edificação tradicional de classe média, com garagem, sala de estar, sala de jantar e cozinha,

escada de acesso ao segundo andar, 3 quartos e 2 banheiros. Luz lembra que meu pai gostou especialmente daquela porque, na parte de trás do segundo andar, havia uma saída para o telhado, interligada à casa vizinha.

— Passei um ano me encontrando com seu pai enquanto organizava as coisas. Ele me dizia o que fazer, e eu prestava atenção em tudo. Mas olhe que tristeza: só conseguimos ficar uns dez dias naquela casa, não mais que isso.

Luz recorda que, durante os primeiros dias, meu pai lhe parecera muito abatido e preocupado com nossa segurança. Ele soube do ataque dos Pepes (organização clandestina criada por seus inimigos para persegui-lo) contra o edifício Altos, em Medellín. Minha mãe, Manuela, minha namorada e eu estávamos refugiados nesse edifício, supostamente sob proteção do Ministério Público.

O desassossego de meu pai aumentava com o passar das horas, porque naqueles dias já não tínhamos como nos comunicar, e ele só ficava sabendo o que acontecia por meio dos telejornais. Seu descontrole aumentou entre os dias 28 e 29 de novembro, quando teve lugar nossa intempestiva (e fracassada) viagem à Alemanha, onde pretendíamos nos refugiar na condição de exilados.

Curioso para saber como haviam transcorrido as últimas horas de meu pai, temi que Luz revelasse a intimidade daqueles momentos ao lado dele durante aquela época tão triste de minha vida. De fato, ela descreveu meu pai de uma forma que eu jamais gostaria de ter visto. Ele nunca teria se portado assim diante de nós, que fomos as pessoas mais queridas para ele. Em outras palavras, Luz viu Pablo Escobar derrotado pela impotência, pela incapacidade de proteger sua família.

— Ele sofreu muito quando vocês foram expulsos da Alemanha. Não esperava isso, porque haviam deixado Nicolás, filho de Roberto Escobar, entrar sem maiores problemas. Ele achou que aconteceria o mesmo com os próprios filhos e a esposa.

Conforme Luz me disse, quando o governo alemão forçou nosso retorno à Colômbia, meu pai se viu obrigado a repensar sua maneira de contra-atacar e continuar a guerra. Com a família na Colômbia, ele ficava de mãos atadas, pois sabia que o alvo seguinte dos Pepes

seríamos nós, que agora estávamos confinados em um apartamento em Residencias Tequendama, em Bogotá, sem perspectiva de sair.

— Ele estava desesperado. Parecia muito preocupado, caminhava de um lado para o outro. Eu me deitava e percebia os passos pela casa. Conversava com ele para distraí-lo um pouco. Falava muito de vocês, da menina e das novelas a que assistiam juntos. À noite ele escrevia, e eu ficava triste ao vê-lo para cima e para baixo sem parar. Ele era muito quieto, mas de tempos em tempos perguntava se eu não estava com medo de ficar ali, com uma pessoa tão procurada. Eu respondia que continuaria ao lado dele, não importava o que acontecesse. Mas deve ter acontecido algo de última hora, porque em 30 de novembro ele me disse que ia falar com o Gordo e voltaria mais tarde — relembra Luz.

Fiquei curioso com esse ímpeto inesperado de meu pai, que decidira procurar o Gordo naquele dia de novembro, menos de 72 horas antes de sua morte. Fui até o local onde me disseram que estava trabalhando, no centro de Medellín, e o encontrei.

O Gordo e sua agora ex-mulher, Gladys, foram os dois “ocultadores” mais confiáveis que meu pai teve a seu serviço. Passamos mais de um ano escondidos com eles em diferentes pontos de Medellín, e os dois jamais nos entregaram, apesar da grande quantidade de dinheiro que o governo oferecia como recompensa por informações do paradeiro de meu pai.

Segundo o relato do Gordo, naquela terça-feira, último dia de novembro, meu pai estava desconsolado porque havíamos caído em uma armadilha, e isso o obrigava a repensar suas ações para deixar o Estado de joelhos outra vez. Mas, como aconteceu com outros relatos deste livro, o que o Gordo contou me chamou a atenção, porque eu jamais soube que meu pai pretendia continuar a luta. Pelo que eu havia entendido, ele ficara praticamente sozinho após a morte de seu último braço direito, Alfonso León Puerta Muñoz, o Angelito, abatido pelo pelotão de buscas um pouco antes, em 7 de outubro.

Pelo contrário. Segundo o Gordo, apesar do duro golpe que significara a morte de Ramón (codinome Angelito), meu pai não

sossegou. Ele pretendia executar um plano macabro para recuperar o dinheiro que havia perdido por conta do confronto.

— Seu pai me disse que sequestraria todos os ricos de Llanogrande e Rionegro quando eles se reunissem para as festas de fim de ano. Queria pegá-los de surpresa e, para isso, havia preparado 100 homens armados com fuzis. O plano era arrancar uma nota preta dos caras. Também disse que havia preparado diversos lugares para esconder os sequestrados, até que pagassem o resgate. Por fim, pediu que eu esperasse um sinal dele para ir a Bogotá e organizar alguns esconderijos, onde nos manteríamos em silêncio durante um tempo.

O Gordo deve ter visto minha cara de surpresa, porque acrescentou que meu pai lhe parecera muito decidido a levar a cabo esse plano assim que nós estivéssemos a salvo.

— Mas, Gordo, meu pai não tinha decidido se unir ao ELN, desde o início de janeiro daquele ano, quando emitiu um comunicado falando do Antioquia Rebelde? — perguntei.

Eu estava desconcertado, porque ele evidentemente havia mudado de planos.

— Não. Seu pai estava decidido a retornar em grande estilo com o sequestro dessas pessoas e pretendia se refugiar em Bogotá para continuar com sequestros coletivos na região onde moram os mais ricos.

O Gordo lembra que meu pai lhe disse que retornaria ao esconderijo onde estava com Limón e uma prima, porque desejava passar o dia seguinte, seu aniversário de 44 anos, com eles.

De volta à conversa com a prima Luz: na manhã de quarta-feira, 1º de dezembro de 1993, meu pai acordou um pouco antes do meio-dia (como sempre) e se deparou com uma garrafa de champanhe e um bolo de chocolate, que ela comprara com uma de minhas tias.

Combinaram cortar o bolo antes do almoço. Enquanto isso, meu pai foi para o quarto e, de forma atípica, telefonou para o Gordo em um esconderijo conhecido como Casa Azul, algo que jamais fizera antes. Com essa atitude, deixou claro que estava perdendo o

controle da situação, porque começava a ignorar as regras de segurança que lhe haviam permitido viver até então.

— Ah, Gordo, andei pensando e, definitivamente, não nasci para trabalhar para ninguém, irmão. Não vou me enfiar em bosque nenhum, que se foda. Chegarei amanhã, não saiam daí antes de seguirmos com o outro plano.

Por volta das 6:30 da tarde, Luz chamou meu pai e Limón para a sala de jantar, onde cortaram o bolo e brindariam com uma taça de champanhe.

— Cantei “Parabéns a você”, mas uma coisa muito estranha aconteceu. Quando íamos brindar, Limón deixou a taça cair, e ela não se quebrou. Caiu de pé. Eu disse “Ufa, que sorte”, mas Limón respondeu: “Isso não é bom. Quer dizer que vai acontecer algo ruim”. Seu pai ficou em silêncio.

Depois de comer uma fatia de bolo e beber diversos goles de champanhe, meu pai subiu outra vez para o quarto.

Na manhã do dia seguinte, 2 de dezembro, ele violou mais uma vez suas próprias regras de segurança e telefonou para a Casa Azul. Para complementar essa parte do relato, localizei Gladys em Medellín; ela afirmou se lembrar daquele momento como se fosse hoje.

— Foi muito estranho falar com o Patrão naquele dia, porque tínhamos ordens expressas para não o atender sob nenhuma circunstância e não fazermos ligações. Apenas seu pai tinha aquele número. O senhor sabe que ele pedia que déssemos informações somente por telefones públicos. Mas, naquele dia, tive um pressentimento de que era ele que estava telefonando, porque não parava de tocar. Achei que ele ia me xingar, mas decidi atender. E de fato era o Patrão. Pediu que não saíssemos de lá e esperássemos por ele no dia seguinte. Depois, quis falar com o Gordo.

Após a descrição da breve conversa com meu pai, Gladys, uma mulher de nervos de aço, como ela mesma se define, contou muitas outras coisas que ajudaram a esclarecer as últimas horas da vida de meu pai.

— Juan Pablo, sinto muito pelo que estou dizendo, mas no final ele já estava muito atrapalhado. Era uma tristeza. Depois da morte

de Angelito, para provar que ainda era capaz de tudo, começou a sair com 1 ou 2 rapazes para arrumar confusão em Medellín. Eu dizia a ele: “Senhor, o que está acontecendo com você?”. E ele me respondia: “Não está acontecendo nada”. Então, fumava maconha e tirava onda, soprando fumaça na minha cara.

Saber que meu pai estava perdendo a lucidez me deixou muito angustiado, porque significava que a estratégia inimiga de encurralá-lo e isolá-lo da família surtira efeito.

— Ele não disse nada para vocês, mas, quando deixaram a Casa Azul e foram para Altos del Campestre sob proteção do Ministério Público, já tinha certeza de que não voltaria a vê-los. Passava o dia inteiro sentado. Eu dizia para ele comer, e ele respondia que comeria mais tarde porque não estava com fome. Ficava angustiado com a incerteza de não saber o que aconteceria com você e Manuela. Estava muito mal. Enlouquecendo. Caminhava sem parar pela casa.

Luz prosseguiu com o relato. Ela contou que, conforme havia combinado com meu pai, saiu de casa às 11 da manhã para fazer compras e visitar seus filhos. Meu pai pediu que ela retornasse às 3 em ponto porque precisava sair para comprar uma coisa e advertiu que, se ela não chegasse naquele horário, não o encontraria em casa. Ela respondeu que não havia problema, que já tinha anotado todas as encomendas em uma lista: vários blocos de notas, caixas de canetas, lápis, borrachas, papéis de rascunho, artigos de limpeza, medicamentos, isqueiros e lanternas.

— Deixei o almoço deles pronto. Fritei pedaços de banana madura e deixei uma panela cheia de espaguete com molho branco. Lembro que, quando saí, ele estava discando para telefonar para vocês.

Durante a tarefa de reconstituir essas últimas horas de meu pai, descobri que, enquanto Luz fazia compras, ele telefonou para um celular que enviara para minha avó Nora semanas antes, para que pudessem falar em caso de emergência. Era a única maneira de saber em detalhes o que estava acontecendo conosco. Pelo que constatei, meu pai telefonou para aquele número pouco antes das 3 da tarde do dia 2 de dezembro. Mas não foi minha avó quem

atendeu, e sim um velho amigo da família, que estava de visita. Era Narquito, como ele carinhosamente o chamava.

Conversei com Narquito. Ele me disse que meu pai reconheceu sua voz naquela ocasião e o cumprimentou como se nada estivesse acontecendo, mas as pessoas presentes no apartamento de minha avó ficaram muito assustadas, porque um helicóptero sobrevoou a área em frente ao edifício. Tomada pelo pânico, minha avó gritou para Narquito desligar. Meu pai entendeu o motivo da gritaria e só conseguiu dizer a Narquito: "O que houve, irmão, os espertinhos estão armando para cima de nós? Fica tranquilo que vamos sair dessa".

Alheia ao que acontecia, Luz estava em um supermercado perto de casa quando viu uma senhora cair no chão e ajudou-a a se levantar. Na sequência, comprou café para ela e só então lembrou que estava atrasada. Saiu correndo. Estava muito preocupada, porque meu pai havia dito que precisava sair de casa às 3.

Eram 3:30 da tarde quando chegou a Los Olivos e percebeu uma movimentação atípica. A rua da casa havia sido interditada, e as pessoas já se aglomeravam por ali. Luz intuiu que alguma coisa acontecera com meu pai e pegou um táxi até sua casa, no bairro La Paz, sem hesitar.

Muito tempo depois ela soube que, durante seus momentos finais, meu pai estava obcecado em falar conosco, e essa foi a perdição. Naquele instante fatal, meu pai sabia muito bem que suas opções haviam se esgotado e não teve dúvidas de que deveria escolher entre sua vida e a das pessoas que mais amava. Então, optou por nos deixar vivos e cometeu suicídio. Foi uma confirmação do amor eterno que prometera a minha mãe, a minha irmãzinha (que era sua adorada) e a mim.

Na solidão de seu confinamento e cada vez mais isolado, sem condições de reagir, Pablo Escobar entendeu que era questão de dias até sermos vítimas de um atentado, devido ao "esquema de segurança" oferecido pelo governo e pela promotoria pública. Os Pepes sabiam muito bem que, caso nos atacassem, meu pai ficaria muito vulnerável.

CAPÍTULO 8

# **A ROTA DO “TREM”**

Ouvi falar na rota de narcotráfico conhecida como “Trem” pela primeira vez na prisão de La Catedral, em uma das muitas noites que passei escondido lá. Fui para passar uns vinte dias, porque, conforme haviam dito a meu pai, alguns oficiais do pelotão de buscas e os chefões do cartel de Cali tinham um plano para me sequestrar.

Na máfia de meu pai, era muito comum que os bandidos que trabalhavam para ele se reunissem à noite para conversar, contar histórias e papagaiar sobre suas façanhas no mundo do crime. Em uma dessas ocasiões, meu pai mencionou a rota do Trem, porque estava presente Luca, um de seus braços direitos mais antigos, que conhecia todos os detalhes daquela aventura que rendera muito dinheiro.

Após escutar Luca por mais de duas horas, os homens ao redor gargalharam, porque os tentáculos da organização criminosa de meu pai alcançaram limites insuspeitos.

Meu pai batizou a rota de “Trem” pela velocidade, pela facilidade e pela eficácia com que levou nada menos que 64 toneladas de cocaína para os Estados Unidos entre 1986 e 1989 em cumplicidade com agentes de combate às drogas, justo durante a transição entre os governos de Ronald Reagan e George Bush. A rota nunca foi descoberta; simplesmente foi abandonada quando a guerra que meu pai decretou contra o Estado colombiano encrespou e ele foi obrigado a se esconder durante longos períodos, perdendo quase todo o contato com o mundo. Enquanto o Trem funcionou, o cartel de Medellín faturou um valor estimado em 768 milhões de dólares.

A rota do Trem surgiu por acidente no dia em que Luca contou para meu pai uma história envolvendo Silvia, uma ex-namorada com quem ele terminara muitos anos antes. Luca disse a meu pai que voltara a falar com ela para tentar reconquistá-la, porque ainda se sentia atraído pela moça. E havia razões de sobra: Silvia era uma

loira de olhos claros, alta, de cabelo comprido, esbelta, 25 anos de idade e alma de *hippie*; consumidora habitual de maconha e amante das artes plásticas. Silvia era desejada por homens de todo tipo, mas principalmente por mafiosos, que ficavam deslumbrados com sua beleza e encontravam na ostentação e nos presentes caros a única maneira de conquistá-la.

Segundo Luca relatou naquela noite em La Catedral, em seu afã por recuperar o amor de Silvia, ele telefonou para ela dezenas de vezes, enviou flores durante várias semanas e escreveu longas cartas de amor. Estavam separados havia muitos anos, e ele achava que podiam ter uma segunda chance. Mas Luca ficou surpreso, porque a garota recatada e tímida da classe média baixa com problemas financeiros já não existia. Silvia passou a ser segura de si, vestir-se de acordo com as tendências de moda e deixar transparecer sua boa situação financeira.

Silvia, continuou Luca em relato, sucumbiu à bajulação e aceitou tentar mais uma vez, porque ainda estava presa ao intenso amor do passado. A reconciliação criou uma nova intimidade, e a intimidade levou à revelação de um grande segredo: ela confessou que havia conhecido narcotraficantes de Medellín e Bogotá e levava drogas a Miami para eles com certa regularidade.

Com essas informações, Luca foi direto contar a meu pai:

— Patrão, olha só, vou revelar o esquema que minha namoradinha contou e você me diz o que acha. Ela disse que uns sujeitos contrataram ela e um grupo de garotas para levar o produto a Miami em voos comerciais partindo do aeroporto de Rionegro. Ela me garantiu que fez isso várias vezes. Lá é recebida por funcionários que a tiram do aeroporto sem passar pelos controles de rotina.

— Como é que é? Tá de sacanagem que o esquema é esse... O que será que eles armaram para a chegada das pessoas com o carregamento?

— Patrão, ela me garantiu que já foi mais de cinco vezes, sem visto! Ainda assim, deixam ela e as outras coitadas entrarem sem problemas.

— Ah, Luca, vamos ver os pormenores desse esquema e pegar pra nós. Chame-a para trabalhar conosco. Arrume mais informações

e vamos ver como tratar desse assunto, que parece muito interessante.

Naquela mesma noite, tendo em vista o notório interesse de meu pai, Luca falou com Silvia para saber quem eram os contatos em Medellín e Miami, como a operação funcionava e qual era a quantidade de cocaína transportada.

— *Mamacita*, o Patrão está interessado em saber mais sobre aquilo que você me contou — disse Luca, enquanto jantavam no apartamento de Silvia.

— E por que isso? — perguntou ela, assustada.

— O homem quer participar do negócio, e você sabe que não posso dizer não ao Patrão. As pessoas para quem você trabalha não estão pagando a cota, então é melhor colaborar comigo, porque sabemos como o homem fica quando alguém de Medellín trafica sem o ajudar a financiar a guerra. Ele defende a não extradição, e isso beneficia os traficantes daqui e de outros lugares do país. Então é melhor você se acostumar à ideia: a partir de agora, você está contratada pelo cartel para dar prosseguimento ao mesmo esquema. Vai ter que me passar o nome de todos os participantes.

— Ai, não, Luca, como assim? Sou apenas uma mula que viajou umas cinco vezes, isso é tudo. Não mando ali, não sou ninguém importante.

— Não faz mal, você os conhece. Sabe bem como funciona tudo. Venha, vou levá-la para falar pessoalmente com o Patrão. Assim, não precisaremos nos preocupar muito com isso.

— Espere, meu amor, se acalme. Antes vou contar o que sei. É que não me atrevi a dar mais detalhes por telefone. O esquema inclui gringos da agência antidrogas, que nos recebem no aeroporto de Miami e nos levam até o estacionamento por escadas e corredores. Eles ficam com as sacolas de droga enquanto fazem a contagem, porque cobram comissão por quilo. Depois, tiram o carregamento do aeroporto e nos entregam quilômetros adiante... Eles cobram em dinheiro, na entrega.

Aquilo que acabara de ouvir parecia impossível, mas Luca acreditou no relato de Silvia; sabia que ela não mentiria, que tinha medo do nome Pablo Escobar. Reparou que a jovem tremia ao

imaginar o que aconteceria com todos os envolvidos no manejo daquela rota. Intuí em que a única maneira de salvar sua vida seria colaborar para que o bando de Luca se apoderasse do negócio de Andrés Felipe e Carlos, os dois *paisas* donos da rota.

Em posse de tantas informações, Luca se despediu carinhosamente de Silvia e foi até o esconderijo de meu pai. O casal estava ciente de que a relação sofreria uma mudança inevitável: a beleza e os sentimentos ficariam de lado, porque a partir dali seriam parceiros de negócios.

À medida que Luca prosseguia com o relato naquela noite em La Catedral, meu pai assentia com a cabeça em sinal de aprovação. Os demais escutavam em silêncio, surpresos.

— Ah, aquele esquema era uma delícia, não é, patrão? Lembro de ir ao aeroporto ver aquelas gostosas desfilando como “mulas” e receber os detalhes da operação em um restaurante ali perto. Eu pedia uma garrafinha de uísque e tomava devagar enquanto esperava um telefonema avisando que todas tinham passado. Xeque-mate, filho da puta! Que delícia, irmão. Em cerca de quatro horas, o jogo estava ganho.

Meu pai sorria, e Luca começou a descrever as pessoas e autoridades envolvidas. Ao fim e ao cabo, tratava-se de uma grande rede internacional de corrupção.

Naquele ponto, meu pai fez uma observação:

— Utilizamos Silvia como isca para que marcasse um encontro com os donos da rota em um ponto comercial na rua 10, em Medellín. Eram 2 rapazes relativamente jovens, com menos de 40 anos, que nos passaram todas as informações e seus contatos. Decidi não mexer com o pessoal de Bogotá. Não tinha por que ir para o *front* contra eles quando podia usá-los sem que soubessem que eu havia dominado a rota por completo. Por isso, mandei os dois pés-rapados telefonarem para contatos na capital e me apresentarem, de modo que tudo continuasse igual: administrado em código pelo telefone.

— Isso, Patrão, e foi o que aconteceu. Lembro que, feita a conexão com Bogotá, estávamos prontos. Era a mais importante de todas, já que o *man* de lá indicava os voos em que podíamos

mandar as “mulas” e a quantidade de “merca” que elas podiam carregar em cada viagem.

Meu pai interrompeu Luca para continuar o relato.

— Tudo era esquematizado conforme os turnos dos agentes do departamento antidrogas que recebiam a “merca” em Miami. Nunca soubemos como os caras tinham contatos tão bons ou se, na verdade, o mais esperto de todos era o cara de Bogotá... Talvez os *paisas* só aproveitassem a droga e as mulas com a partida combinada no aeroporto José María Córdova. O certo é que acabamos negociando com aqueles que, em teoria, estavam atrás de nós.

A rota do Trem começava em um pequeno sítio esconderijo de meu pai situado nas montanhas de Envigado, cujo acesso se dava a partir da colina de El Escobero e aonde chegavam cerca de 400 quilos de cocaína, processados em vários laboratórios de Magdalena Medio. A droga era transportada em um caminhão, e na maior parte das vezes não era preciso escondê-la, porque os comandantes das operações policiais posicionados na estrada Medellín-Bogotá sabiam qual veículo deixar passar, duas vezes por semana, sem revistar – em troca, é claro, de uma vultosa quantia mensal de dinheiro.

A localização do sítio era estratégica, e na organização o local era conhecido como Casa da Bruxa. Na época, aquela colina era intransitável devido ao lodaçal e aos desmoronamentos. Meu pai dizia que o melhor jipe para esse caminho era o Suzuki SJ-410. A casa ficava a meros 15 quilômetros do aeroporto José María Córdova, em Rionegro. Lembro-me muito bem daquela estradinha, porque era lá que meu pai costumava soltar os reféns que ficavam presos na subida da avenida Las Palmas. E eu a utilizava para me divertir com meus quadriciclos e outros brinquedos motorizados.

Na sequência, 5 jipes Suzuki percorriam diferentes zonas de Medellín para recolher as “mulas” que estavam preparadas para viajar e levá-las à Casa da Bruxa, onde eram esperadas pelos homens de meu pai. A droga era empacotada em malas de diferentes cores e tamanhos, sem nenhuma distinção especial.

Antes de ir para o aeroporto, as “mulas” novas recebiam instruções de como proceder para evitar erros, tanto na viagem de

ida como na de volta. Tranquilizá-las era crucial, e por isso as jovens mais experientes contavam suas vivências. O exemplo mais óbvio, mas ao mesmo tempo o mais importante, era que não podiam trocar olhares nem fazer sinais umas para as outras, por mais amigas que fossem. Também deixavam claro que, se uma “mula” caísse nas mãos das autoridades, nenhuma poderia ajudá-la, porque colocaria em risco toda a operação.

Depois que tudo estava pronto, havia a estradinha que levava ao aeroporto. O acesso à via era tão difícil que, muitas vezes, os jipes atolavam e as “mulas” precisavam ajudar a empurrá-los para que chegassem a tempo de pegar o voo.

Como não era necessário esconder a droga em fundos falsos, visto que todo o itinerário já estava acertado, o procedimento era rápido e simples. A única precaução era enrolar os pacotes em um papel especial para evitar que algum cão farejador detectasse a coca.

Cada “mula” – na maioria, mulheres – recebia uma passagem aérea com nome falso. Como a mala que levavam a bordo era pesada e às vezes as aeromoças se queixavam do excesso de bagagem, meu pai deu ordens para que ao menos um jovem viajasse no mesmo voo que elas a fim de ajudá-las a colocar a mala no bagageiro. O resto era fácil, porque praticamente todos os pontos de controle do aeroporto haviam sido subornados, de modo que caminhar até a aeronave com as drogas em mão não representava nenhum risco.

Foi a corrupção que possibilitou esse jogo tão preciso. E a corrente era extensa: os empregados da companhia aérea eram instruídos a emitir o cartão de embarque sem exigir passaporte, visto ou qualquer outro documento daqueles determinados passageiros. A maioria das autoridades migratórias (na época, DAS) também estava envolvida, porque em cada voo a Miami viajavam em média 10 “mulas”, que levavam drogas sem sofrer atraso ou inconveniente. Então, os policiais encarregados de revistar os passageiros e sua bagagem de mão permitiam a passagem das jovens e belas mulheres, que abriam um grande sorriso. Por último, os empregados da companhia aérea encarregados de verificar os

cartões de embarque e autorizar a entrada nos aviões faziam vista grossa e não conferiam os passaportes. A rota do Trem funcionava como um relógio.

Quando as "mulas" já estavam na aeronave, os nomes eram listados por telefone a um contato em Bogotá, e essa pessoa, por sua vez, ligava para Miami e relatava os dados para os agentes antidrogas, que as recebiam.

Na chegada ao aeroporto internacional de Miami, quase quatro horas mais tarde, as "mulas" eram separadas do resto dos passageiros do voo como se estivessem passando por um controle de rotina. Para evitar suspeitas, não havia muito estardalhaço, porque o fluxo costumeiro de turistas fazia com que tudo parecesse normal. Mas era uma farsa, porque os agentes de jaqueta e distintivos de 3 letras conduziam as belas mulheres por áreas de acesso restrito do aeroporto até as escadas de emergência. Uma vez ali, parte do grupo descia os degraus e outra seguia de elevador até o estacionamento. Nessa etapa, as "mulas" eram obrigadas a entregar a bagagem de mão para os agentes antidrogas, que contavam pacote por pacote e calculavam a comissão que receberiam naquele dia. Em seguida, as "mulas" caminhavam até a saída de passageiros, onde eram recolhidas por vários veículos da organização de meu pai nos Estados Unidos.

Uma das pessoas que trabalhou durante oito meses para a rota do Trem relatou a meu pai que, depois que elas entregavam as malas e os funcionários da agência contavam a cocaína, a bagagem era depositada no porta-malas de um carro velho dirigido por uma mulher de mais ou menos 70 anos. Então, a senhora de cabelo branco seguia tranquilamente em seu carro e, alguns quilômetros adiante, encontrava-se com os homens de meu pai, que levavam dinheiro vivo para pagar o "pedágio". Só então as malas eram devolvidas. "Matando" uma média de 400 quilos por viagem, a mulher recebia pouco menos de 1,5 milhão de dólares por vez.

Em uma das muitas viagens, uma "mula" novata se confundiu e achou que precisava entrar na fila da imigração, como se faz normalmente, aí se perdeu em meio à multidão de passageiros que circulam no aeroporto de Miami, sempre abarrotado de turistas.

Quando os agentes antidrogas fizeram a contagem, descobriram que faltava uma pessoa e levaram um grande susto. Mas não demoraram a encontrá-la.

Entretanto, não contente com o sucesso da rota do Trem, meu pai, que gostava de trapacear, descobriu duas maneiras de enganar os gringos. A primeira foi mandar as mulas levarem drogas além da que estava na bagagem de mão, porque os agentes não as revistavam. A outra foi fazer pacotes mais grossos, contendo um quilo e meio cada um, porque os agentes contavam os volumes, mas não os pesavam.

Estas são as cifras que a rota do Trem chegou a movimentar:

Dois voos semanais Medellín-Miami, com pelo menos 10 pessoas por viagem.

Quarenta quilos de cocaína na bagagem de mão representam 400 quilos de cocaína por viagem, ou seja, uns 3.200 quilos por mês. Isso significa que, nos três anos de operação da rota, entraram nos Estados Unidos cerca de 96 toneladas.

Naquela época, o custo de 1 quilo de cocaína na Colômbia era cerca de mil dólares; somando o frete, os gastos com transporte e a "mordida" de 3 mil dólares por quilo dada pelas autoridades, o custo final era de mais ou menos 7 mil dólares. No sul da Flórida, o valor comercial de cada quilo era então de 13 mil dólares, mas em Nova York esse mesmo quilo podia render até 30 mil dólares.

Fazendo uma projeção a partir desses valores, não é exagero afirmar que, enquanto durou, a rota do Trem gerou 768 milhões de dólares em ganhos para o cartel de Medellín. À luz disso, não é desvairado o comentário que escutei em plena época de ouro do meu pai, que disse ter embolsado em muitos finais de semana até 70 milhões de dólares, tudo graças ao vício dos norte-americanos.

Se essas cifras já parecem muito lucrativas para o cartel de Medellín, eram ainda mais para os cartéis locais, os donos dos canais de venda de varejo nas ruas norte-americanas. Os consumidores não se dão conta, mas os mafiosos tornam a cocaína proveniente da América do Sul mais rentável ao ampliar seu volume com um processo conhecido como "corte", no qual degradam sua pureza com o acréscimo de cal, aspirinas e até mesmo vidro moído. Para cada

quilo de alta pureza que recebiam da Colômbia, os traficantes locais levavam às ruas 4 quilos “cortados” – ou até mais. Em outras palavras, enquanto o cartel de Medellín ganhava 768 milhões de dólares, as organizações mafiosas que atuavam em Miami obtinham quatro vezes essa cifra: 3,72 bilhões de dólares. Ao final daquela complexa operação ilegal, os agentes haviam recebido cerca de 288 milhões de dólares, muito menos que os outros pontos da rede.

Existe uma anedota que reflete a confiança depositada na rota do Trem: familiares de alguns *capos* próximos de meu pai chegaram a utilizá-la cotidianamente para passear e fazer compras nos Estados Unidos, em viagens que não duravam mais de duas semanas.

Meu pai protagonizou histórias incríveis como essa que acabo de revelar. Ele não fez mais que passar por cima das políticas proibitivas, que ainda hoje garantem a alta rentabilidade de um negócio sustentado, sobretudo, pelo grande poder corruptor. É por isso que as organizações mafiosas continuam tão poderosas em todo o planeta.

Enquanto o mundo insistir nas velhas políticas de proibição, concederá ainda mais poder aos delinquentes. O mais importante seria entender que as drogas legais e ilegais estão disponíveis – e sempre estarão presentes em nossa sociedade, sujeitas ao vaivém da oferta e da demanda.

CAPÍTULO 9

# **O TESOUREIRO DE MEU PAI**

Como já relatei em diversas passagens deste livro, ao longo da carreira criminosa, meu pai fez muitas coisas sem que a família soubesse. O episódio que vou narrar, que descobri durante a pesquisa, mostra que seus atos de delinquência não tinham limite. Quem o contou para mim foi Quijada, tesoureiro pessoal de meu pai que, durante anos, manejou dezenas de milhões de dólares provenientes da venda de cocaína em Miami, Nova York e Los Angeles. Contarei a história em detalhes neste capítulo.

Tudo aconteceu durante uma viagem que meu pai, minha mãe, alguns familiares e eu fizemos aos Estados Unidos, em 1983, para estreiar um avião *Lear Jet*, moderna aeronave de duas turbinas pintada de branco com listras amarelas e alaranjadas. Conforme o plano, passaríamos vários dias em Miami e de lá viajaríamos para a Disney e Washington, para então retornar a Medellín.

O avião aterrissou com piloto e copiloto no aeroporto de Tamiami, um pequeno terminal aéreo privado no condado de Miami-Dade que recebe aeronaves executivas do mundo todo. Assim que desembarcamos, fomos recebidos por Quijada, que nos cumprimentou efusivamente e apresentou 2 motoristas e 2 empregados que foram ao aeroporto para nos ajudar a chegar ao hotel Omni, no número 1.601 do Biscayne Boulevard, em Miami. Enquanto estávamos nesse corre-corre, Quijada fez um gesto para meu pai, indicando que desejava conversar com ele a sós por alguns instantes. Depois de falarem por um tempo, meu pai disse que o passeio duraria dez dias e o avião ficaria ali até o retorno. Mas Quijada tinha outra ideia.

— Claro, senhor, não tem problema, mas aviso que estou carregadinho.

Quijada se lembra dessa frase porque, com isso, quis dizer a meu pai que tinha vários milhões de dólares escondidos, esperando a oportunidade de serem enviados à Colômbia. Meu pai entendeu a mensagem e não viu problema em aproveitar o avião para carregá-

lo com caixas repletas de dinheiro. Assim, enquanto nos dirigíamos ao hotel, meu pai e Quijada organizaram o transporte dos dólares da casa à aeronave. Quando Quijada enviava o dinheiro proveniente da cocaína em aviões, empacotava notas de 20, 50 e 100 dólares; dessa vez, sugeriu despachar as de 5, 10 e 20, porque ocupavam muito espaço nos esconderijos e demoravam mais para ser negociadas. Meu pai e Quijada supervisionaram a entrada das caixas na aeronave, que ficou tão cheia que os assentos do piloto e do copiloto se inclinaram ligeiramente para a frente. Quijada estima que cerca de 12 milhões de dólares tenham sido enviados a Medellín naquela viagem. Depois que o avião decolou do aeroporto de Tamiami, meu pai e seu tesoureiro foram nos buscar no hotel para continuar o passeio.

— Aquele avião estava tão cheio que, ao fechar a porta, precisamos empurrá-la.

Naquela época eu tinha apenas 6 anos de idade, e foi justamente naquele passeio que tirei a fotografia em que apareço ao lado de meu pai na entrada principal da Casa Branca. Também me lembro do susto que levamos com minha mãe quando meu pai, sem medir os riscos, decidiu entrar com documentos falsos no edifício central do FBI para fazer um *tour*.

A história de Quijada chama atenção porque ele foi tesoureiro de meu pai na época em que os controles bancários, migratórios e aduaneiros dos Estados Unidos eram quase inexistentes. Por isso era tão eficiente ao enviar dólares para a Colômbia, e talvez também por isso meu pai tenha recebido montanhas de dinheiro durante anos, a ponto de ser considerado um dos homens mais ricos do mundo.

A trajetória de Quijada remonta aos primeiros anos da década de 1970, quando sua família passou a viver em uma casa no bairro La Paz, no município de Envigado, onde já moravam os Henao e os Escobar, famílias de meus pais.

Quijada era jovem e, por isso, não estava a par do que fazia um grupo denominado “a pesada”, jovens que começavam a tumultuar, conquistavam as garotas mais bonitas e demonstravam o afã de ter dinheiro no bolso. Entre eles, destacava-se o meu pai.

— Os membros da pesada se aproveitavam de nós, mais novos. Tanto é que um dia Pablo e Gustavo Gavia chegaram ao bairro com dois Porsches potentes e luxuosos, e nós tivemos que lavá-los. É que, ainda por cima, eram os únicos carros de La Paz. Acontecia a mesma coisa quando chegavam em motos que haviam utilizado para correr em competição... Nós as lavávamos, porque ficavam empoeiradas.

De longe, Quijada testemunhou a transformação de meu pai e seu primo Gustavo em delinquentes. Entre muitos de seus feitos, lembra-se de quando roubaram lápides de cemitérios próximos a Medellín, do furto de 12 automóveis Renault 4 zero quilômetro, da fábrica da Sofasa em Envigado e de um contrato para a distribuição de listas telefônicas que foi reincidido, porque os dois foram pegos trapaceando.

No entanto, a permanência de Quijada no bairro tinha data para acabar, porque sua mãe, que morava em Nova York, conseguiu um visto de residência para ele e o levou para lá em meados de 1976. Já na metrópole dos Estados Unidos, Quijada trabalhou como garçom em restaurantes, soldador em construções e *office boy*, até que, três anos mais tarde, recebeu uma ligação de meu pai. Ele lhe ofereceu trabalho em Miami e pediu que viajasse para lá o quanto antes.

Sem saber bem do que se tratava, Quijada aceitou a proposta e se instalou na capital do sol com empregados de confiança do meu pai. Pouco a pouco, começou a administrar todo o dinheiro gerado pela cocaína enviada da Colômbia.

— No início, instalei-me em uma casa em Kendall e comecei a levar contas de um lado para o outro, até entender o funcionamento das operações. Então, colocaram-me em contato com um empresário colombiano que morava em Miami. A partir daí eu visitava diversos bancos da cidade para depositar sacos de dólares. Ele era o “sacador” de dinheiro, ou seja, o dono das contas bancárias em que depositávamos a grana que recolhíamos pela cidade. Fazíamos tudo às claras, porque não havia fiscalização. Nos encontrávamos quase sempre na esquina da Collins Avenue com a 107, em Miami Beach, então depositávamos o dinheiro que eu havia

recolhido durante a semana. Naquela época, eram uns 2 milhões de dólares por semana.

No entanto, à medida que o negócio crescia, as responsabilidades de Quijada se tornavam mais complexas. Kendall e Haialeah foram os dois primeiros bairros onde ele recolheu o dinheiro pago pelos distribuidores em troca da cocaína, mas logo precisou ampliar seu raio de ação e cobrir sete pontos distintos de Miami. Quijada fazia os percursos em um Chevrolet Impala, principalmente por causa do porta-malas espaçoso, no qual cabiam diversos sacos de dólares. Mais tarde, passou a realizar a mesma tarefa em um Cadillac adaptado, com um botão que permitia abaixar o banco traseiro e torná-lo mais espaçoso.

— Com o Patrão, as coisas foram claras desde o começo: combinamos que eu ficaria encarregado de recolher o dinheiro e enviá-lo à Colômbia, mas não me misturaria com a distribuição da cocaína, a cargo de Rafico. Também acertamos que eu me encarregaria de contratar e pagar os trabalhadores, e ele garantiria que não faltasse droga.

Nos primeiros anos da década de 1980, o negócio ficou tão grande que Quijada comprou 12 casas em diferentes partes de Miami, além de 3 em Nova York e 2 em Los Angeles; mandou construir em cada uma delas um esconderijo subterrâneo com elevador. Da mesma forma, chegou a ter uma folha de pagamento com 35 empregados – uruguaios, brasileiros, mexicanos, colombianos e um ou outro norte-americano. Para se deslocar pelas cidades e recolher o dinheiro, Quijada comprou cerca de 50 carros a fim de não ser reconhecido. Além disso, todos os funcionários se comunicavam em código por mensagens no *pager* e por telefones públicos.

— Fazíamos depósitos em 9 ou 10 bancos, os maiores de Miami. Primeiro, na região da Collins Avenue; depois, em Downtown [centro da cidade]. Os gerentes já me conheciam e me deixavam entrar antes de abrirem a agência para o público. Eu chegava com vários malotes grandes e, às vezes, com caixas de papelão. Então, descia até a caixa-forte e ficava lá com 1 ou 2 funcionários do banco até as 5 da tarde, porque era preciso contar nota por nota. Isso acontecia

três vezes por semana, porque eu esperava juntar bastante dinheiro. Senão, precisaria ir ao banco todos os dias. E isso que eu já chegava com o dinheiro contado, porque tinha várias máquinas de contar notas que os funcionários do próprio banco me ajudavam a comprar “por baixo do pano”, visto que eram proibidas por lei.

Não obstante, a eficaz estratégia montada por meu pai e seu primo Gustavo Gaviria para lavar dezenas de milhões de dólares deve ter dado uma guinada inesperada em 1983, quando se tornou evidente que os dois eram narcotraficantes e os Estados Unidos passaram a controlar severamente o sistema bancário.

— Pablo e Gustavo me telefonaram um dia e disseram que a situação se complicara, porque haviam fechado o acesso aos bancos. Por isso, teríamos que inventar outra maneira de enviar os dólares. Perguntei se tinham contatos no aeroporto Olava Herrera, de Medellín, e eles me disseram que sim. Contei a eles que tinha alguns contatos no aeroporto de Miami, e decidimos arrumar pessoas para transportar o dinheiro.

Assim foi feito, e a ideia funcionou imediatamente. Quijada contratava homens e mulheres para levar a Medellín entre 1 milhão e 1,5 milhão de dólares por semana, em notas de alto valor, na bagagem de mão.

— Quando eles partiam para a Colômbia, eu telefonava e dava sinais para identificar quem estava levando o dinheiro. Por exemplo, alguém de camisa vermelha e tênis ou de boné de beisebol. Em Medellín, Tibú, um dos homens de confiança do Patrão, era o encarregado de receber a grana.

O método foi tão eficiente que meu pai e Quijada decidiram enviar dinheiro dia sim, dia não. Por isso, logo começaram a faltar pessoas dispostas a se arriscar para levá-lo. Os sinais de identificação dos mensageiros também escassearam.

— Eu não sabia o que fazer. “Esse já foi”, me diziam. “Estamos usando muito essa roupa”, insistiam. Então eles começaram a viajar com motores de lancha, esquis ou outro elemento imediatamente reconhecível para que fossem identificados no aeroporto.

Apesar do fluxo contínuo entre os aeroportos de Miami e Medellín, boa parte do dinheiro recolhido por Quijada ficava

guardado em esconderijos, o que significava um grande risco. Então, meu pai e Gustavo Gaviria encontraram outra maneira de resolver o problema: eletrodomésticos. Foi uma operação gigantesca, porque Quijada comprava máquinas de lavar roupa, congeladores, geladeiras e micro-ondas, entre outros, e os enviava repletos de dólares por meio de uma empresa exportadora com sede em Tampa, na Flórida. Os aparelhos chegavam ilegalmente à casa de um parente de Quijada em Medellín, mediante o suborno de funcionários da aduana que os deixavam passar sem grandes empecilhos.

O negócio de meu pai crescia exponencialmente, e, em meados dos anos 1980, o surgimento do crack o deixaria ainda mais rico. Isso aconteceu quando os traficantes norte-americanos que compravam a cocaína que meu pai enviava da Colômbia transformaram o pó em pequenas pedras que podiam ser fumadas. Daí o nome crack.

Essa nova variação massificou o consumo nas ruas. Segundo um relatório da Fundação por um Mundo Livre de Drogas, em 1985 a epidemia de crack elevou drasticamente o número de norte-americanos viciados em cocaína.

— No início, obtinham crack misturando cocaína e Coca-Cola. Depois colocavam a pasta no micro-ondas por vários minutos e depois a fumavam. Essa invenção fez o consumo (e a demanda, é claro) disparar. O sucesso foi tão grande que precisei arranjar mais casas para esconder o dinheiro. Era uma loucura. Em um fim de semana, cheguei a ter 25 milhões de dólares em uma única casa. Eu telefonava para o Patrão e dizia: “O que eu faço?”.

Quijada lembra que, embora não fosse frequente, diversos empregados foram detidos pelas autoridades transportando o dinheiro coletado.

— Quase sempre eram detidos com 5, 6, 7 ou 8 milhões de dólares. Então eu telefonava para Medellín, informava ao Patrão ou a Gustavo e mandava uma cópia do *indictment* [acusação]. Claro que, em muitas ocasiões, os próprios agentes ficavam com o dinheiro e não o declaravam.

Como não poderia deixar de ser, a intensidade da guerra na Colômbia se refletiu nas atividades de Quijada nos Estados Unidos e,

por conseguinte, nas finanças de meu pai. No final de 1989, após o assassinato do candidato Luis Carlos Galán, quando a perseguição a meu pai se tornou implacável, a comunicação entre eles foi interrompida abruptamente. As cartas passaram a ser o único meio de administrar os negócios, que entrou em parafuso.

— Fiquei praticamente isolado, e nunca mais recebemos mercadoria como antes. Por isso, não enviei mais dinheiro. Às vezes, o Patrão me mandava uma carta dizendo, por exemplo, que havia conseguido enviar 200 quilinhos, mas era muito pouco em termos de negócios. Além disso, meus contatos na Colômbia praticamente desapareceram, e fiquei sem nada para fazer em Miami.

Esse novo panorama, somado aos rumores de que os inimigos de meu pai estavam atrás dele para eliminá-lo, forçou Quijada a sair dos Estados Unidos e buscar refúgio no Panamá, onde ficou por vários anos antes de retornar, doente e sem dinheiro, à Colômbia. Ele acompanharia, a distância, o fim de meu pai.

Antes de encerrar a conversa, pedi a Quijada que falasse da mansão que meu pai comprara em Miami, um assunto que esteve presente durante anos nos meios de comunicação – especialmente em 2014, quando um empresário norte-americano comprou-a por 10 milhões de dólares e, após demoli-la, espalhou a história de que havia encontrado ali não uma, mas duas caixas-fortes.

Recordamos que o palacete que meu pai comprou em 1981, em North Bay, Miami Beach, por 700 mil dólares, era uma enorme construção de dois andares pintada de bege. Era uma das únicas propriedades com cais privado naquela zona da cidade e possuía um pórtico imponente, cinco quartos e uma piscina de frente para a baía. A casa foi vendida por um casal gay, que a entregou mobiliada.

— Fui muitas vezes lá, quase todos os dias. Ia com Fernando e Carolina, um casal de amigos. Também fui a diversas festas.

O fato é que, após comprar a mansão, em 1979, meu pai mandou fazer na garagem uma imensa e pesada caixa-forte, que, tempos depois, foi roubada em um assalto arquitetado, ao que tudo indica, por cubanos recém-chegados a Miami na condição de exilados. Na caixa-forte havia apenas 30 mil dólares pertencentes a meu pai.

— Os ladrões eram cubanos conhecidos como *marielitos*, em razão do êxodo de mais de 120 mil cubanos que partiram do porto de Mariel — relembra Quijada.

Embora eu ainda fosse muito jovem, minha mãe me contou que fomos pelo menos dez vezes passar as férias com meu pai naquela casa, nunca por mais de vinte dias. Boa parte das famílias Henao e Escobar ia para lá com certa frequência, e uma de minhas tias até se casou no local.

Mas a teimosia típica de meu pai levou-o a cometer o erro de não a vender quando Gustavo Gaviria (que havia comprado algum tempo antes um apartamento de 1 milhão de dólares) sugeriu que ele se desfizesse de seus imóveis nos Estados Unidos, intuindo que as autoridades estavam em seu encalço. Gustavo recuperou o dinheiro, mas meu pai, descuidado, achou que nada aconteceria. Um de seus contatos nos Estados Unidos também advertiu-o quanto ao risco de perder suas propriedades, mas meu pai respondeu que solucionaria qualquer inconveniente, pois se gabava de ter declarado o dinheiro que usou na compra da casa (mais de 3 milhões de dólares) ao entrar no país pelo aeroporto de Miami. Foi um grande equívoco, porque em 1985 a Justiça norte-americana confiscaria a mansão e um complexo habitacional com 200 residências que meu pai comprara no norte de Miami.

Despedi-me de Quijada com uma sensação esquisita. Como entender que aquele homem, que fora fiel a meu pai até ser impedido pelas circunstâncias, houvesse perdido todo o dinheiro feito durante os muitos anos que viveu nos Estados Unidos? Como é possível que, após administrar a fortuna de um narcotraficante poderoso e multimilionário, Quijada esteja enfrentando uma situação econômica difícil, como percebi ao longo da conversa?

Também é surpreendente que Quijada não se queixe da precariedade em que vive hoje. Ele já teve mansões, mas hoje não tem casa própria. Em sua época de ouro, tinha acesso a um Cadillac do ano com bancos de couro vermelho, mas hoje às vezes anda a pé por não ter dinheiro para a passagem de ônibus.

Lembro de Quijada por sua galanteria e por nos tratar como reis quando viajávamos para os Estados Unidos, a ponto de, por

exemplo, dar 200 dólares de adiantamento ao garçom de um restaurante e dizer, apontando para nós: “Sirva-os direitinho, que essa ainda não é a gorjeta”.

No fim das contas, Quijada aprendeu a viver sem nada, embora em outros tempos tivesse tudo. Eu também aprendi a agradecer aos inimigos de meu pai por nos despojar à força de tudo o que herdamos dele; senão, teria morrido no esforço inútil e desesperado de esconder tanto dinheiro.

“Não se preocupem, eu não vou me envolver com o narcotráfico, porque o considero uma maldição”, lembro-me de dizer isso aos chefes do cartel de Cali que quase me mataram em 1994, quando exigiram que eu não seguisse o exemplo de meu pai se quisesse continuar vivo.

Hoje, estou mais convencido do que nunca de que o dinheiro mal ganhado não dura. Por isso, estava coberto de razão ao afirmar que o dinheiro do narcotráfico era uma maldição. Não conheço nenhum *narco* aposentado ou vivendo em paz, só vejo mortos e presos. Meu pai acumulou uma fortuna que financiou sua própria morte; por outro lado, salvou a vida das pessoas que mais amava. Fomos donos de muita coisa, mas não possuíamos nada de fato. Quanto mais dinheiro ganhávamos, mais liberdade perdíamos. Provavelmente, os golpes da vida levam Quijada, eu e (espero) muitos outros a questionar: “De que adianta ter uma mansão, se não há ninguém lá esperando você?”.

CAPÍTULO 10

**FINEVERY**

Precisei tirá-lo de baixo de uma pedra. Ele estava ciente de ser o depositário de muitas histórias vividas ao lado de meu pai, mas aprendeu com ele que se esconder e ficar de boca fechada são o segredo para viver um pouco mais.

Depois de perguntar por ele durante vários meses, encontrei-o no comando de uma pequena lancha, tentando pescar bicudas no rio La Miel, nas imediações do município de Sonsón, em Antioquia. Uma vez descoberto, Finevery não encontrou argumentos para se recusar a conversar comigo, ainda mais após 25 anos. Não mudou nada. Continua falando lunfardo, a gíria dos delinquentes, a qual ele domina com uma fluência impressionante. Inventou o próprio apelido no dia em que lhe perguntei como estava e ele respondeu: Finevery. Ou seja, “muito bem” em inglês, mas com as duas palavras ditas na ordem contrária. Domina milhares de expressões como ninguém, e ouvi-lo dizer “nécar” para se referir à carne e “whiskyroñi” [uísque é ruim] é divertido para seus amigos.

Como muitos protagonistas dos grandes feitos envolvendo meu pai, Finevery vem do bairro La Paz, aonde chegou com sua família quando os Escobar e os Henao já haviam se instalado por lá e meu pai já começara a carreira criminal.

— Lembro que conheci Pablo quando já era noivo de sua mãe, mas tinha medo de dirigir a palavra a ele. Eu me aproximava de vez em quando, mas só nos cumprimentávamos. Às vezes, nos encontrávamos durante passeios, porque namorei uma amiga de sua mãe. Naquela época, já dava para ver que Pablo tinha muito dinheiro, porque vários rapazes que trabalhavam para ele andavam nos melhores carros e nas melhores motos.

Até que, certo dia, Finevery viu meu pai sozinho no parque do bairro. Ele se animou a cumprimentá-lo e comentou de passagem que queria trabalhar para ele. Meu pai disse que esperasse um telefonema. Uma semana depois, chamaram-no em um escritório perto da igreja em El Poblado, onde hoje fica o bairro Castropol.

— Era um sítio. Esperei na sala por uma hora até ser chamado ao escritório de Pablo. Ele era de poucas palavras. Perguntou apenas se eu tinha moto, e respondi com um gesto que não. Então, tirou 108 mil pesos de uma gaveta e me disse para comprar uma Calimatik 175 e começar a trabalhar como mensageiro. Depois, falou: “Fique tranquilo, se acontecer alguma coisa a gente livra sua cara; se a lei pegar você, diga que não sabe de nada”.

Finevery saiu do escritório de meu pai contente e desconcertado, mas com um trabalho: era o novo mensageiro de Pablo Escobar e de seu sócio, Gustavo Gaviria. Na época, ele não sabia, mas sua vida daria uma guinada em todos os sentidos.

Uma vez incorporado como empregado da organização, Finevery constatou uma imensa movimentação de gente e de dinheiro. Devia se reportar aos contadores Suzuki, Horacio e Tonelada e à auditora Julia, os responsáveis pelas movimentações financeiras do escritório. No início, ele precisava chegar às 7 da manhã e saía por volta das 9 da noite.

Não demorou, o envolvimento de Gustavo Gaviria com as contas chamou a atenção de Finevery, assim como o zelo excessivo em separar seus gastos e os de meu pai. Ele era muito pão-duro e de vez em quando deixava escapar um ou outro comentário de desaprovação pelos gastos desenfreios de meu pai.

— Notei que Gustavo era aficionado por diamantes, que comprava em grandes quantidades. Uma vez escutei-o dizer que, se precisasse fugir, levaria só diamantes nos bolsos, não se preocuparia com quadros nem nada assim.

Nos primeiros anos ao lado de meu pai, a rotina de Finevery consistia em trocar cheques por dinheiro vivo em algumas casas de câmbio e sacar grandes quantias de dinheiro na agência do Banco do Estado no parque de Berrío, em Medellín.

— Agora parece pouco dinheiro, mas eu ia ao banco duas ou três vezes por semana e sacava até 10 milhões de pesos em caixas de papelão. Circulava muita grana.

À medida que o tráfico de drogas crescia, chegavam ao escritório de meu pai em Poblado indivíduos de todos os tipos, quase todos quadrilheiros. As coisas eram assim porque, como já contei

antes, meu pai dizia que só se interessava por negócios ilícitos, nunca pelos legais.

— Era impressionante. Havia grupos de tudo e para tudo: de matadores, de cozinheiros que processavam a pasta de cocaína, de encarregados de receber a *merca* pronta e empacotada para mandá-la ao exterior... Enfim, o organograma do escritório era grande. Pablo e Gustavo montaram um empório do crime.

Por volta daquela época, início dos anos 1980, 4 jovens iam à oficina oferecer bilhetes de rifas de televisões, relógios, viagens e até mesmo diamantes. Meu pai sempre comprava os talões completos e, por isso, quase sempre ganhava, mas dava o prêmio de presente à primeira pessoa que via passar. Lá também havia um restaurante em que o almoço era grátis. Tinha capacidade para 200 pessoas, mas meu pai e Gustavo tiveram que fechá-lo porque ficou cheio de desconhecidos e vagabundos.

— Aparecia muito malandro para comer de graça, o que causava problemas. Por isso, fecharam.

Mas Finevery testemunharia um episódio que mostrou até que ponto meu pai chegava ao ser traído. Aconteceu após o sumiço de cerca de 200 milhões de pesos de um esconderijo no escritório. Calmo, como quase sempre, meu pai ordenou que descobrissem quem estivera lá na noite anterior; logo as suspeitas recaíram sobre um dos vigilantes, militar aposentado e velho amigo de meu pai.

— Pablo o considerava tão próximo que, anos antes, havia resgatado ele de helicóptero da ilha Gorgona, onde cumpria pena de mais de vinte anos por homicídio. Um grupo de homens enviados por Pablo encontrou o dinheiro na casa do militar, mas o que aconteceu depois me marcou para sempre. Pablo mandou que todos os empregados do escritório se posicionassem ao redor da piscina. Então, mandou amarrar o homem, que foi atirado na água. O pobre coitado se afogou em poucos segundos. Seu pai, muito sério, disse em voz alta que mataria qualquer um que roubasse mais um único peso.

Com o passar do tempo, Finevery ganhou a confiança de meu pai, que certo dia convidou-o para ir à fazenda Nápoles e disse que podia voltar quando quisesse.

— Ah, aquilo era muito bom, um hotel 5 estrelas. Íamos à Nápoles farrear com amigos e garotas. Na fazenda, quase todas as noites havia partidas de futebol, que só acabavam quando a equipe em que Pablo jogava ganhasse. Ele era atacante, e os jogadores de sua equipe só tocavam a bola para ele. O pior é que às vezes ele tirava o melhor jogador da equipe adversária e passava para a sua. Tudo para vencer. Depois, tomávamos aguardente e cerveja no bar El Tablazo.

Meu pai também deu a Finevery a oportunidade de vigiar o processamento de cocaína em laboratórios instalados em diversos municípios de Antioquia.

— Era preciso fiscalizar para que a produção correspondesse à pasta de coca que Pablo entregava aos cozinheiros. Muitas vezes, eles relatavam que a base era de má qualidade e, por exemplo, se haviam recebido 100 *cosos* (pacotes de 1 quilo de pasta), diziam que só tinha rendido 50 quilos de cocaína. Era um trabalho para gente de muita confiança do Patrão, e eu fui uma dessas pessoas.

Um tempo depois, de tanto ir às cozinhas, Finevery pediu a meu pai autorização para produzir alguns quilos de coca, visto que já sabia como processá-la. Meu pai concordou, mas lembrou que a única exigência era que tivesse sua própria cozinha. Finevery respondeu que já havia pensado nisso e montara uma no pátio de sua casa.

— Me disse que não havia mais nada para conversar e deu ordens para que um de seus homens me desse 10 *cosos*. Parecia massinha de modelar, e era preciso oxidar com permanganato de sódio para atingir o ponto em que vira cloridrato de cocaína. Cada pacote de base pesava 1 quilo, mas ao fim do processo químico perdia 20%, ou seja, rendia 800 gramas de cocaína.

Finevery alega que o negócio de meu pai era tão grande e produtivo que ele nem sequer sabia a localização de todas as cozinhas. Simplesmente entregava determinada quantidade de pasta ao cozinheiro, que devia devolver os quilos já processados. Ele tinha vários fornecedores, mas confiava especialmente em Evaristo Porras, que morava em Leticia, no estado colombiano do Amazonas, e a trazia do Peru.

Ao mesmo tempo que mantinha suas tarefas de mensageiro, devido à segurança que transmitia a meu pai, Finevery recebeu outra incumbência: *caletero*, responsável por encontrar apartamentos ou sítios onde armazenar a coca. Assim, chegou a ter quatro pontos para guardar diferentes quantidades. Por exemplo, escondeu em um deles 2.500 quilos enquanto meu pai organizava a rota que os levaria ao exterior.

Finevery testemunhou as mutações que começaram a ocorrer no negócio de meu pai. A principal foi a chegada massiva de pessoas que produziam cocaína por conta própria, mas não tinham meio para comercializá-la.

— A fila de carros no escritório era interminável. Aparecia gente para falar com Pablo e entregar 5, 10, 15 quilos; o termo que usavam era “se inscrever”. Todos sabiam que Pablo era o dono das rotas e cobrava comissão por quilo enviado. As rotas eram tão eficientes que Pablo se deu ao luxo de oferecer seguro para a carga transportada. Custava 2 mil dólares por quilo, mas o dono da cocaína sabia que, se pagasse, receberia o dinheiro com total certeza, independentemente da entrega do carregamento. Nenhum *narco* fazia isso. Lembro que chegavam pessoas de boa parte dos municípios de Antioquia, mas principalmente de Pereira. Nunca de Cali, por motivos óbvios.

Segundo Finevery soube, meu pai se atreveu a assegurar a cocaína porque tinha total controle sobre as etapas do negócio, desde a produção até o transporte, a distribuição, a entrega nos Estados Unidos e a entrada do dinheiro ilegal da Colômbia.

— Para cada carregamento, Pablo tinha até 3 pistas de aterrissagem de avião disponíveis, uma principal e duas alternativas, conforme a situação em cada lugar. E isso não era tudo: Pablo chegou a ter entre 10 e 12 rotas funcionando ao mesmo tempo. Se uma caía, apareciam outras. Era uma máquina de exportar cocaína e, é claro, produzir dólares.

Mas nem tudo funcionava como relógio, relembra Finevery. Para controlar a contabilidade das centenas de quilos de cocaína que chegavam ao escritório diariamente, os empregados de meu pai anotavam em cadernos os dados dos proprietários. Era comum que

muitos devessem o frete de envio, mesmo após receberem o valor da cocaína que haviam entregado.

— Pablo ficava furioso e dava ordens para que fôssemos atrás dos devedores. Melhor dizendo, precisávamos fazer as vezes de *chepitos* [agiotas]. Menos mal que um funcionário das Empresas Públicas de Medellín colaborava conosco. Entregávamos a ele o telefone dessas pessoas, e ele nos dava informações de onde moravam. Íamos até lá e, é claro, eles pagavam.

Como ocorre em todos os negócios, o da cocaína também era observado de perto por delinquentes. Para eles, pouco importava que meu pai fosse dono do esquema.

— Para mim, deu problema três ou quatro vezes, quando estava processando cocaína. Mas me lembro de uma vez, em Santa Helena, em que chegaram 8 sujeitos encapuzados, metralhadora na mão, dizendo para darmos 10 milhões em dinheiro ou eles levavam o bagulho. Como não tínhamos dinheiro lá, nos deram tempo para arranjá-lo. Então procurei Pablo, que me disse para negociar com os sujeitos e chegar a um acordo. Me pediu para observar bem suas cicatrizes, seu penteado, seus relógios e suas correntes, porque com esses detalhes localizaria os pilantras e recuperaria tudo o que haviam roubado. Retornei em uma moto, com o dinheiro em uma caixa, e os sujeitos foram embora.

Finevery lembra que, após a morte do ministro Rodrigo Lara, ficou mais difícil ver meu pai, mas o negócio foi mantido e os escritórios continuaram funcionando, embora fosse preciso mudá-los de lugar constantemente devido à perseguição das autoridades.

O monitoramento do Estado também forçou uma mudança na maneira de processar cocaína. Os laboratórios eram localizados com facilidade, ao passo que ficava mais difícil conseguir empregados, porque eles temiam ser presos. Assim surgiram as *bodegas*, espaços grandes em Medellín que se tornaram cozinhas móveis, onde eram produzidos entre 100 e 200 quilos por dia.

— Jaime, um dos cozinheiros de Pablo, teve a ideia de montar as cozinhas na cidade. Levou o plano a sério e ia de *bodega* em *bodega* fazendo o que chamamos de “retacar”, ou seja, tirar mais produto da pasta de coca. Era preciso borrifar todos os dias aerossol

para espantar o cheiro de produtos químicos. O incrível é que, em meio a tamanha perseguição, nenhuma *bodega* caiu.

Finevery esclareceu que ainda tinha muitas histórias para contar, mas preferiria fazer isso no dia seguinte, porque começavam as sombras da noite e ele tinha certo medo de navegar pelo rio La Miel. Marcamos de nos encontrar perto dali, mas ficou claro que ele perdeu o interesse, porque não apareceu.

CAPÍTULO 11

**ANEDOTÁRIO**

Muitas pessoas que rodearam meu pai em diferentes momentos de sua carreira criminal presenciaram episódios que jamais vieram a público e a passagem dos anos relegou ao esquecimento. Ao longo das diversas entrevistas que realizei para este livro, fiquei sabendo de muitos acontecimentos interessantes, alguns bem graves, outros nem tanto.

## **O RESGATE DE OREJAS**

Esta história é incrível. Quem me contou foi um homem que trabalhou com meu pai quando ele estava começando a enriquecer com o tráfico de drogas.

Segundo relato, agentes do DAS capturaram Orejas em Medellín. Ele era o encarregado de lavar no Panamá boa parte do dinheiro gerado pela cocaína em Miami. Orejas era tão importante para as engrenagens da organização que sua extradição para os Estados Unidos foi solicitada imediatamente.

Aquela detenção foi um forte golpe contra o cartel de Medellín, porque era Orejas quem tinha os contatos para abrir contas correntes em bancos na Cidade do Panamá, onde aplicava os recursos que o tesoureiro de meu pai depositava em Miami para depois transferi-los por canais normais a bancos em Medellín, onde homens como Finevery sacavam a grana por operações tão simples como o resgate de um cheque.

Devido a sua importância, logo a extradição de Orejas foi autorizada pelo governo de Belisario Betancur. Por um contato no DAS, meu pai soube que Orejas seria enviado aos Estados Unidos às 5 da manhã do dia seguinte e, por isso, decidiu resgatá-lo. Confiou a tarefa a Kojack, um dos homens mais destemidos do grupo de pistoleiros que o rodeava. Mas a operação seria bastante arriscada, porque Orejas estava preso na sede do DAS em Ayacucho, uma casa

velha onde trabalhavam nada menos que 20 funcionários em turnos de 12 horas. Então ele deu 62 milhões de pesos para que Kojack subornasse quem fosse preciso para resgatá-lo.

Após examinar o lugar onde Orejas estava preso, Kojack concluiu que a operação deveria ser feita à meia-noite, assim que ocorresse a mudança de turno.

— Como poderia haver tiroteio, optamos pelo suborno. Mas não um suborno qualquer. Como dizemos por aqui, chegamos “com o pé na porta”. Éramos 4; um de nós, Tibú, carregava uma caixa de papelão com o dinheiro vivo. Quando chegamos à sede do DAS, falei grosso para que soubessem que a máfia havia chegado. É claro que os funcionários se assustaram quando eu disse: “Vamos ver quantos maricas tem aqui, não vamos começar com frescurinha, tem muito dinheiro”. Todos ficaram em silêncio e nós começamos a repartir o dinheiro. Para cada um dos datiloscopistas, que eram 6, demos 1 milhão; ao responsável pelas chaves das celas, 500 mil; aos 2 mecanógrafos, cerca de 800 mil; à telefonista, 1,5 milhão para que não atendesse ao telefone; à senhora que servia cafezinho, que ficou contente, 200 mil; foi assim com todo mundo, até que chegamos ao chefe do escritório, inspetor do DAS, a quem dei 8 milhões. No entanto, quando fomos buscar Orejas, quase não o encontramos, porque estava escondido, bem encolhido debaixo de uma escrivaninha. Achou que era alguém querendo assassiná-lo, porque havia sido ameaçado de morte. Saímos de lá à meia-noite e vinte. Fizemos a função em vinte minutos, mas antes de sairmos dissemos aos que estavam armados que, quando saíssemos, disparassem contra o teto. Nós responderíamos atirando para cima, e assim pareceria um resgate com muita troca de tiros.

## **LINGOTES DE OURO PARA PABLO**

Durante a pesquisa para este livro, fiquei surpreso ao descobrir que, em algum momento da trajetória como narcotraficantes, meu

pai e Gustavo Gaviria investiram uma pequena parte de sua fortuna na compra de lingotes de ouro.

A julgar pela fonte, não tenho dúvidas de que é verdade. O relato é de Jaime, economista com quem meu pai travou uma amizade fugaz em Miami na época em que lhe permitiam entrar nos Estados Unidos, ou seja, antes do fim de 1983, quando precisou renunciar a seu cargo na Câmara de Deputados e teve o visto de turista cancelado pela embaixada norte-americana.

Como se sabe, a habilidade de meu pai em montar uma estrutura econômica ao redor da cocaína fez dele multimilionário em poucos anos. Mas, assim como ganhava, ele gastava aos montes. Sempre soubemos que preferia usar dinheiro vivo e gastá-lo sem poupar a guardá-lo em esconderijos como faziam vários de seus sócios no cartel de Medellín.

Meu pai nos mimava de todas as maneiras, e minha mãe aproveitou o fato de que muitos queriam ficar de bem com ele e, portanto, estavam dispostos a contratá-la como decoradora particular. Assim, pela comissão na venda de obras, ela formou uma das melhores e mais completas coleções de arte da América Latina. Infelizmente, muitas dessas obras foram destruídas na guerra, e outras acabaram roubadas pelos Pepes após a morte de meu pai.

Jaime revelou que meu pai e Gustavo telefonavam para ele em Miami a fim de que comprasse lingotes de ouro no Queens, em Nova York, onde havia um famoso comerciante do precioso metal. A compra era legal, mas, quando o ouro chegava a Miami, precisavam enviá-lo a Medellín "por debaixo dos panos".

— A cada mês ou a cada mês e meio, Pablo e Gustavo me pediam lingotes, e demorava várias semanas até o vendedor os enviar de Nova York. Lembro que cheguei a mandar-lhes entre 20 e 40 lingotes, e cada um pesava 1 quilo. De vez em quando eu enviava diamantes para Gustavo, mas Pablo não se interessava por isso.

Nas viagens que fizemos com meu pai, nunca reparamos em seu interesse por lingotes de ouro. Ele cedeu uma única vez à tentação de comprar diamantes, mas fez isso pressionado por amigos. Foi em uma joalheria Majors em Miami, aonde fomos com

nossa família e Gustavo Gaviria. Éramos tantos que o gerente fechou o local para facilitar a venda. Meu pai comprou um diamante que custou 300 mil dólares, mas quando chegamos a Medellín ele o experimentou, não gostou e guardou-o em uma gaveta.

O que aconteceu com os lingotes? Nem ideia. Perguntei para minha mãe, e ela respondeu que também não sabia que meu pai havia comprado ouro um dia.

## **MICHAEL JACKSON NA FAZENDA NÁPOLES?**

Meu pai e eu éramos fanáticos pelo rei do pop, Michael Jackson. Ele sempre mandava buscar seus últimos lançamentos em vídeo, e nós dois assistíamos juntos a eles. Gostávamos das músicas e cantávamos. Eram os tempos do edifício Ovni. A ostentação era total. Morávamos no primeiro edifício com elevador panorâmico e piscina na cobertura, uma novidade naqueles tempos em que Michael Jackson surpreendia o mundo com "Thriller", cujo vídeo de catorze minutos era uma revolução. Era dezembro de 1983.

Meu fanatismo por Michael Jackson era tão grande que cheguei a pedir para minha mãe que o rei do pop fosse o tema de minha festa de aniversário. E foi. Havia muitos cartazes de grandes dimensões enfeitando as paredes, e até o bolo tinha uma pequena estatueta de Michael Jackson.

Lembro que, certa vez, em uma festa na fazenda Nápoles, por volta de 1987, meu pai contratou um conhecido conjunto musical especializado em folclore colombiano. Tocavam e cantavam muito bem, e tenho certeza de que não cobravam pouco. Eu estava entediado e, de repente, tive a ideia de propor algo a meu pai, que estava ao lado:

— Pai, por que em vez de trazer sempre os mesmos artistas não trazemos o Michael Jackson?

— Como assim, Grégory?

— Ué, pai, nós temos uma pista de pouso. Ele pode vir em seu avião particular, e nós montamos um palco no campo de futebol. Ele canta um pouco e depois vai embora.

— E quanto você acha que ele cobraria para vir dos Estados Unidos até a Nápoles?

— Não sei, pai, mas esse sujeito não deve cobrar pouco. Entre 2 e 4 milhões de dólares. Vai saber.

— Vamos averiguar, Grégory, e trazemos ele em dezembro. Pode vir, aqui vamos tratar bem dele. Pode até ficar para dormir no quarto de Gustavo.

— Como assim “ficar para dormir”, pai?

Meu pai fez uma pausa após a pergunta e olhou para os mais de 20 guarda-costas à volta. Então, riu com malícia e respondeu, não sei se a sério ou brincando:

— Estou pensando que ele poderia vir, tocar umas horas, eu pago. Mas, quando ele terminar, convido-o para ficar aqui por alguns dias. Vou garantir que ele seja bem tratado e não aconteça nada com ele. Aí, quando quiser partir, terá que deixar uns 50 milhões ou 60 milhões de dólares. É ou não é, rapazes?

A ideia de contratar Michael Jackson ficou em minha cabeça, apesar do comentário de meu pai, que claramente era maldoso. Ao fim e ao cabo, diversos cantores, humoristas e mágicos famosos da Colômbia e do exterior haviam passado pela fazenda Nápoles, contratados por meu pai conforme a ocasião. Por isso, trazer o rei do pop não parecia um disparate. No entanto, a ideia caiu em esquecimento, porque a guerra entre meu pai e o Estado se agravou e, enquanto ele fugia, nós precisamos nos esconder por longos meses.

## **UM MÁGICO NA NÁPOLES**

A viagem por Magdalena Medio para falar com diversas pessoas que me ajudariam a redescobrir meu pai me levou a uma curva da estrada Medellín-Bogotá, na altura do município de San Luis. É uma

região montanhosa e escarpada, com belas paisagens e cascatas naturais dos dois lados da via.

Parei em frente a uma espécie de barraco, bagunçado e rodeado por uma vegetação cerrada. Ficava à beira de um rio que, pelo som, era caudaloso. O lugar estava vazio.

Vinte minutos mais tarde apareceu o mágico de meu pai, que agora estava muito magro e tinha uma barba de vários meses totalmente branca, como seu cabelo.

Enquanto a fazenda Nápoles durou, o mágico foi um visitante assíduo, porque meu pai o adorava. Anos antes, ele havia sido professor de matemática no colégio de San Luis, mas prevaleceu a vontade de fazer moedas desaparecerem, tirar coelhos do chapéu e esconder cigarros de maconha atrás da orelha.

Quando meu pai estava na fazenda e havia algum evento social, ou mesmo quando não havia, uma das primeiras pessoas em quem pensava para se distrair era o mágico, que aparecia como em um truque. Após duas horas de apresentação, recebia 30 mil pesos como pagamento e voltava para casa.

O mágico lembrou um dia em que minha avó Hermilda o repreendeu durante a apresentação e mandou que o tirassem da Nápoles, porque no truque ele enfiava animais à força em pequenos recipientes. No entanto, apesar dessa briga, o mágico deu um jeito de voltar.

Vale dizer que meu pai também chamava o mágico por outro motivo: naquela época, ele vivia em um lugar paradisíaco, aonde meu pai ia para se divertir com alguma amante do momento e também para se esconder da perseguição das autoridades. O local era ideal para as duas coisas, porque na parte de baixo da casa do mágico corria um lindo riacho de água fresca, com uma pedra plana e grande o suficiente para duas pessoas. A vegetação espessa impedia que fosse vista da parte de cima da estrada, e por isso era ideal para alguém como meu pai, que tinha na clandestinidade sua melhor ferramenta de sobrevivência.

Minha visita ao mágico terminou 45 minutos depois, quando uma pequena caminhonete com uma dúzia de estudantes passava pelo lugar. No instante em que estavam virados de frente para o

mágico, todos botaram o rosto para fora da janela e gritaram: “Tchau, mágicooo”.

## **PEDRO PICAPIEDRA**

No final dos anos 1980, um episódio escabroso ocorrido em Medellín mostrou o nível de violência e degradação atingido na disputa pelo poder do narcotráfico.

Segundo me contaram alguns homens de meu pai, Pedro Picapiedra chegou a ser o mafioso mais rico de Medellín. Ele e meu pai se conheciam e eram próximos, embora cada um tocasse seus negócios e só muito de vez em quando eles se aliassem para enviar cocaína por uma rota comum.

Picapiedra se tornou ainda mais rico depois da morte do ministro Rodrigo Lara Bonilla porque meu pai, Carlos Lehder e Gonzalo Rodríguez Gacha, o Mexicano, bem como outros chefões (incluindo os do cartel de Cali) partiram em debandada e voltaram depois de meses. Na prática, Picapiedra só continuou traficando porque não estava no radar das autoridades de combate às drogas. Chegou a ser tão poderoso que montou um imenso escritório em Nova York, de onde manejava sua máquina do tráfico.

Quando retornou ao país no começo do segundo semestre de 1984, meu pai procurou Picapiedra e propôs a ele compartilhar alguns carregamentos, mas Pedro se fez de desentendido e nunca respondeu. Meu pai ficou muito incomodado, e os dois se afastaram por um tempo, até que um dia Picapiedra apareceu para pedir ajuda em um confronto que travava com outro narcotraficante da cidade. Meu pai cobrou 200 milhões de pesos de Picapiedra para tirar aquele inimigo do caminho.

Ainda assim, a relação entre os dois não melhorou. Pelo contrário, piorou, porque Picapiedra se recusou a colaborar financeiramente para sustentar a guerra que meu pai travava contra o Estado colombiano.

Então, meu pai ordenou que seu melhor bando de homens sequestrasse Picapiedra. No entanto, justo quando a operação se desenrolava no bairro El Poblado, o motorista dos delinquentes tropeçou acidentalmente na porta e disparou sua arma. O azar foi tanto que um dos projéteis matou Picapiedra no ato.

A partir daí, os acontecimentos são horripilantes. Os sequestradores levaram o corpo de Picapiedra e, de acordo com meu pai, pediram resgate, como se ele estivesse vivo. O valor: 100 milhões de dólares, que a família aceitou pagar, contanto que Picapiedra voltasse são e salvo.

Em uma tentativa de enganar a família, o rosto de Picapiedra foi maquiado para uma fotografia, enviada como prova de sobrevivência. Mas, quando a família ia pagar de fato, um campesino encontrou o corpo e alertou as autoridades. Assim, a quantia milionária foi por água abaixo.

Como se a afronta à família de Picapiedra não fosse o bastante, os homens de meu pai sequestraram sua filha mais nova e cobraram 4 milhões de dólares pelo resgate. Foi um sequestro-relâmpago, porque a garota nunca soube que estava na mão de delinquentes, achou que estava visitando alguns parentes distantes.

Esses passos equivocados de meu pai só serviam para aumentar o número de pessoas que nutriam ódio por ele. Nós, a família, que não estávamos a par de nada disso, arcaríamos com as consequências.

## **OS 100 MILHÕES DO CHOPO**

Quando ficou sabendo por meio de gravações que seus sócios e amigos Fernando Galeano e Francisco Kiko Moncada haviam se comprometido junto ao cartel de Cali a não entregar mais dinheiro para a guerra, meu pai decidiu realizar uma *vendetta* no cartel de Medellín e deu ordens para que Mario Alberto Castaño, o Chopo, exterminasse os chefes das duas famílias.

Ao ser informada das intenções de meu pai, a família Moncada comunicou que não estava disposta a entrar em confronto, pois não tinha inclinação bélica. Eles preferiram pagar o auxílio. Então enviaram uma mensagem ao Chopo, na época chefe militar de meu pai, oferecendo 100 milhões de dólares.

O Chopo aceitou e recebeu o dinheiro, mas não contou nada a meu pai e embolsou a fortuna. Meu pai nunca soube, pois certamente teria pegado o dinheiro, e eu acabei descobrindo essa história agora, enquanto pesquisava para este livro.

Não obstante, a sorte de Moncada e Galeano estava selada. Tití, outro homem de confiança de meu pai, descobriu por acidente um esconderijo com 20 milhões de dólares. Naquele momento, meu pai condenou-os à morte e chamou-os para um encontro na prisão de La Catedral, onde foram assassinados.

CAPÍTULO 12

# **AS NARCOSSÉRIES E MEU PAI**

É inquestionável o sucesso internacional das chamadas narcosséries, ou narconovelas, que contam histórias sobre meu pai e outros personagens do narcotráfico internacional. Há muito tempo, as grandes produtoras de cinema e televisão constataram o fascínio despertado pela condenação desses criminosos, mas não previram que uma nova cultura, desprovida de valores, surgiria em torno deles.

Não me oponho à proliferação de produções sobre meu pai, mas manifesto minha inconformidade com aqueles que, sob o pretexto de mesclar fantasia e realidade, construíram uma mensagem subliminar, incitando a juventude a pensar que ser *narco* é *cool*. E isso não é tudo: também dão a entender que o dinheiro desse universo tem certo encanto. Por isso, muitos querem repetir a história de meu pai; veem-no como todo-poderoso que nunca perdeu, nunca sofreu e jamais enfrentou maus momentos. O que fizeram foi exibir experiências contrárias às que presenciei, porque aquele é um mundo onde se sobrevive à base de sangue e fogo, pisando na cabeça de muitas pessoas.

O impacto das produções sobre meu pai é tão grande que comecei a receber mensagens de jovens de países do continente africano, como Quênia e Marrocos, ou de outras latitudes, como Filipinas, Rússia, Turquia, Afeganistão, Irã e Palestina, mas também de países da América Latina, como México, Guatemala, Peru, Argentina, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela, que diziam basicamente: "Quero ser *narco* como esse cara da série". "Me ajude a virar *narco*."

É óbvio que aconselhei que todos fizessem o contrário, deixando claro que não vendo ingressos para esse mundo obscuro. E fiquei preocupado, porque eles juravam saber tudo sobre meu pai por terem assistido a *Narcos*, *Pablo Escobar: o patrão do mal*, *El Cartel de los sapos*, *Sin tetas no hay paraíso*, *La reina del sur*, *El señor de los cielos* e vários outros filmes com grandes estrelas no elenco,

como Benicio del Toro, que participa da mais absurda de todas as produções sobre meu pai, *Escobar: paraíso perdido*.

Embora tenha me esforçado para mostrar que o caminho percorrido por meu pai é justamente o contrário daquele que as pessoas de bem devem escolher, as narcosséries fizeram com que ele pareça uma espécie de super-herói da história recente. A perigosa mescla de imagens reais da violência de duas décadas atrás e trechos de noticiários agrega a essas produções televisivas uma suposta dose de credibilidade que hipnotiza a juventude.

Fui informado com certa antecedência de que a indústria de entretenimento Netflix filmaria a primeira temporada de uma história biográfica sobre meu pai, baseada em acontecimentos reais e contendo certas doses de ficção. Pedi imediatamente a um amigo que vive nos Estados Unidos que entrasse em contato com os dirigentes da empresa para lhes oferecer a possibilidade de contar a melhor versão possível e com nossa colaboração, no intuito de enviar à sociedade a mensagem inequívoca de que aquela história é digna de ser contada, mas jamais imitada.

Após um encontro com alguns representantes da Netflix dos Estados Unidos, em que oferecemos acesso irrestrito ao extenso arquivo familiar que retrata com clareza a vida de meu pai, recebemos uma resposta taxativa: "Não temos interesse, já conhecemos a história. Compramos o relato de Javier Peña, agente da DEA na época de Escobar, e ele não está disposto a trabalhar com a família". Em outras palavras, a Netflix parecia saber muito mais sobre Pablo Escobar que sua viúva e seus filhos, então preferiu ficar com a versão de um homem que perseguiu meu pai, mas jamais o conheceu. O episódio despertou em mim uma grande desconfiança em relação ao conteúdo da série.

Em setembro de 2016, vi a segunda temporada completa da série, *Narcos*, pois queria saber o que eles contariam de novo sobre nossa vida. Depois de assistir com atenção, encontrei graves contradições e erros. Por isso, senti que era necessário escrever e publicar um post no Facebook, ao qual dei o título "Narcos 2 e suas 28 quimeras". Até aquele momento, minha página tinha apenas 30

mil curtidas, e meus textos jamais chegavam a mais que 100 mil leitores, mas tudo mudou quando apertei o botão "Publicar". Uma semana depois, a nota havia sido lida por mais de 1,3 milhão de pessoas, e os jornais de diversos países ecoaram minhas críticas com títulos no limite do dramático: "Filho de Escobar ataca Netflix". Entretanto, nas redes sociais, publiquei uma mensagem convidando a juventude a não acreditar nas "verdades" que a série contava e a desconfiar de seu conteúdo. A seguir, segue parte do texto publicado:

*Em nome de meu país e em honra à real verdade dos fatos ocorridos entre os anos 1980 e 1990, vejo-me na obrigação de expor os gravíssimos erros de uma série que se autoproclama verídica, quando na verdade está muito longe de o ser, insultando assim a história de toda uma nação e de muitas vítimas e famílias.*

Carlos Henao (*in memoriam*), meu tio materno, não era narcotraficante como o retratam na série. Na realidade, era trabalhador, honesto, nobre e um bom pai de família. Foi muito amigo de minha mãe. Era vendedor de Bíblias, acrílicos e esfregões. Sempre falava em paz, nunca em guerra; falava em evitar conflitos, não em atacar ninguém. Carlos Henao jamais foi narcotraficante, tampouco morou em Miami. Foi sequestrado e torturado com Francisco Toro, outro homem inocente. Na série, encaixaram-no em outro tempo e lugar, dando a entender que sua morte resultou de um conflito entre policiais e narcotraficantes, quando na verdade sua morte foi uma injustiça.

Meu pai não era torcedor do Atlético Nacional, mas do Deportivo Independiente Medellín.

Na série, Dandeny Muñoz Mosquera, vulgo La Quica, aparece em dois lugares ao mesmo tempo: permanece ao lado de meu pai, quando na realidade havia sido preso em Nova York em 24 de setembro de 1991. De modo que, quando meu pai fugiu da prisão

de La Catedral (em julho de 1992), La Quica estava detido havia dez meses. Naquele país, foi condenado a 10 penas de prisão perpétua por suposta participação no atentado contra um avião da Avianca em novembro de 1989, no qual morreram 107 pessoas. O então promotor-geral da Colômbia, Gustavo de Greiff, enviou cartas solicitando sua liberação porque, segundo ele, o homem era inocente. La Quica pode ser culpado por muitos crimes, mas não por aquele pelo qual foi condenado.

Na fuga de La Catedral, a série mostra um tiroteio intenso, mas a verdade é que não houve enfrentamento grande no local; morreu um único carcereiro que enfrentou aqueles que estavam entrando à força. A série mostra diversos soldados permitindo a fuga, mas não foi assim que aconteceu. A fuga foi planejada e concebida de antemão, desde a construção do próprio presídio; meu pai deu ordens para que deixassem alguns tijolos soltos no muro do perímetro e escapou quando o governo notificou que ele seria transferido para outro local de reclusão.

Álvaro de Jesús Agudelo, vulgo Limón, por cerca de vinte anos foi motorista de Roberto Escobar, Osito, irmão mais velho de meu pai. Não apareceu do nada, tampouco foi recrutado no fim da história de nossa família como mostra a produção. Conheci Limón quando dirigia o caminhão que me levava até La Catedral para ver meu pai.

Tampouco é verdade que os cartéis de Medellín e Cali negociaram exclusividades para traficar nos mercados de Miami e Nova York. Não era necessário. O mercado era tão grande que regionalizar o negócio não era preciso.

A CIA não propôs aos irmãos Fidel e Carlos Castaño a criação dos Pepes, diferentemente do que garante na produção. Na realidade, foi Fidel Castaño quem decidiu fazer isso, tendo o cartel de Cali e as autoridades colombianas como cúmplices.

Minha mãe jamais comprou ou usou uma arma. Sempre dizia para meu pai não contar com ela para atirar. A série mostra que minha mãe tinha medo e, por isso, supostamente teria comprado uma pistola, mas isso nunca aconteceu.

Meu pai não matou pessoalmente o coronel Carrillo, como é identificado na série o chefe do pelotão de buscas. Mas ordenou muitos atentados contra a polícia colombiana.

Quem conhece a fundo a história sabe que meu pai cometeu um grande equívoco ao encomendar a morte de Gerardo, Kiko Moncada e Fernando Galeano, seus sócios e prestamistas. Esses dois crimes seriam determinantes para sua derrocada e seu fim. Eles foram sequestrados pelo cartel de Cali e, para que fossem liberados, prometeram entregar meu pai e cortar qualquer auxílio econômico a ele. Meu pai e seus homens descobriram a traição, bem como um esconderijo com cerca de 20 milhões de dólares.

Em seus dias finais, meu pai estava sozinho, não rodeado de bandidos. Quase todos, à exceção de Angelito e Chopo, haviam se entregado ou morrido. O exército de delinquentes com que meu pai aparece já não existia, porque ele havia perdido todo o poder.

A série nos mostra escondidos todo o tempo em mansões, mas na verdade vivemos em muitas bibocas de chão batido, às vezes sem água nem luz. Essa maneira de mostrar os acontecimentos transmite a ideia de que fugir de mansão em mansão não é nenhum sofrimento. Mas não foi assim. Na época posterior à fuga de La Catedral, não tivemos tais comodidades. Foram lições de vida que me acompanharam e me ajudaram a manter uma postura de paz diante da vida, sem querer repetir a história de meu pai.

A história do tal León de Miami não é como mostram. Ele não morou nos Estados Unidos, tampouco foi um traidor; pelo contrário, foi um homem fiel e valente que tombou lutando a guerra em nome

de meu pai. Morreu em Medellín após ser sequestrado por ordem dos irmãos Castaño.

Em *Narcos*, mostram um Pablo Escobar que odeia os habitantes de Cali, mas na verdade ele jamais ameaçou essa cidade. Lembro que um dia meu pai emitiu um comunicado esclarecendo que sua esposa e parte de sua família eram daquela região; portanto, ele não tinha nada contra os *caleños* e *vallunos*, apenas contra algumas pessoas que viviam lá.

Ricardo Prisco Lopera, do bando Los Priscos, já estava morto no momento cronológico em que aparece na série. Não foi médico como mencionam em um dos capítulos.

Meu pai não foi o mandante do ataque a bomba contra a filha de Gilberto Rodríguez em seu casamento. Em plena guerra dos cartéis, tanto meu pai quanto os chefões de Cali cumpriram o pacto de não tocar na família de qualquer uma das facções. Diversos vídeos confiscados levaram os Rodríguez a pensar que meu pai estava se preparando para atacá-los, e isso foi determinante para a detonação da bomba contra o edifício Mónaco, em janeiro de 1988. A série pretende forçar situações de violência contra terceiros que jamais ocorreram, porque meu pai não deu essas ordens.

Meu pai não nos obrigou a ficar com ele na clandestinidade; ele e minha mãe sempre acharam que seria melhor estudarmos para termos oportunidades diferentes das que eles tiveram. Meu pai sabia bem que não teríamos futuro ao lado dele.

*Narcos* nos mostra em meio a diversos tiroteios, mas na realidade foi apenas um, em janeiro de 1987, quando voltávamos para Medellín após sairmos da fazenda Nápoles. Quando passávamos pelo pedágio de Cocorná, meu pai, Carlos Lehder e 3 guarda-costas trocaram tiros com agentes do DAS. O tiroteio foi intenso, mas ninguém se feriu. Relatei o episódio completo em *Pablo Escobar, meu pai*.

Os roteiristas situam em 1993 os ataques encomendados por meu pai contra a farmácia La Rebaja, mas eles ocorreram entre 1988 e 1989.

Na vida real, eu bem que gostaria de ter desfrutado da versão dócil de minha avó paterna que aparece na série. É uma pena decepcioná-los, mas minha avó Hermilda e meu tio Roberto se aliaram aos Pepes e colaboraram muito ativamente com os inimigos de meu pai – motivo pelo qual eles permitiram que continuassem vivendo na Colômbia.

Nossa viagem frustrada à Alemanha em novembro de 1993 está cheia de imprecisões. Minha avó paterna não viajou conosco para lugar nenhum naquela ocasião nem estava escondida conosco. Pelo contrário, ela preferia visitar seu filho mais velho, Roberto, na prisão de Itagüí, a se encontrar com Pablo na clandestinidade. Na única vez que nos visitou, meses antes da morte de meu pai, era perceptível sua vontade de não estar conosco.

A Promotoria da Colômbia não queria nos ajudar tanto quanto dão a entender, e o promotor De Greiff participou da cilada que montaram para encurralar meu pai, que acabou dando resultado. A verdade é que nos encontrávamos em Residencias Tequendama na condição de reféns; éramos 2 mulheres e 2 menores de idade trancados em um quarto de hotel. *Narcos* cobre os fatos com um véu de fantasia, tornando-os muito distantes do que se viu na televisão à época.

Na série, mostram Virginia Vallejo tão apaixonada que até recusava dinheiro de meu pai. Duas mentiras em uma. Além disso, alegam que minha mãe falou com a apresentadora de TV após meu pai fugir de La Catedral. A verdade é que meu pai não tinha contato com Virginia Vallejo havia quase uma década, porque dizia que ela também era amante dos chefes do cartel de Cali. Essa mulher nunca foi tão próxima de meu pai, mas apenas mais uma em sua longa lista de infidelidades.

Meu pai não enviou telefones celulares para Residencias Tequendama, muito menos por Virginia Vallejo. Foi provado historicamente que ele ligava para a central telefônica do hotel, e eu desligava sempre que ele fazia isso, porque estava violando as próprias regras de segurança. Por isso, ele já não queria mais falar comigo, apenas com minha irmã e minha mãe. Conversava por mais tempo do que o prudente, sabendo que seria rastreado.

Nenhuma jornalista foi assassinada em frente ao hotel em que estávamos. Isso foi inventado por *Narcos*. O lugar vivia cercado de jornalistas, militares e policiais, tornando impossível que algo assim acontecesse. Para completar, mostram Virginia Vallejo morta, quando na verdade ela não está.

Meu pai não maltratou, insultou nem humilhou seus pais, muito menos meu avô Abel. Não houve conversa nesse tom. Meu pai respeitava os integrantes de sua família, apesar da violência com que agia da porta para fora.

Depois da morte de meu pai, minha mãe foi chamada a uma reunião de cúpula em Cali, na qual estiveram presentes mais de 40 grandes chefes mafiosos do momento. Na realidade, quem salvou a vida de minha mãe e a minha foi Miguel Rodríguez, não Gilberto, seu irmão. Como se sabe, naquela reunião, os chefões nos privaram de todos os bens de meu pai em troca de pouparem nossa vida.

Em um dos capítulos, minha avó confronta minha mãe por ter traído meu pai. Isso não podia estar mais errado, porque na vida real minha avó paterna e seus filhos mantiveram contatos secretos com o cartel de Cali. Essa traição familiar foi amplamente descrita em *Pablo Escobar, meu pai*, no qual relato que minha avó chegou a negar diante de um tabelião do município de La Estrella a existência de seu filho Pablo Emilio Escobar Gaviria.



© Acervo da família Marroquín Santos

Em 1982, minha mãe organizou o leilão Pincel de Estrelas em prol do Medellín sin Tugurios. Meu pai foi até o microfone e agradeceu pelo sucesso do evento, para o qual ele e seus amigos doaram algumas das obras oferecidas.

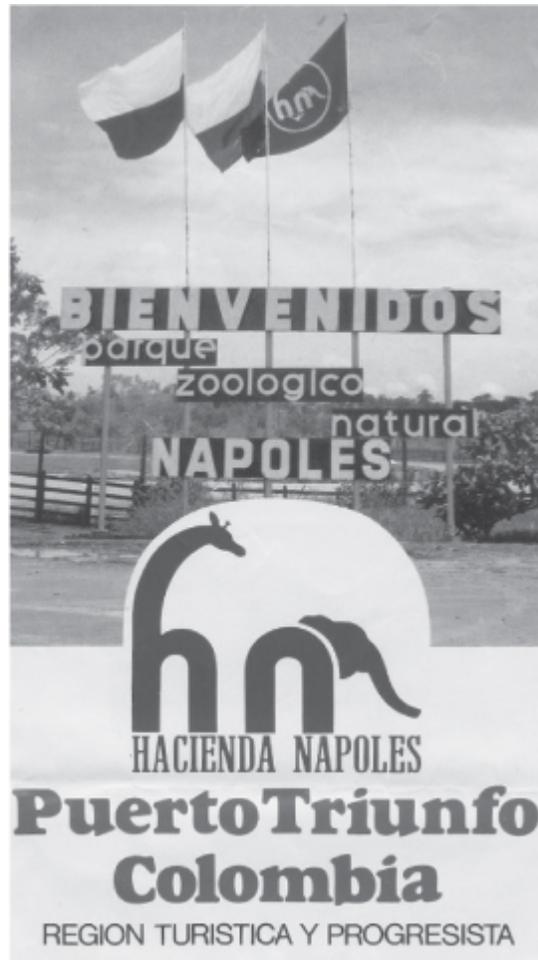


© Acervo da família Marroquín Santos



© Acervo da família Marroquín Santos

No dia de minha primeira comunhão, meu pai toma conta da urna que continha meus presentes.



© Acervo da família Marroquín Santos

Além de acompanhar meu pai em momentos cruciais, Malévolo deu uma identidade à fazenda Nápoles: desenhou o logotipo e os avisos de comunicação interna da fazenda.



© Acervo da família Marroquín Santos

Malévolo em ação. Levou um ano para construir cada um dos imensos animais pré-históricos da Nápoles.



© Acervo da família Marroquín Santos



© Acervo da família Marroquín Santos

Na prisão de La Catedral, meu pai observa minha irmã Manuela dançar.



© Acervo da família Marroquín Santos

Apesar da clandestinidade, meu pai dava um jeito de comparecer aos eventos familiares mais importantes. Aqui, aparece no aniversário de minha irmã na fazenda Nápoles. Ele se vestiu de branco a contragosto.



© Acervo da família Marroquín Santos

No edifício Mónaco, no dia de minha primeira comunhão. Nós dois nos vestimos de acordo com a ocasião, mas ele se recusou a usar gravata.



© Acervo da família Marroquín Santos

Meu pai chega à fazenda Nápoles para jogar futebol, seu esporte favorito.



© Acervo da família Marroquín Santos

Meu pai e minha mãe em uma festa em Puerto Triunfo, com Mario Castaño, vulgo Chopo, e Otoniel González Franco, vulgo Otto (de boné).



© Acervo da família Marroquín Santos

Este é o professor de matemática que se tornou o mágico preferido de meu pai. Seus truques eram muito aplaudidos na fazenda Nápoles.



© Acervo da família Marroquín Santos

Pablo Escobar, meu pai, e jovens; início dos anos 1980.



© Acervo da família Marroquín Santos

A busca por uma nova oportunidade me levou a apresentar cerca de 100 conferências, vistas, no total, por pelo menos 50 mil pessoas.



© Acervo da família Marroquín Santos

Em Nuevo Laredo, mais de mil estudantes escutaram meu colóquio "Pablo Escobar, uma história para não repetir".



© Acervo de Pablo Cubillas

Em Monterrey, proferi uma palestra gratuita para menores de idade, na maioria provenientes de um centro de reclusão.



© Pablo Cubillas

A Comissão de Justiça do Senado mexicano me convidou para compartilhar minhas experiências e as de meu país no que diz respeito à violência associada ao narcotráfico. Aqui, apareço com os legisladores Roberto Gil Zuarth, Luis Fernando Salazar e Víctor Herмосillo Celada.



© Acervo de Pablo Cubillas

Após meu encontro com o Senado mexicano, compareceram a um jantar outros senadores interessados em meu ponto de vista. Aqui, estou ao lado de Blanca Alcalá Ruiz, Mario Delgado Carrillo, Mariana Gómez del Campo Gurza, Luisa María Calderón Hinojosa e Francisco García Cabeza de Vaca.



© Acervo de John Otis

Em conferências, conheci vítimas de meu pai. Ao final de uma palestra em Guadalajara, Inés Sarmiento se aproximou e me disse que seu pai fora sequestrado pelo meu. “Eu sofri com as coisas que seu pai fez”, ela me disse.

CAPÍTULO 13

**O DIREITO A UMA SEGUNDA  
OPORTUNIDADE**

Não foi fácil sair das sombras em que fiquei confinado pelos pecados de meu pai, mas minha vontade de viver sempre foi maior que o medo. Eu tinha 16 anos quando tudo caiu por terra e o mundo fechou as portas para nós. Quando buscávamos oportunidade longe das bombas e da morte, a Alemanha nos expulsou aos chutes de seu território, porque éramos a família do chefe. Na volta à Colômbia, o piloto notificou aos passageiros e à tripulação que o voo precisaria ser desviado, pois a França proibia que os parentes de Pablo Escobar, 2 mulheres e 2 menores de idade, cruzassem seu território aéreo.

Ao aterrissarmos em Bogotá, as autoridades judiciais ameaçaram nos deixar sem escolta se não nos instalássemos no hotel indicado por eles. Para nos privar ainda mais de qualquer alternativa, certificaram-se de que nenhuma companhia aérea nos vendesse passagens. Estávamos proibidos de procurar um lugar onde estivéssemos a salvo. Nem o Vaticano, nem o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, nem as Nações Unidas... Todas as portas estavam fechadas.

Enquanto isso, o governo colombiano e a Promotoria-Geral da União, “preocupados” com nossa segurança, confiavam nossa proteção a criminosos responsáveis pelas desapareções da babá de minha irmã, da nossa professora de arte e cultura, da zeladora do edifício onde vivíamos em Medellín e de 2 funcionários de meu pai.

Depois da morte de meu pai, criminosos acabaram com tudo o que estava no nome de Pablo Escobar. No fim de 1993, os dentes afiados da guerra estavam cravados em nosso pescoço, e pagávamos cada erro cometido por meu pai com dinheiro vivo e bens materiais. Se quiséssemos uma única moeda para nossa sobrevivência, seríamos condenados à morte. Em virtude de terem sido sócios e amigos no passado, os inimigos que herdamos de meu pai conheciam cada um dos bens que as autoridades – e até nós

mesmos – desconhecíamos. Este livro deixa evidente que meu pai nem sempre contava tudo de suas histórias a qualquer um.

Assim, ficamos à mercê do inimigo e de meus familiares paternos, que se uniram a eles para arrancar tudo o que tínhamos. No entanto, hoje sou grato a eles por isso; se não tivesse sido assim, eu não seria um homem verdadeiramente livre, pois continuaria preso ao dinheiro de meu pai. Vimo-nos obrigados a abandonar nosso sobrenome, pois essa foi nossa única chance de escapar. Isso implicou a adoção de uma nova identidade, amparados pela lei e pela vontade de sobreviver. Não foi uma renúncia ao amor por meu pai, mas a única oportunidade para salvar minha vida e a de minha família, recuperar o direito à paz e à educação e nos afastar para sempre de um país que não nos queria e da violência que nos ameaçava. Conto nos dedos da mão os amigos de meu pai que não se aproveitaram nem ficaram com nada – e ainda sobram dedos.

Fugimos para Moçambique, nossa única esperança após um ano de buscas e sofrimento, mas tudo acabou quando percebemos a realidade de um país devastado pela guerra civil, pelas necessidades e pela fome, onde não havia comida nem garantias para os nativos, muito menos para nós. O plano que fizéramos para nossos dez anos seguintes de desvaneceu em quatro dias, de modo que voltamos à América.

A promessa de sair das trevas de uma vez por todas começou a se desenhar em uma cálida manhã, algumas horas antes do Natal, em Buenos Aires, no verão de 1994. Saímos de Maputo com muitas malas e poucas alternativas. Dias antes, eu era o filho do *narco* mais poderoso de todos os tempos, então passei a ser Sebastián Marroquín, só mais um paisano com óculos de nerd, sem dinheiro, sem sequer uma noção mínima de como utilizar o transporte público, sem outro plano além de manter vivos seus familiares.

Durante cinco anos, trabalhamos arduamente para escrever as primeiras linhas de nossa própria história. Estudávamos, conhecíamos pessoas, minha mãe trabalhava, éramos uma típica família latino-americana tentando construir um futuro estável e com um trabalho honesto. Até que, mais uma vez, o sobrenome voltava

para cobrar de nós uma dívida alheia. Nunca concordei com a ideia de que os filhos devam herdar os delitos de seus pais. Dessa vez, a dívida privou minha mãe da liberdade durante quase dois anos pelo único delito que cometemos: o de parentesco, que não é nenhum delito. Minha mãe e eu fomos presos por um complô forjado por um juiz federal, um advogado, um contador e membros da Polícia Federal, todos da Argentina. Embora fosse evidente desde o primeiro dia que se tratava de uma causa judicial planejada para tirar proveito de nossa história familiar à custa de nossa tranquilidade, foram sete anos de investigações exaustivas por lavagem de dinheiro e outros delitos, até que, finalmente, a Suprema Corte argentina ordenasse, após um laudo judicial, o arquivamento definitivo do caso e, com isso, nossa absolvição de todas as acusações. Oito promotores insistiam repetidamente em que o processo estava repleto de incongruências, impropriedades e violações aos direitos humanos.

As sombras em que eu me acostumara a viver por medo de ser reconhecido se dissiparam pouco depois de ficarmos em liberdade. Nessa época, convenci-me de que tinha uma história para contar, uma história a não repetir. Os meios de comunicação que eu tanto temia se tornaram aliados para dizer ao mundo que eu já estava pronto para encarar a história de minha família como um ensinamento para as gerações futuras e me apresentar como prova irrefutável de que cada pessoa tem em suas mãos as ferramentas necessárias para mudar o mundo. Os meios também me ajudaram a pedir desculpas pelos pecados cometidos por meu pai e ganhar uma segunda oportunidade na vida; assim, enfim, fui reconhecido como o que somos todos nós: indivíduo.

O documentário *Pecados do meu pai*, lançado em 2009 após quatro anos de produção, condensava minha primeira experiência de reconciliação com outros filhos que, como eu, ficaram órfãos durante a absurda guerra pessoal de meu pai contra a política tradicional e contra um ministro da Justiça assassinado por denunciá-lo nos anos 1980. Um primeiro encontro com Juan Manuel, Claudio e Carlos Fernando Galán Pachón, filhos do candidato favorito à presidência, Luis Carlos Galán Sarmiento, também assassinado pela organização

de meu pai, e com Rodrigo Lara Restrepo, filho do ministro falecido, foi uma resposta a décadas de angústia e ao cansaço de carregar uma culpa que não era minha.

Além disso, foi uma desculpa para pisar novamente em minha terra, após catorze anos ininterruptos de ostracismo, e visitar pela primeira vez na vida o túmulo de meu pai. Eu pude dizer a ele, entre lágrimas, que o amava e lhe dar o meu adeus final. Eu precisava chorar por meu pai para me desprender definitivamente de seu legado maldito e seguir em busca de uma nova vida, na qual precisaria encontrar uma forma de caminhar pela linha tênue entre o amor por um pai, a apologia a seus crimes e o desrespeito a suas vítimas. É muito complexo encontrar esse equilíbrio em uma cultura como aquela em que cresci, na qual a regra é "honrarás teu pai e tua mãe". É difícil deixar todos contentes e não ofender ninguém com minhas ações, que buscam uma sobrevivência dentro da mais absoluta legalidade.

Filmamos muitas horas na Argentina, na Colômbia e no Equador, desvelando meus medos pela primeira vez em frente às câmeras e refletindo sobre cada palavra para não abrir velhas feridas. Alguns dias após a estreia, em Mar del Plata, comecei a receber convites de diversas partes do mundo para apresentar aquela primeira abordagem de minha história. As portas que haviam se fechado, pouco a pouco, se abriam.

O primeiro país a me conceder visto foi a Holanda, então a Polônia, a Espanha, o Canadá, o Japão, a Bélgica e a Alemanha, onde, durante o Festival Internacional de Cinema de Munique, o diretor do evento, de microfone em punho e diante de um cinema moderno e lotado, pediu desculpas em nome de seu povo por termos sido expulsos do país no passado.

Ao longo de sua trajetória, o documentário foi premiado com 7 distinções internacionais. Sua estreia foi no Sundance Film Festival, nos Estados Unidos, e a imprensa não poupou elogios, porque aquele havia sido o melhor documentário exibido no evento em muitos anos. No Festival de Cinema de Miami, ganhamos outros 2 prêmios, 1 do júri e o outro de eleição popular. No prestigiado Festival de Havana, obtivemos o mesmo reconhecimento. Em Osaka,

no Japão, fomos agraciados como melhor documentário no Latin Beat Film Festival, e jamais me esquecerei da emoção de vê-lo com legendas em japonês. Também fomos premiados no Equador e em outros países, e o filme se tornou o documentário em espanhol mais exibido e assistido da história. Seis anos após sua estreia no cinema, é transmitido quase todos os semestres em canais de TV a cabo. Sua mensagem, portanto, continua tão válida quanto no primeiro dia.

Mas o reconhecimento e as novas histórias que me fariam sentir que aquele esforço pessoal valera a pena ainda estavam por vir. As estatuetas vão e vêm – dou mais valor a experiências como a que vivi em Varsóvia, na Polônia, onde logo após a exibição do filme um jovem que não parava de chorar se aproximou e me disse no ouvido que era filho do chefe de algum cartel polonês e que se dividia entre o amor e a repulsa ao pai. Compartilhei com ele meu entendimento de que nós, filhos, não vínhamos ao mundo com a missão de julgarmos nossos pais, mas de sermos afetos a eles. Se recebia amor genuíno de seu pai, cabia a ele corresponder, sem se transformar em cúmplice do crime por causa disso.

No dia seguinte à estreia comercial do filme, recebi milhares de mensagens pelo Facebook, mas uma em particular me chamou a atenção. Era assinada por outro filho de um chefe do cartel de Cali, também exilado, órfão e estigmatizado como eu. Ele disse que havia assistido ao documentário com sua família e entendia perfeitamente meu ponto de vista. Foi uma surpresa imensa e muito positiva, porque minha mensagem não chegava apenas às vítimas de meu pai, mas também aos filhos de seus eternos inimigos.

As redes sociais me permitem receber mensagens incríveis dos países mais longínquos. Recebo com muita frequência cartas de desconhecidos que confessam ser filhos ou filhas de mafiosos do México, da Índia, da Grécia, da Itália, da Espanha, da Turquia, da Palestina e da Colômbia. Destaco uma dessas mensagens, enviada da Índia: “Olá, Sebastián. Consigo me identificar facilmente com sua vida, porque de certa forma meu pai viveu a mesma coisa. Nem todos têm a força e a coragem de viver após mudanças tão difíceis. De seu admirador, Sudarshan”.

Em Barcelona, o documentário ganhou as primeiras páginas, e os cinemas onde era exibido ficaram abarrotados. As filas eram impressionantes, e muita gente sem ingresso insistia para entrar, mesmo debaixo de chuva. Foi o documentário inaugural do DocsBarcelona, sem dúvidas o melhor festival da cidade.

Foi assim que María José Pizarro soube de minha passagem por Barcelona e deu um jeito de me localizar pela Casa Amèrica Catalunya. Naquela época, ela estava realizando um documentário sobre seu pai, o comandante do M-19 Carlos Pizarro Leongómez, assassinado em 26 de abril de 1990. Certamente ela já sabia que Carlos e Fidel Castaño haviam sido os verdadeiros mandantes da morte de seu pai, não Pablo Escobar como afirmavam as autoridades. Por isso, disse que queria me entrevistar. Acabamos perdendo o contato, mas fiquei contente de saber que, em abril de 2015, o filme sobre seu pai teve uma estreia de sucesso.

Em Vancouver, no Canadá, após projetar minha história na telona, vi o público formar fila e se aproximar do microfone para fazer perguntas. Jamais esquecerei o rosto da primeira pessoa na fila, uma mulher que, por alguma razão, chorava de forma inconsolável. A primeira coisa que consegui dizer foi: "Juan Pablo, posso te dar um abraço?". Após alguns instantes em que nos abraçamos, ela conseguiu me explicar o motivo de sua emoção: era parente de uma das vítimas que viajavam no avião que meu pai mandou explodir no ar em novembro de 1989. Tratava-se de um *Boeing 727* no qual viajaria César Gaviria Trujillo, sucessor de Galán, que não chegou a subir no avião. Era o voo 203 da Avianca, no qual lamentavelmente morreram mais de 100 inocentes.

A calma e a tranquilidade que sucederam o abraço me deixaram muito comovido e, como se não fosse o bastante, a senhora me disse: "Estas são a mãe, a irmã e a sobrinha da vítima". Foi muito difícil para mim confrontar ali a história de meu pai e o rosto de suas vítimas, mas no semblante delas não havia ódio nem rancor contra mim e minha família – o que me deixou ainda mais surpreso, porque era de se esperar o contrário. Elas me agradeceram pelo gesto de me desculpar junto aos Galán e aos Lara, e reiterei meu pedido de perdão pela dor que meu pai lhes havia causado.

Assim, teve início nosso lento processo de reinserção na sociedade global: cada vez mais pessoas nos reconheciam como uma família que também precisou levar nas costas o peso de uma guerra, com parentes mortos e desaparecidos, sequelas físicas e psicológicas, cicatrizes e a necessidade de seguir construindo um ambiente de tolerância, respeito e humildade suficientes para reconhecer que nosso sobrenome era sinônimo de dor.

Quanto mais sessões do documentário *Pecados do meu pai* eram exibidas, mais eu me aproximava da realidade de meu país, mais vítimas de meu pai revelavam para mim sua dor e mais eu me convencia a contar como fora minha vida como primogênito de Pablo Escobar.

Então, decidi escrever. Em pouco tempo, *Pablo Escobar, meu pai* se tornou *best-seller* internacional e, no final de 2016, já havia sido traduzido para mais de 13 idiomas. A obra não foi apenas resultado de uma pesquisa rigorosa que salvou da poeira histórias e depoimentos, mas também de uma confrontação muito íntima e dolorosa com meu próprio passado.

Após a publicação de meu livro, decidi aceitar algumas entrevistas ao vivo na rádio. A primeira delas foi a convite de Andy Kisnetzoff, jovem e bem-sucedido jornalista argentino. Quando entrei no estúdio, havia uma surpresa esperando por mim em uma das linhas telefônicas da emissora. Era Jorge Lara, filho do ministro Rodrigo Lara Bonilla. Fiquei surpreso por ele ter aceitado entrar na entrevista comigo, pois quem havia participado do documentário fora seu irmão, Rodrigo. Até aquele momento, Jorge decidira se manter longe dos meios de comunicação. Para mim, aquela entrevista se tornou uma confirmação pública de que o perdão é uma atitude sábia, sensata e curativa. Milhões de pessoas na Argentina escutaram nosso diálogo naquele inesquecível 19 de novembro de 2014, mas o que chamou atenção foram estas palavras de Jorge:

*Como Sebastián e eu sabemos, nós dois somos vítimas. Pedir desculpas? A mim, parece um gesto muito nobre, porque toma uma posição que não caberia a ele. Caberia*

*ao responsável pelos atos, mas a nobreza é algo que vem de dentro. Temos ou não temos. E Sebastián é uma pessoa muito nobre, porque podem até inventar histórias sobre o que ele fez, sobre o que não fez... Olha, eu sei quem é a pessoa que conheci, sei que é alguém que se posicionou diante de um país onde muitos querem que ele fique calado, onde muitos não querem vê-lo, porque sabem que teve tempo de conversar com seu pai, de viver, e é uma pessoa indesejável para muita gente naquele país – eu até diria no mundo. Mas, pelo que conheci dele, posso dizer que é um cara divertido, simpático, uma pessoa querida, que deu a volta ao mundo falando de paz. E, quando me pede desculpas pelo que seu pai fez, como poderia recebê-lo senão de braços abertos, dizendo: "Cara, nós dois somos vítimas, mas sinto que você é mais vítima do que eu, porque infelizmente precisa carregar a lembrança de que hoje, quando pensam em Escobar, as pessoas pensam no terror"? Admiro Sebastián, porque ele deu a cara a tapa. Quantos filhos de muitas pessoas que também estavam envolvidas com o narcotráfico não se esconderam ou continuaram fazendo o que os pais faziam? Sebastián, não. [...] Então, quando ele me pede desculpas, o que posso dizer? Vamos falar do que aconteceu, e não me peça desculpas! Vamos mostrar que sim, é possível, e que o rancor não leva a nada!*

Jorge não apenas aceitou minha amizade, como também foi graças a ele que obtive um dos reconhecimentos mais importante e significativos de minha vida. Quando estávamos em Madri, ele me apresentou a Mercedes, amiga de sua família desde os anos de exílio após a morte de Rodrigo Lara Bonilla. Ela estava emocionada com a mensagem de reconciliação presente no documentário e se ofereceu para levá-lo à Organização das Nações Unidas (ONU).

Os meses se passaram, e com eles se foi a esperança de que a ONU se envolvesse comigo ou com o documentário, até que, após trocar diversos e-mails com Carlos Jiménez Rengifo, responsável

espanhol no Centro Regional de Relatórios das Nações Unidas para a Europa Ocidental, foi aprovada a exibição do filme em 21 de setembro de 2010, por ocasião da celebração do Dia Internacional da Paz. A sessão ocorreria no Instituto Goethe de Bruxelas, na Bélgica. Nesse dia, foi projetada uma mensagem do secretário-geral Ban Ki-moon gravada especialmente para a ocasião. O auditório estava cheio, e muitos queriam participar e fazer perguntas. Eu jamais teria imaginado que meu nome pudesse ser dito na Europa durante um evento das Nações Unidas. Eu era filho de Pablo Escobar e agora estava sentado na mais importante tribuna de defesa dos direitos humanos e da paz mundial.

Aquela experiência também me levou à Cúpula Ibero-Americana da Criatividade, em Avilés, no norte da Espanha, na penúltima semana de julho de 2011. Era um encontro no qual cineastas, atores e delegados das Nações Unidas debateriam o combate às drogas, a igualdade de gênero, o tráfico de pessoas e a preservação do meio ambiente.

Meu posicionamento não é segredo: defendo abertamente a legalização e a regulamentação das drogas, pois seria a única maneira de acabar com a rentabilidade do narcotráfico, que patrocina grande parte da violência no planeta, a venda de armas no mercado negro, a corrupção e a infiltração nas instituições do Estado graças a seu alto poder econômico. Então, falei com um oficial de alto escalão no combate às drogas das Nações Unidas, que me foi apresentado como um dos maiores especialistas em questões ligadas ao narcotráfico do mundo. Embora nossas opiniões sejam em grande parte concordantes, na hora do encerramento o oficial me disse que, infelizmente, sua opinião pessoal não mudava em nada as coisas em seu trabalho. Como era de se esperar, o oficial passou a conferência inteira defendendo o enxugamento de gelo que se tornou a luta global contra o tráfico de drogas. Segundo as Nações Unidas, hoje existem mais de 500 novas substâncias (nem todas consideradas ilícitas) disponíveis no mercado. Se compararmos com a pequena variedade disponível nos anos 1980, temos uma indicação clara de que o crescimento exponencial é inevitável. Precisamos aprender a viver com a realidade de que todos são

viciados em potencial, mas, com valores mais humanos e uma educação adequada desde cedo, podemos enfrentar esse problema com êxito e minimizar o impacto da epidemia.

Em minha apresentação, convidei os presentes a se libertarem do preconceito e pedi que fechassem os olhos e imaginassem por um momento um mundo em que a pizza fosse proibida. Escutei todos os presentes rindo ao mesmo tempo, então expliquei que, se a pizza fosse proibida, a qualidade iria cair diante da impossibilidade legal de ser controlada pelo Estado. Ao mesmo tempo, seu preço aumentaria, bem como a margem de lucro de quem ousasse traficar fatias de muçarela. Também observei que, como muita gente que come pizza, a demanda continuaria crescendo, e muitos estariam dispostos a matar para dominar o mercado. O ideal, concluí, seria continuar vendendo drogas sem restrições e de forma legal. Assim, os *narcos* parariam de acrescentar vidro moído para aumentar o volume da cocaína, ampliando sua rentabilidade em detrimento da saúde do consumidor. Defendi a educação como o maior recurso disponível para enfrentar o problema de maneira eficaz, mensurável, sustentável e economicamente viável. Lembrei-os de que meu pai me educou assim aos 8 anos de idade. E os resultados foram surpreendentes, pois eu era a criança com maior acesso às drogas em toda a Colômbia, mas só me atrevi a experimentar maconha aos 28 anos de idade. Contudo, mesmo com tantos anos de bom comportamento na solidão do exílio, o espaço concedido por muitos países ainda não foi devolvido por meu país de origem.

O documentário e o livro mostraram entrevistas e questionamentos duros. Estou disposto agora, como sempre estive, a responder por eles e me responsabilizar pelas palavras que digo ou escrevo. Mas as publicações também criaram oportunidades inexistentes até então, como minha vontade de ser pai.

Minha esposa e eu queríamos um filho, mas sabíamos que ele também poderia ser perseguido em razão dos crimes de seu avô. Não nos parecia justo, e precisamos mudar muitos aspectos da vida antes de começarmos a cogitar essa ideia. Sem dúvidas, os efeitos positivos do documentário pesaram quando nos permitimos viver essa experiência. Não foi fácil. Embora não existisse nenhum

problema do ponto de vista clínico e os médicos garantissem que não havia impedimentos físicos, os dias passavam e a notícia da gravidez não vinha.

Viajamos à Colômbia para ver se algum tratamento daria resultados. Minha esposa foi submetida a uma intervenção cirúrgica, mas precisamos retornar a Buenos Aires com uma nova decepção, após uma tentativa de inseminação *in vitro*. Eu havia planejado uma segunda viagem ao Canadá e contava com um visto temporário de trabalho, grande conquista para mim, para participar de uma conferência a convite da Sociedade John Howard, instituição com mais de 150 anos de história que apoia ex-presidiários em processo de reinserção social e econômica. Uma noite antes da viagem, após cinco anos de tratamentos infrutíferos, concebemos nosso filho, com a permissão de Deus.

Hoje, Juan Emilio pergunta tudo, mas tomei a decisão de contar a ele a história de maneira gradual. Sem ambiguidades nem panos quentes, a seu tempo, de acordo com sua idade.

Quando tinha apenas 1 ano e meio de idade, perguntamos a ele onde estava o vovô Pablo. O garoto se levantou, apontou para uma fotografia de meu pai, pegou-a e, depois de sentar, deu um beijo no retrato. Quero que tenha uma relação de amor com o avô, e por isso as viagens de aventura, as motos, as corridas de carro, os animais do zoológico da fazenda Nápoles e todas as loucuras de aparelhos motorizados recheiam as histórias e fotos que compartilho com ele diariamente. Sinto que meu papel como pai era um dever pendente. Respeito aqueles que odeiam Pablo Escobar, mas ele era meu pai e peço respeito a meu direito de amá-lo enquanto filho.

Imaginando como contar a Juan Emilio a história das guerras de seu avô e da dedicação de seu pai à paz e à reconciliação, escrevi para ele uma dedicatória em *Pablo Escobar, meu pai*, no dia 15 de fevereiro de 2015. Tenho certeza de que apenas com a verdade será possível garantir que os erros não se repitam e que meu filho possa viver sem carregar a culpa de ninguém.

*Juan Emilio, querido filho de minha alma. Você tem em mãos a história verdadeira de seu avô Pablo. Esta é a única*

*história – não se deixe enganar pelas outras versões, que foram todas distorcidas. Nestas páginas há não apenas uma, mas milhares de histórias e experiências de vida que espero e peço que você jamais repita, pois nós já vivemos e sofremos tudo isso. Suplico a Deus que você não viva nada semelhante e que extraia delas apenas um legado positivo, de paz e bem para você e para toda a humanidade.*

*Você não deve ler meu livro por obrigação, mas para conhecer melhor do que ninguém essas histórias que também são nossas, de seu avô, da família e minha, para não cometer os mesmos erros e não a repetir.*

*Não deixe que suas origens o definam enquanto pessoa ou homem, pois nosso maior ato de valentia, humildade e humanidade é nos dedicarmos à paz em vez de à violência.*

*Viva em paz com sua consciência, sua alma e seu coração; seja um homem bom, é esse o dever de cada ser humano. Não se dedique a nenhum ato de maldade nem ilicitude, você tem talento demais para desperdiçá-lo assim.*

*Este é o testemunho de minha vida ao lado do melhor pai do mundo: Pablo Escobar, seu avô. Mas também é um testemunho que dá uma visão eloquente das consequências nefastas que decisões e escolhas pessoais equivocadas podem trazer para um ser humano, sua família e seu país.*

*Nos diversos caminhos que a vida vai lhe propor, você aprenderá que precisamos escolher entre o Yin e o Yang. Certa vez, meu pai também me disse que nem tudo o que parece pecado aos olhos dos homens também o é aos olhos de Deus. O amor incondicional que sinto por seu avô tampouco me cegou ou privou do desejo de reconhecer diante do mundo as coisas boas e ruins que ele fez. Lamento que você tenha perdido o privilégio de conhecer seu avô, porque com a família ele foi o homem mais amoroso do mundo. Vivi isso desde que nasci. Senti, vivenciei, observei-o e fui leal a ele até sua morte, assim*

*como você deverá ser conosco, seus pais, e com seus amigos.*

*Se você se mantiver leal a si mesmo, nada lhe faltará. Jamais confie em seus parentes por parte de avô, pois no coração deles só existe maldade. Não se deixe encantar por seu falso amor, viva longe deles e de sua escuridão, porque eles rifaram seu avô e sua avó Tata, bem como sua tia Juana e também a sua mãe e a mim.*

*Viva com boa-fé e otimismo e persevere da forma como seu avô dizia: "Mantendo firme o espírito de luta", mas somente pelas coisas nobres da vida.*

*Tome muito cuidado em sua vida e lembre-se de que não podemos mudar o passado, mas, sim, o presente e o futuro.*

*Sinto um amor indescritível e incomensurável por você, que só entenderá isso quando for pai. Sou incondicional para você, somos e seremos para sempre os amigos mais leais. Sou o que sou por você e para você. De seu pai, que o ama infinitamente e compartilha de todo o coração aquilo que sabe e viu. Com amor, J. E. Bendito seja, meu nobre ratinho. De seu pai, Juan Pablo Escobar.*

E assim autografei meu primeiro livro, com meu nome original, porque não queria que meu filho tivesse dúvidas nem mesmo sobre minha identidade. Agora sou Sebastián Marroquín, e minha grande tarefa é ensiná-lo a diferenciar o passado do presente e do futuro.

Este segundo exercício de escrita me permitiu reconhecer as oportunidades que surgiram depois que decidi sair das sombras, depois de tomar a decisão de contar as histórias em que peguei meu pai em flagrante e, de passagem, a minha, que é diferente, porque se baseia em minhas convicções de paz.

Deixei de ser o rapaz que não conhecia ninguém além de bandidos como Chicha, Séforo, Cejitas, Icopor, la Yuca, el Flaco, Pinina, Otto e Chopo, entre muitos outros, para me rodear de ativistas, defensores dos direitos humanos, vítimas percorrendo um

caminho de perdão e reconciliação, senadores, políticos, banqueiros, presidentes, cientistas, artistas, filantropos e escritores.

Assim, à medida que o livro se tornava conhecido em cada vez mais lugares, entrei no mundo das conferências. Dei meus primeiros passos em Buenos Aires, quando a deputada Margarita Stolbizer, integrante da Comissão de Vícios e Controle do Narcotráfico da Câmara de Deputados, convidou-me para participar de um painel de conferências e compartilhar experiências com diversos setores da sociedade na presença do Instituto de Estudos para uma Nova Geração (i-GEN). Naquela ocasião, eu disse que, se fosse comparado aos traficantes da atualidade, meu pai “pareceria uma criança de fraldas”, e claro que isso foi um grande escândalo. Os meios de comunicação classificaram minhas palavras como desatino, quando na verdade desconheciam o crescimento do tráfico e do consumo de drogas ao redor do mundo.

Um importante banco do Brasil me convidou para dar uma palestra em São Paulo quando meu primeiro livro foi traduzido para o português. O evento foi marcado no mesmo horário de uma partida de futebol da seleção brasileira. O auditório estava cheio, mas 5 pessoas me chamaram a atenção pela maneira de se vestir e porque estavam com bonés de diferentes cores. No dia seguinte, eu soube que eram alguns dos principais membros do Primeiro Comando da Capital, o PCC, talvez o maior cartel de narcotráfico da cidade. Foram ao local para escutar minha fala, e eu apresentei referências e reflexões sobre a vida de meu pai.

Poucas semanas depois, a Secretaria de Esportes, Juventude e Prevenção de Vícios do Governo de La Rioja, na Argentina, convocou-me para um ciclo chamado “Cine-Denate”, no qual a polícia local, funcionários do governo, pessoal de escolas e de outros setores falaram durante uma semana sobre as lições de vida deixadas pelo narcotráfico. Fiquei impressionado quando, em seu discurso inaugural, o vice-governador não poupou elogios a meu trabalho como promotor da paz.

Vivenciei um episódio simpático com Jared Cohen, diretor do Google Ideas, que me convidou por e-mail para uma conferência em Los Angeles, como parte de um ciclo que eles batizaram de “Redes

ilegais, forças em oposição”. Ele me disse que interviria em meu favor para conseguir um visto norte-americano, mas eu lhe expressei minha desconfiança, porque em 2010 já me haviam concedido um visto de 5 anos que acabou cancelado 3 dias depois. Como era de esperar, crente que a influência do Google renderia um visto, fui à embaixada norte-americana em Buenos Aires, mas a funcionária que me recebeu – uma loira vestida de uniforme impecável e olhar penetrante – me jogou um balde de água fria.

— O que o senhor está fazendo aqui? Não sei por que veio, se sabe que não vamos lhe conceder um visto.

Fiquei sem palavras e saí de lá praguejando pelos 140 dólares que entreguei de bandeja à embaixada. No fim das contas, acabei na sede do Google em Puerto Madero, de onde realizamos uma videoconferência.

A Cúpula Ibero-Americana da Criatividade me traria mais surpresas por meio de Pilar Varela, prefeita de Avilés, na Espanha, que me recebeu em particular e me convidou para visitar uma prisão próxima no dia seguinte, oferecer uma palestra gratuita e conhecer de perto um novo programa de redução da violência e aprimoramento da convivência interna. No encontro com os presos da unidade terapêutica do centro penitenciário de Villabona, falei de minhas experiências; chegada a hora das perguntas, um preso pediu a palavra e disse:

— Por que você não fala aos companheiros sobre o aterro de Moravia?

— Desculpas, não entendi bem — respondi, desconcertado.

— Refiro-me ao lixão municipal de Medellín no setor de Moravia, onde viviam 5 mil famílias que seu pai presenteou com mais de mil casas. Minha família e eu fomos um dos beneficiados com o programa Medellín sin Tugurios.

Eu imaginava qualquer coisa, menos encontrar em uma prisão remota da Espanha, no outro lado do Atlântico, um preso grato a meu pai.

Uma das conferências em que me senti mais fora de lugar foi realizada na ilha de Barbados, quando me convidaram para a Cúpula da Vigilância Sanitária da Bacia Costeira do Caribe e de Segurança

Marítima, Cabsec 14, à qual compareceram autoridades governamentais, militares e marítimas do Caribe, dos Estados Unidos e do Canadá. Eu era praticamente o único civil, mas não pude comparecer porque, naquele momento, estava em Magdalena Medio conversando com diversas pessoas para este livro, de modo que optamos por uma videoconferência.

Após concluir minha fala, já nas perguntas, um general de uniforme do Exército de meu país se levantou. Pensei que me diria as piores coisas, mas, pelo contrário, ele pediu desculpas em nome de sua instituição pela forma como se deu a guerra contra minha família durante a perseguição a meu pai. Agradei pela mensagem e respondi que me sentia otimista com essa mudança de postura em nossas forças de manutenção da ordem.

O enorme e poderoso Banco Itaú, do Brasil, contratou-me para uma conferência com os mais altos executivos regionais em um hotel com vinhedos próprios na província de Mendoza. Banqueiros de quase todos os países da América Latina tiraram fotos comigo e ficaram comovidos com minhas histórias. Aproveitei a oportunidade para manifestar a eles a importância de uma conta bancária para os cidadãos e pedi que demonstrem legalidade e transparência junto à sociedade. Fiz esse comentário porque, nas últimas duas décadas, instituições bancárias fecharam contas minhas em diversas ocasiões apenas porque sou filho de Pablo Escobar.

O México se tornou um grande ponto de apoio para minha vida e minhas mensagens de paz para a juventude; por isso, sou convidado a ir até lá com certa frequência. A Comissão de Justiça do Senado da República Mexicana me convocou para dar uma palestra sobre "As consequências do narcotráfico em nossa sociedade e na família". A mesa de mediação era encabeçada pelo senador Roberto Gil, que se manifestou a favor da legalização da maconha no país. Surpreendeu-me ver uma enorme faixa pendurada nas paredes daquela instituição tão respeitada: "Encontro da Comissão de Justiça com Sebastián Marroquín".

Guadalajara é uma cidade que aprecio pela gentileza de seu povo e por sua semelhança com minha cidade natal, Medellín. Não só tive a honra de exibir lá meu documentário, como também fui

convidado a apresentar meu livro durante o festival local de cinema. Um tempo depois, convidaram-me para o primeiro fórum internacional de Jovens Empreendedores na Expo Guadalajara, onde fiquei intrigado ao ver meu rosto no logotipo ao lado do então procurador da Colômbia, Alejandro Ordóñez, e do ex-presidente Álvaro Uribe, que esteve presente por videoconferência.

O dia 23 de outubro de 2015 foi memorável para mim. A organização Convivência sem Violência me convidou para ser orador no Fórum de Jovens 2015, onde proferi minha conferência “Uma história para não repetir” diante de 3.500 jovens de 100 escolas da Cidade do México, no moderno centro de exposições Expo Bancomer Santa Fe. Ver os jovens entenderem minha mensagem com clareza e participarem com perguntas foi muito gratificante, como também foi a interminável fila para fotos e autógrafos.

Às vésperas de terminar este livro, dei uma palestra para 1.400 alunos do colégio Kipling, no México. Reparei que os estudantes receberam bem a mensagem, mas fiquei um pouco irritado quando comentaram que quatro famílias colombianas cujos filhos estudavam na instituição os haviam proibido de assistir ao colóquio. Quando concluí minha fala, pedi que fizessem o favor de compartilhar meus ensinamentos com seus colegas colombianos, cujos pais agiram assim movidos pelo preconceito.

El Salvador também não foi exceção: fui convidado a participar de três eventos em prol da paz organizados pela Fundação Mulher Legal, e mesmo assim algumas pessoas que alegavam pertencer ao corpo diplomático de meu país telefonaram solicitando o cancelamento do evento, que consideravam uma apologia ao delito. Nem se incomodaram em averiguar que o título de minha palestra era “Pablo Escobar, uma história para não repetir”.

Ainda assim, compareceram à palestra 2 mil alunos do Instituto General Francisco Menéndez, o Inframen – entidade educativa que se esforça para se destacar, mas tem um estigma forte devido a histórias de droga e violência. Fiquei comovido com os aplausos mais calorosos e emotivos que já recebi de um público jovem. Foi importante conhecer de perto a realidade de um fenômeno que afeta todo o país: as chamadas *maras*, ou quadrilhas.

Vinte e três anos se passaram desde a morte de meu pai e o exílio a que fomos submetidos, mas hoje considero que um bom número de países nos deu novos ares. O mesmo não aconteceu na Colômbia, onde os intolerantes ainda são maioria.

Enquanto termino este segundo livro, o país se debate entre o término de um conflito de cinco décadas e a visão daqueles que acreditam que a submissão por meio da força e a rendição são as únicas saídas para uma guerrilha em que só resta o orgulho individual. Em uma votação histórica na qual se pretendia referendar os acordos de paz entre o governo do presidente Juan Manuel Santos e a guerrilha das Farc, o povo colombiano se manifestou contrário ao acordo que garantiria o fim da guerra e das matanças sistemáticas e ininterruptas. Cinco dias depois, em outra guinada inesperada da vida, o presidente da República foi reconhecido com o Prêmio Nobel da Paz de 2016, em um gesto claro de apoio da comunidade internacional a seu esforço e a sua determinação em acabar com o conflito.

Como é possível que sigamos recusando a possibilidade de viver em paz, sigamos acostumados ao medo e, assim, impossibilitemos uma transição para a esperança, o direito, a responsabilidade e a obrigação moral cotidiana de viver em harmonia? A tão alardeada unidade nacional precisa se tornar realidade, e os consensos devem levar o barco da reconciliação a um porto seguro.

Eu acredito nessa Colômbia, porque a entendi aos poucos. Procuo me refugiar na esperança e na boa-fé, acreditando que os caminhos se abrem lentamente. São eloquentes as palavras das vítimas do horror de meu pai – como, por exemplo, as de Francisco Santos, ex-vice-presidente da Colômbia que sofreu um sequestro escabroso em 1991, quando ficou 242 dias acorrentado a uma cama. Em uma entrevista concedida em 18 de setembro de 2016 ao jornalista norte-americano John Otis, da National Public Radio (NPR), Santos refletiu:

— Quando mataram Pablo, Marroquín era um garoto de 16 anos com um grande fardo para carregar pelo resto da vida. Um fardo pelo qual ele não era responsável. Ele quer seguir adiante. Não vemos exemplos como esse com muita frequência. Pelo contrário,

vemos [familiares de criminosos] justificando seus crimes e o porquê de as coisas terem sido feitas. Ele não.

Leia também o primeiro livro do autor, *Pablo Escobar – meu pai*, best-seller no Brasil e na Colômbia.



1. Tomei conhecimento da existência de Max Mermelstein no dia em que vi meu pai com cara de preocupação ao lado de Fidel Castaño, Francisco (Kiko) Moncada e Fernando Galeano. Cada um tinha em mãos um exemplar do livro *El hombre que hizo llover coca*, com inúmeras anotações e marcadores de páginas. Estávamos em um esconderijo conhecido como A Ilha, na represa de El Peñol, em Antioquia. Àquela altura, o cartel já havia sofrido sua primeira grande baixa: Gonzalo Rodríguez, o Mexicano, abatido pela polícia em 15 de dezembro de 1989.

2. No dia em que recebi meu visto, telefonei para minha mãe para compartilhar a boa notícia, e ela disse: “Ah, se deram para você, então devem dar também para mim e sua irmãzinha”. Ela marcou um horário para si e outro para a minha irmã (contra a vontade dela) para que pudessem ir juntas solicitar o visto na embaixada. Embora estivesse perplexo com a intenção de minha mãe, consegui que enviassem para ela cartas de convite dos Estados Unidos semelhantes às minhas para que fossem apresentadas como documentos de apoio. A presença de minha mãe e minha irmã na embaixada acabou soando os alarmes relativos à obtenção de meu visto, o que levou ao cancelamento: “*Cancelled without prejudice*” [Cancelada sem prejuízo]. “Senhora, como passou por sua cabeça vir pedir um visto?”, sentenciou uma agente uniformizada da embaixada.

3. A explosão deixou uma cratera de 4 metros de profundidade e 10 de diâmetro. Duas pessoas morreram; uma delas foi Miguel, o vigilante que ficava nos fundos do edifício. Um dos *capos* de Cali, Hólmer “Pacho” Herrera, contratou 2 sujeitos, entre eles Germán Espinosa, o Índio. Meu pai ofereceu 3 milhões de dólares como recompensa por informações de seu paradeiro, e pouco tempo depois o Índio foi localizado e assassinado em Cali por um casal de jovens que recebeu o montante oferecido.

4. O atentado contra Roberto Escobar ocorreu em 19 de dezembro de 1993, duas semanas após a morte de meu pai. Ficou gravemente ferido nos olhos e no rosto quando abriu um envelope de papel pardo que supostamente continha um documento enviado de Bogotá pela procuradoria-geral.

# Table of Contents

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1. NA PISTA DE BARRY SEAL

CAPÍTULO 2. O ETERNO DRAMA DE SERMOS "FILHOS DE..."

CAPÍTULO 3. "ESSE HOMEM TEM MAIS VIDAS QUE UM GATO"

CAPÍTULO 4. NOVAS VERSÕES DE VELHAS HISTÓRIAS

CAPÍTULO 5. SANTOFIMIO

CAPÍTULO 6. MEU PAI E MALÉVOLO

CAPÍTULO 7. AS ÚLTIMAS HORAS DE MEU PAI

CAPÍTULO 8. A ROTA DO "TREM"

CAPÍTULO 9. O TESOUREIRO DE MEU PAI

CAPÍTULO 10. FINEVERY

CAPÍTULO 11. ANEDOTÁRIO

CAPÍTULO 12. AS NARCOSSÉRIES E MEU PAI

CAPÍTULO 13. O DIREITO A UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE